PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

ANGELO ESTEVAM BARBOSA NETO

DESTE LADO DO RIO TAMBÉM TEM HISTÓRIA: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA ZONA NORTE DE NATAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

2023

ANGELO ESTEVAM BARBOSA NETO

DESTE LADO DO RIO TAMBÉM TEM HISTÓRIA: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA ZONA NORTEDE NATAL

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Magno Francisco de Jesus Santos

NATAL/RN

2023

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRNSistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Barbosa Neto, Ângelo Estevam.
Deste lado do rio também tem história: uma proposta de educação patrimonial na zona norte de Natal / Ângelo Estevam Barbosa Neto. - 2023.
176f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grandedo Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programade Pós-graduação em Ensino de História, Natal, RN, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Magno Francisco de Jesus Santos.

1. Educação Patrimonial. 2. Ensino de História. 3. Zona Norte de Natal (Rio Grande do Norte). I. Santos, Magno Francisco de Jesus. II. Título.

Elaborado por Ana Luísa Lincka de Sousa - CRB-15/748

ANGELO ESTEVAM BARBOSA NETO

DESTE LADO DO RIO TAMBÉM TEM HISTÓRIA: UMA PROPOSTA DEEDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA ZONA NORTE DE NATAL

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora:

Prof. Dr. Magno Francisco de Jesus Santos (Orientador)PPGEH/UFRN

Prof.ª Dra. Margarida Maria Dias de Oliveira (Membro Interno)PPGEH/UFRN

Prof.ª Dra. Thábata Araújo de Alvarenga (Membro Externo)
PPGEH/UFPB

Prof. Dr. Roberto Airon Silva (Membro Interno Suplente)
PPGEH/UFRN

Prof. Dr. Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior (Membro Interno Suplente)
PPGEH/UFRN

À minha filha Lygia Louise, que faz a minha vida mais colorida com o seu sorriso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e pela oportunidade de contribuir para criar um mundo melhor através da educação.

Aos meus pais, José Barbosa e Francisca Pereira Barbosa, que me ensinaram a amar os livros e a me dedicar aos estudos. Minha mãe que não pode estudar, mas que aprendeu com a vida a mais valiosa de todas as lições: estudar sempre. Meu pai, leitor voraz que amava a Históriae que tinha muito orgulho da minha profissão, minhas eternas saudades. Neste ano de 2023, quecompleta dez anos do falecimento dele, ele continua vivo na minha mente, no meu coração e em cada linha deste trabalho.

Aos meus professores, do Jardim de Infância ao ProfHistória, por todo conhecimento compartilhado, pelo incentivo que me deram e por terem me inspirado a seguir esta nobre e desafiadora profissão.

À minha esposa Maria Elanilda e aos meus filhos Angelo Augusto, Victor Hugo e Lygia Louise pela ajuda, carinho e paciência ao longo desta jornada.

Aos gestores e professores das escolas em que trabalho, Arquiteta Elizabeth de Fátima e Professor Amadeu Araújo, pela compreeensão com horários, prazos, pela força que me deram e pelas convesas nos intervalos, que me fizeram rir e relaxar nos momentos mais difíceis.

Aos professores do ProfHistória pelas aulas ministradas, pelo conhecimento compartilhado e pela oportunidade de crescimento pessoal e profissinal.

Ao meu orientador, professor Dr. Magno Francisco, pela sua valiosa e paciente orientação, pela maneira elegente de apontar meus equívocos, pelas palavras de incentivo e pela sua disponibilidade. Obrigado por ter acreditado na minha capacidade, por ter dedicado seu tempo na orientação deste trabalho e por ter me ajudado a chegar ao fim desta jornada.

Aos meus queridos colegas de turma, pelo clima solidário, pelos trabalhos, sonhos e cafés compartilhados, pela maravilhosa convivência real e virtual e pela oportunidade de conhecer novos amigos e colegas professores. Ao colega de turma Árison Rodrigo, que teve sua vida abrevida de modo tão violento, obrigado pela oportunidade de ser seu amigo, mesmo que por pouco tempo, ofereço este trabalho como uma homenagem singela e sincera.

Aos meus alunos, em especial a turma do 8º ano A matutino, de 2023, da Escola Municipal Professsor Amadeu Araújo, que participaram ativamente deste trabalho.

Meu muito obrigado a todos e todas que me ajudaram.

RESUMO

O presente trabalho pretende construir uma proposta de Educação Patrimonial na Zona Norte de Natal, levando em consideração uma discussão sobre patrimônio, sua abrangência e possibilidades, a valorização das temáticas locais da História e a participação ativa dos alunos neste processo. Através de uma discussão sobre as noções de patrimônio e de um inventário participativo dos bens culturais desta região, em sala de aula com os meus alunos pretendo criar um roteiro de aulas de campo sobre os bens culturais materiais e imateriais da Zona Norte. Além da importância da Educação Patrimonial em sala de aula para estimular a consciência histórica dos alunos, de mobilizar a aprendizagem significativa e a construção e reconstrução, em conjunto com eles, dos saberes coletivos, pretendo também que os alunos construam relações de pertencimento com estes bens e a ,comunidade na qual estão inseridos.

Palavras-chave: Educação Patrimonial, Ensino de História, Zona Norte de Natal.

ABSTRACT

This research aims to build a Heritage Education Proposal in the North Zone of Natal, taking into account a discussion about heritage, its coverage and possibilities, the appreciation of local thematics in History and the active participation of students in this process. Through a discussion about notions of heritage and of a participative inventory of cultural goods of this region, in class with students, I plan to create an itinerary of field classes about material and immaterial cultural goods of the North Zone of Natal. Besides the importance of Heritage Education in the classroom to motivate the historic awareness of students, to mobilize the meaningful learning and construct and reconstruct the collective knowledge, along with them, I also plan the students may build relationships of belonging to these goods and the community in which they are located.

Keywords: Heritage Education, History Teaching, North Zone of Natal.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **10**

CAPÍTULO 1

1 O LOCAL, A ESCOLA E AS SUAS RELAÇÕES COM O ENSINO DE HISTÓRIA E COM A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL **28**

1.1 A Zona Norte de Natal **29**

1.2 A **Escola Municipal Professor Amadeu Araújo** **51**

CAPÍTULO 2

2 ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL **66**

2.1. Educação Patrimonial e ensino de História: histórico e possibilidades **66**

2.2. Educação Patrimonial em sala de aula **73**

2.3. Inventário participativo dos bens materiais e imateriais da Zona Norte de Natal **80**

CAPÍTULO 3

3 PRODUTO PEDAGÓGICO **106**

3.1 O roteiro de aulas de campo **106**

3.2 Os bens culturais materiais **109**

3.2.1. As pontes de Igapó **110**

3.2.1.1 ROTEIRO DE AULA DE CAMPO I - Ponte do Potengi (Ponte de Ferro de Igapó) e Ponte Presidente Costa e Silva - (Ponte De Igapó) **114**

3.2.2. A Universidade Estadual do Rio Grande do Norte **117**

3.2.2.1. ROTEIRO DE AULA DE CAMPO II - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN **119**

3.2.3 A Ponte Newton Navarro **122**

3.2.2.1 ROTEIRO DE AULA DE CAMPO III - Ponte Newton Navarro - (Ponte Nova) ... **125**

3.3 Os bens culturais imateriais **127**

3.3.1. Nomenclatura das ruas de Nova Natal **128**

3.3.1.1. ROTEIRO DE AULA DE CAMPO IV - Nomenclatura das ruas do conjunto habitacional Nova Natal **129**

3.3.2. A Música Zona Norte, Zona Sul **132**

3.3.2.1. ROTEIRO DE AULA DE CAMPO V - A música Zona Norte, Zona Sul **136**

3.3.3. O desfile cívico do Bairro Lagoa Azul **140**

3.3.3.1 ROTEIRO DE AULA DE CAMPO VI - O desfile cívico do bairro Lagoa Azul **143**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **149**

REFERÊNCIAS **151**

APÊNDICE **162**

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objetivo a criação de uma proposta de Educação Patrimonial na Zona Norte de Natal, tema ligado à minha prática pedagógica em sala de aula e que pretendo discutir com os meus alunos. Uma das exigências do Mestrado Profissional em Ensino de História, PROFHISTÓRIA/UFRN, é justamente que os participantes, professores de História da Educação Básica, pesquisem sobre um tema ligado às suas inquietações pedagógicas, dificuldades na condução do trabalho em sala de aula e estratégias que contribuam para melhorar este desempenho e que possam servir de auxílio para outros professores.

Faz quinze anos que leciono como professor de História da Educação Básica na Escola Municipal Professor Amadeu Araújo, situada no conjunto habitacional Nova Natal, Bairro Lagoa Azul, Zona Norte de Natal. Além de atuar nesta escola, sou morador da Zona Norte de Natal desde 1977 e cresci junto com a região, vivenciando a sua história e as mudanças que ocorreram nesta parte da cidade.

Uma das principais inquietações presentes no meu trabalho pedagógico diz respeito à invisibilidade patrimonial da Zona Norte de Natal, principalmente no que diz respeito às aulas de campo das escolas da região. Ciente desta lacuna, pretendo criar, em conjunto com os meus alunos, um roteiro para aulas de campo nesta região da cidade.

Além de conferir sentido às aulas de História, no tocante às especificidades locais, penso que é importante dar visibilidade patrimonial a esta região da cidade e, ao mesmo tempo, discutir os condicionantes desta situação de invisibilidade patrimonial da Zona Norte de Natal, dando ênfase às alternativas possiveis para superar esta realidade. Acredito que este trabalho pode estimular sentimentos de autoestima junto aos alunos e posteriormente nos moradores da região e incentivar ideias de preservação patrimonial.

Ingressei no curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em 1996. Na época, o curso congregava as especialidades de bacharelado e licenciatura, o que provocava acalorados debates sobre a inevitável dicotomia ou integração entre a formação do professor e do pesquisador. O curso estava estruturado em uma matriz linear que incluía, de um lado, as disciplinas como Pré-História, História Antiga, História Medieval, História Moderna, História Contemporânea e História do Brasil I, II, III e IV. Por outro lado, havia as disciplinas pedagógicas, a cargo em geral dos professores do Departamento de Educação, como Didática e Prática de Ensino de História, na qual era feito o estágio obrigatório em instituições de ensino.

Sobre meu ingresso na UFRN, lembro-me da alegria e angústia de meus familiares,

que estavam felizes pela minha conquista, mas preocupados com as dificuldades e a desvalorização ligada à profissão de professor. Estas dificuldades também foram experimentadas pelo historiador Maurice Aguilhon, que em sua obra Ensaios de Ego história, declarou que seu pai:

> Todavia não teria querido que eu fosse professor primário. Acerca da sua profissão, ele tinha com efeito, uma ideia ao mesmo tempo muito elevada e muito triste: essa profissão magnífica, maravilhosamente útil e composta por homens e mulheres de escol[1] - tal era a imagem que tinha, não era suficientemente bem paga e nem considerada. O professor primário para ele era ao mesmo tempo um apóstolo e simplório (In: NORA, 1987, p. 15- 16).

As disciplinas que mais contribuíram para o meu aprendizado e para a minha formação de professor e pesquisador foram História do Rio Grande do Norte I e II, Didática e Pesquisa Histórica I e II.

As disciplinas História do RN I e II foram relevantes porque aprendi mais sobre a história da minha cidade e do meu estado. Pude também observar os desdobramentos dos acontecimentos e processos históricos da História do Brasil e do mundo, a partir do ponto de vista local. Com isto, aprendi a valorizar as temáticas locais da história e ver suas conexões com as outras histórias e o protagonismo revolucionário local, como no caso da Insurreição Comunista de 1935. Além de momentos históricos em que o nosso estado teve uma importância maior para o país como, por exemplo, a Segunda Guerra Mundial.

O estudo da Didática forneceu-me a instrumentalização teórica necessária para melhorar a preparação das minhas aulas, principalmente a parte dos planejamentos e dos registros nos diários de classe. Pude constatar também a distância existente entre os conhecimentos teóricos e o cotidiano da sala de aula, sempre imprevisível, multifacetado e desafiador. O fato de a disciplina de Didática incluir em uma mesma turma alunos de várias licenciaturas e de não ser lecionada por um docente do curso de História foi algo que me incomodou, pois senti falta de algo mais direcionado para o meu curso.

A disciplina de Pesquisa Histórica me forneceu a oportunidade de aprofundar o estudo sobre um tema histórico de meu interesse, com a elaboração de um projeto e, posteriormente, de uma monografia sobre o assunto. Buscando a valorização das temáticas locais, escolhi abordar a repressão no contexto da Insurreição Comunista de 1935 no Rio Grande do Norte, enfatizando o pioneirismo do meu estado neste processo revolucionário e suas consequências.

[1] Substantivo masculino. O que é considerado melhor, de maior qualidade, numa sociedade ou num grupo; elite. (AULETE digital, 2024).

O processo de pesquisa foi muito enriquecedor e passei a cobrar, com as devidas e necessárias adaptações, algo parecido dos meus alunos, na elaboração dos seminários e nas feiras de conhecimento.

Durante o período em que fiz o curso de História (de 1996 a 2001), cada disciplina estudada, cada pesquisa feita, cada aprendizado, serviu para que eu pudesse melhorar minha prática pedagógica em sala de aula. Embora a pesquisa para elaborar o projeto e a monografia, tenha sido um dos momentos mais agradáveis da minha vida acadêmica, por razões econômicas não pude me tornar um pesquisador.

A opção definitiva pela licenciatura, em 2002, também agradável para mim e mais fértil em termos de oportunidades de trabalho, resolveu o problema imediato de precisar trabalhar para sobreviver, já que não encontrei oportunidades para atuar como pesquisador de História.

Entre 1996 e 2001, período em que fiz o curso de História, eu trabalhei como professor "estagiário" da rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte, o que me deu uma experiência prática da teoria vivenciada na UFRN e ajudou a construir o professor que sou hoje. Considero importante descrever aqui a minha trajetória como professor, para mostrar as mudanças pelas quais passei até o momento atual e o aprendizado que obtive durante esta experiência. Este posicionamento encontra eco em René Rémond, que na obra Ensaios de Ego história, afirmou que:

> Se os historiadores não se põem em cena, não se pense que eles não têm nada para narrar. Uma longa tradição ensinou-os a desconfiar da sua subjetividade, da sua, assim como da dos outros; conhecem por experiência a precariedade da recordação, a fragilidade do testemunho; conhecem pela profissão a propensão inconsciente de cada um para introduzir na curva de sua existência uma coerência emprestada. Não tem a presunção de serem defendidos contra estas deformações; não tem a certeza de desmanchar as armadilhas da memória que aprenderam a descobrir nos outros (In: NORA, 1987, p. 288).

Este tipo de depoimento é importante não só para que eu possa descrever a minha trajetória até aqui, as dificuldades que enfrentei, as mudanças pelas quais passei, mas também para mostrar o caráter dinâmico da profissão de professor e o quanto ela exige de conhecimento, equilíbrio e resiliência. Estas dificuldades que o professor enfrenta no seu cotidiano de sala de aula, em relação ao currículo, por exemplo, foram comentadas por Circe Bittencourt (2008), quando afirmou que:

> O papel do professor na constituição das disciplinas merece destaque. Sua ação tem sido muito analisada, sendo ele o sujeito principal sobre os estudos do currículo real, ou seja, o que efetivamente acontece nas escolas e se pratica nas salas de aula. O professor é quem transforma o saber a ser ensinado em saber apreendido, ação fundamental no processo de produção do conhecimento. Conteúdos, métodos e avaliação constroem-se neste cotidiano e nas relações entre professores e alunos. Efetivamente, no ofício de professor, um saber específico é construído, e a ação docente não se identifica apenas com a de um técnico ou de um "reprodutor" de um saber produzido externamente. (BITTENCOURT, 2008, P. 50-51).

Sobre isto, recordo que inúmeras vezes precisei (e preciso ainda) readequar o planejamento diante das contingências temporais, da escassez de recursos materiais e do nível de conhecimento dos alunos. O currículo real, fruto das disputas entre as prescrições legais e metodológicas e a realidade do chão da escola, é algo presente no cotidiano da sala de aula e é uma parte importante do trabalho do professor.

O exercício da docência me auxiliou a perceber a distância entre os ensinamentos obtidos na academia e a realidade do chão da escola, estimulando em mim uma postura de inquietude e incessante busca por mais conhecimentos para poder realizar da melhor maneira meu trabalho pedagógico.

Ao mesmo tempo, a base teórica que eu obtive na universidade, fazendo um curso que congregava as especialidades de bacharelado e de licenciatura me forjou um professor-pesquisador, preocupado com a qualidade das minhas aulas por um lado, mas também ciente da necessidade de uma sólida formação teórica para embasá-las. Recordando os professores que tive e suas ações em sala de aula, encontro semelhança com o que disse Pierre Chaunu, na obra Ensaios de Ego história (1987):

> O historiador mais velho tem, junto dos mais novos e, portanto dos mais criativos, um papel de escuta. É necessário escutar, ajudar a escolher, na confusão da aventura, da investigação, ajudar a encontrar a via mais fecunda, aquela que melhor corresponde à questão posta e ao gênio próprio daquele que investiga. O nosso papel consiste em escutar, encorajar, sonhar em voz alta, guardar no coração paixão suficiente para despertar paixões (In: NORA, 1987, p. 107).

O professor que sou hoje é algo que devo muito aos meus professores da UFRN, que estimularam em mim uma postura investigativa, o gosto pela pesquisa e a busca por mais conhecimentos para poder realizar da melhor maneira o meu trabalho de professor.

Nos anos de 2003 e 2004 me tornei respectivamente professor efetivo de História do estado do Rio Grande do Norte e do município de Natal. Como professor efetivo, procurei me estabelecer em escolas da comunidade onde morava, em Nova Natal, bairro Lagoa Azul, Zona Norte de Natal, onde desenvolvo a mais de duas décadas, a minha prática pedagógica.

Uma das minhas preocupações em sala de aula sempre foi, e continua a ser, estabelecer conexões entre os conteúdos estudados e o cotidiano dos alunos. Acredito que abordar as temáticas locais da história em sala de aula ou relacioná-las aos conteúdos da História do Brasil ou da História do mundo ajuda o aluno a entender os vínculos destes conteúdos com o seu local e o seu cotidiano.

Lecionei, na Escola Estadual Myriam Coeli, a disciplina Economia do Rio Grande do Norte em turmas de 1º ano e 2º anodo Ensino Médio, no ano de 2000 e a disciplina de Cultura do Rio Grande do Norte, em turmasde 6º ano ao 9° ano do Ensino Fundamental, no ano de 2006. Nestas duas disciplinas, cujo currículo (flexível) ficava a cargo do professor, pude explorar tópicos da história e da cultura local, inclusive com algumas aulas de campo.

As aulas de campo, em minha opinião, deviam ser direcionadas para lugares da Zona Norte, como a Ponte de Igapó, a Igreja dos Pescadores, no bairro da Redinha, a Praia da Redinha e as feiras livres, como a Feira Livre de Nova Natal e a Feira Livre de Cidade Praia, próxima a estação de trem de Nova Natal. Além destes locais, defendi também uma aula de campo acompanhando o trajeto do trem urbano, de Nova Natal até a Ribeira.

Estas iniciativas, dependentes de decisões superiores e de limitações orçamentárias, não foram concretizadas, mas a ideia de que é importante os alunos conhecerem o local onde moram, seu entorno e seus lugares de manifestações culturais, é algo que até hoje está presente em meus planejamentos.

Outras iniciativas que merecem registro são as Feiras de Conhecimento em que participei com meus alunos, nas quais foram abordados conhecimentos históricos sobre Nova Natal e o Bairro Lagoa Azul. A importância econômica e social da Feira Livre de Nova Natal para o bairro Lagoa Azul e seus habitantes, a infraestrutura do bairro, com suas escolas, postos de saúde, sistema de transporte e o comércio na Avenida da Chegança, os problemas e prováveis soluções ligadas a estes locais foram explorados nos trabalhos desenvolvidos.

As aulas de campo de que participei na Escola Estadual Myriam Coeli, na Escola Municipal João Paulo II e na Escola Municipal Professor Amadeu Araújo, todas localizadas no conjunto Nova Natal, foram direcionadas a espaços fora da Zona Norte de Natal, como o Aquário Natal, o Teatro Alberto Maranhão, o Parque das Dunas. A única exceção ocorreu em 2016, com uma aula direcionada para o cinema Cinépolis, do Natal Norte Shopping, onde os

alunos do 6º ano A da Escola Municipal Professor Amadeu Araújo assistiram ao filme "Procurando Dory"[2], atividade que foi complementada com uma posterior discussão e produção de texto em sala de aula sobre o filme.

Apesar de terem tido poucas oportunidades de valorizar as temáticas locais da História, acredito que o professor deve tentar fazer da melhor forma o seu trabalho pedagógico. É também importante estar disponível para aprender enquanto se ensina, pois como disse Paulo Freire, em sua obra "*Pedagogia da Autonomia*", "Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar" (FREIRE, 2021, p. 12).

Em minha prática pedagógica procuro seguir este precioso ensinamento que subentende valorizar os saberes prévios dos meus alunos, suas contribuições durante as aulas, para poder ensinar e aprender com eles, exercendo de maneira mais eficaz o meu papel de professor mediador junto aos meus alunos mediante os conhecimentos que eles podem construir e reconstruir.

Lembrando aqui a importância do passado, destacada por Marc Bloch, na obra "*Apologia da história, ou o ofício do historiador*" (BLOCH, 2001, p. 26), quando ele menciona que "o passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa", ou seja, falar sobre a minha trajetória como professor é algo que faz valorizar a minha formação e também as dificuldades e avanços pelos quais passei neste caminho até chegar ao professor que sou hoje.

Acredito também que o professor tem de estar sempre se reinventando, se especializando, buscando novos conhecimentos para melhorar a sua prática pedagógica. Como professores, não podemos nos considerar prontos e temos que ter vontade de aprender cada vez mais para poder ensinar, pois como disse René Rémond:

> Haverá um momento da carreira em que seja legítimo falar disso como de um processo a partir de então alcançado? Como de um estádio ultrapassado? Se a inteligência histórica se define mais por uma atitude de questionamento do que pela posse de uma soma de conhecimentos, não acabamos de nos tornarmos historiadores: não é um estado como o de um engenheiro ou de um prefeito. (In: NORA, 1987, p. 289-290).

Em consonância com o comentário descrito acima, em busca de mais conhecimentos,

[2] Procurando Dory é um filme de animação, comédia e aventura dos estúdios Disney Pixar, que estreou nos cinemas no ano de 2016, dirigido por Andrew Stanton.

atuando como professor da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do município de Natal, participei do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos (EJA), promovido em parceria entre a Secretaria Municipal de Educação de Natal (SME) e a UFRN no biênio 2006/2007. Conclui a graduação em Pedagogia pela Universidade Potiguar (UNP) em 2020 e ingressei no Mestrado Profissional em História (PROFHISTÓRIA/ UFRN) em 2022.

Ingressar no Mestrado Profissional em História – PROFHISTÓRIA, da UFRN, significou a realização de um sonho e mais uma etapa em busca de conhecimentos. Considero este programa uma grande oportunidade para que professores de História da Educação Básica possam repensar a sua prática pedagógica, ampliar os conhecimentos e produzir material que pode subsidiar a sua atuação em sala de aula.

O diferencial do PROFHISTÓRIA é o fato ser um programa que tem vínculos profundos com a sala de aula. O projeto de pesquisa e a dissertação são definidos a partir de problemas que são detectados no chão da escola, na condução do trabalho pedagógico e o produto didático é uma resposta a estes problemas. Este produto também pode ser usado por outros professores de história na condução das suas aulas e esta possibilidade de compartilhar conhecimentos com outros professores é uma das suas maiores riquezas.

Outra situação que me chamou a atenção e que ocorreu em todas as disciplinas que frequentei neste programa foi o conhecimento proporcionado pelos diálogos e debates entre os alunos e os professores. Os problemas reais da sala de aula, o impacto dos currículos e leis da educação no chão da escola, a precarização do trabalho do professor, os negacionismos, os revisionismos, os ataques à figura do professor e à História como disciplina e ciência, tudo isto foi discutido.

No cotidiano escolar são poucas as oportunidades que temos para conversar com os colegas professores sobre os problemas que afetam a nossa prática pedagógica. Este espaço para o diálogo que o PROFHISTÓRIA fornece, além da mediação dos professores do programa, é algo salutar para nós professores e eu aproveitei ao máximo estes momentos de discussão e troca de ideias.

Das disciplinas cursadas no primeiro semestre, a Educação Patrimonial e ensino de História foi a que mais me chamou a atenção. Esta disciplina me possibilitou ver os vínculos mais estreitos entre o cotidiano da sala de aula e conceitos como memória, patrimônio, temáticas locais da História e a possibilidade de utilizar esses conceitos no chão da escola.

A Zona Norte de Natal e seus problemas sociais e potencialidades, os silenciamentos patrimoniais, a distância entre os conteúdos estudados e a realidade cotidiana dos alunos e a necessidade de democratização dos bens culturais foram possibilidades de reflexão que o estudo

desta disciplina me proporcionou.

As mediações do professor Roberto Airon e os diálogos com ele e com os colegas de turma me fizeram ver a relevância desta disciplina para o andamento do curso e para definir o meu tema da pesquisa e futuro produto pedagógico. O arcabouço teórico desta disciplina foi de encontro a uma lacuna que sempre observei no meu trabalho de professor ao longo de mais de duas décadas em escolas da Zona Norte de Natal: a invisibilidade patrimonial desta região da cidade.

Os lugares de memória de Pierre Nora (2012), o alerta para a preservação do patrimônio presente na retórica da perda, de José Reginaldo Gonçalves (2007), as conexões entre memória individual e memória coletiva, apresentadas por Michael Pollak (1992) e as disputas em torno da produção, invenção e reinvenção das memórias coletivas foram discussões que me fizeram aprofundar a minha preocupação sobre o problema da invisibilidade patrimonial da Zona Norte de Natal e me ajudaram a desenvolver a minha proposta de educação patrimonial ligada ao local onde vivo e onde desenvolvo minha prática pedagógica.

Através desta disciplina, entrei em contato com a atuação e a produção do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Desta produção, chamaram a minha atenção o Manual de atividades práticas de educação patrimonial (2007), o Guia básico de educação patrimonial (1999) e Educação patrimonial: inventários participativos (2016). Estas publicações além de descreverem a história do patrimônio no Brasil, se tornaram referências na metodologia da Educação Patrimonial.

As ações de preservação e Educação Patrimonial do IPHAN aqui no Rio Grande do Norte se concentram em três frentes principais: patrimônio material, patrimônio imaterial e patrimônio arquitetônico (IPHAN, 2010). Destacam-se, dentre estas iniciativas, o tombamento do Centro Histórico de Natal, os sítios arqueológicos espalhados pelo estado e o reconhecimento da Festa de Santana, de Caicó, como patrimônio imaterial.[3]

Em relação á Zona Norte de Natal, chamou-me a atenção o fato de não haver nenhuma iniciativa do IPHAN em relação a esta área da cidade. Esta constatação me fez ficar curioso sobre o porquê desta parte da cidade não receber atenção dos órgãos oficiais do patrimônio.

Inclusive, em um evento sobre patrimônio e turismo, organizado pela professora Margarida Dias, docente da disciplina História do Ensino da História, ouvi da própria

[3] Celebrada há 259 anos, a Festa de Sant' Ana, realizada entre o final de julho e início de agosto, destaca-se entre as múltiplas festas de padroeiro por revivificar os laços de solidariedade e acionar registros específicos da cultura seridoense. A Festa torna–se relevante do ponto de vista cultural, histórico e social, pois é um dos principais veículos da memória e da identidade coletiva, em especial os relacionados com as expressões ligadas à fé católica. (DOSSIÊ IPHAN, 2010).

representante do IPHAN a afirmação de que no momento não havia projeto e nenhuma previsão de atividades deste órgão para esta parte da cidade.

Na experiência que possuo como professor de História, ao longo de 27 anos nas escolas públicas da cidade do Natal, em especial da Zona Norte, chamou-me a atenção o fato de esta parte da cidade não constar do roteiro de visitas das aulas de campo das escolas desta região.

Em geral, as visitas a museus, praças, igrejas, monumentos como bustos, estátuas, além de eventos em datas comemorativas e apresentações culturais são dirigidos para a Zona Leste da cidade, onde se localiza o corredor cultural de Natal (Memorial Câmara Cascudo, Pinacoteca do Estado, Instituto Histórico e Geográfico, Coluna Capitolina, Praça Padre João Maria, Praça Kennedy e Praça André de Albuquerque, a Igreja Matriz e o Forte dos Reis Magos); e para a Zona Sul (Museu Câmara Cascudo, Parque das Dunas e vários espaços da Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

Há também uma predileção pela visitação de cidades da Grande Natal, como Ceará-Mirim, Extremoz e Macaíba, com seus engenhos, igrejas e casarões do período colonial, além das manifestações folclóricas**.**

Acredito que este tipo de ausência histórica e patrimonial traduz um abandonodesta parte da cidade, negando sua história, seu potencial turístico ligado ao campo histórico enão contribui para estreitar os vínculos dos moradores da Zona Norte com a região onde vivem.

Minha intenção é conferir visibilidade patrimonial à Zona Norte de Natal, onde moro e desenvolvo a minha prática de professor há mais de duas décadas. Acredito que para isto, é necessário encarar a política patrimonial e a Educação Patrimonial de outra forma. É preciso ir além dos bens tombados e dos centros históricos que já recebem a atenção do poder público e da indústria do turismo. É preciso considerar o potencial patrimonial dos bairros mais afastados dos centros urbanos, no meu caso os bairros da Zona Norte de Natal. Para isto, é preciso considerar uma visão mais ampla da Educação Patrimonial, pois como disse Átila Tolentino,

> Seja nos processos formais ou não formais voltados para o patrimônio cultural, atuar numa perspectiva dialógica implica, necessariamente, ter que se relacionar com os patrimônios da região, da localidade. Partir do micro, do que existe de referências culturais próximas a minha casa, da minha família, nos arredores da escola, no meu bairro, para então fazer uma reflexão sobre o que é meu patrimônio, o que é patrimônio do outro, o que é patrimônio de uma coletividade. (TOLENTINO, 2019, p. 147)

Para suprir esta carência historiográfica em relação à Educação Patrimonial relacionada à Zona Norte de Natal, minha intenção é promover uma proposta de Educação Patrimonial nesta região da cidade. Proponho a elaboração, em conjunto com os alunos, de um

inventário participativo e da criação de um roteiro de aulas de campo, com visitações e interações ligadas a estes lugares a partir de manifestações culturais e atividades associadas e estes bens culturais.

Através desta ferramenta atrativa, lúdica e informativa que pode ser a Educação Patrimonial, quero contribuir para um melhor entendimento dos conteúdos de História, fomentando a consciência histórica dos alunos, tendo por base a importância das temáticas locais da História, o direito dos alunos de acesso aos bens culturais e as exigências expressas na legislação educacional. Além disso, pretendo estimular os alunos a se familiarizem com este recurso didático e documento histórico tão importante e necessário nas aulas de História.

Considero que a Zona Norte de Natal, onde residem muitos dos alunos destas escolas, também deve ser alvo destas visitações e de interações com suas manifestações culturais, para que os alunos possam conhecer a história da região onde de modo a criar um sentimento de pertencimento com as suas comunidades e o seu entorno.

Esta proposta de Educação Patrimonial, longe de ser uma tentativa de sectarismo histórico ou bairrismo, na verdade tem um viés de integração e guarda vínculos com a história da cidade, do estado, do Brasil e do mundo, considerando que estes conteúdos estão inter-relacionados.

Esta valorização das temáticas locais através da Educação Patrimonial atende aos requisitos dos Referenciais Curriculares para os Anos Finais do Ensino Fundamental da Prefeitura Municipal de Natal (2007), que orientam "Estabelecer relações entre as histórias individuais e a história coletiva no seu grupo de convívio, na localidade, na região e no país, relacionando-as com outras manifestações estabelecidas em outros tempos e espaços" (NATAL, 2007, p.44)

De acordo com o que recomenda este documento, a aplicação destas dinâmicas em sala de aula requer a atuação do professor pesquisador, que se subentende um profissional que vai fomentar o papel ativo dos alunos através da apresentação e utilização do método histórico.

Através deste método, os alunos podem se apropriar das ferramentas de pesquisa histórica, analisar fontes históricas diversas e construir narrativas históricas embasadas em uma pluralidade de conhecimentos. Para a concretização disto, o professor pode utilizar, dentre outras orientações teóricas, a matriz do pensamento histórico, de Jörn Rüsen.[4]

[4] Esta matriz compreende cinco etapas, começando pelos interesses, indagações e curiosidades dos alunos, passando pela utilização de fontes históricas diversas, pela análise crítica do conhecimento a partir das fontes, pela produção de narrativas históricas e finalmente, pela orientação para a vida prática através dos conhecimentos construídos, que vem pela conexão temporal entre os fatos do passado e do presente e as perspectivas para o futuro.

A criação desta proposta de Educação Patrimonial na Zona Norte de Natal, envolvendo a participação dos alunos, subentende uma discussão sobre a criação da Zona Norte, seus problemas e desafios atuais, a construção coletiva de narrativas sobre este lugar, as manifestações culturais e a ressignificação patrimonial desta parte da cidade. Com este trabalho, objetivo criar uma alternativa de Educação Patrimonial na Zona Norte de Natal e espero, em conjunto com os meus alunos, executar algumas ações, dentre elas:

- Elaborar um inventário participativo sobre os bens culturais materiais e imateriais desta região e criar um roteiro de aulas de campo, dando ênfase a alguns destes bens culturais;
- Fomentar um sentimento de pertencimento, valorização e conservação destes bens culturais por parte dos alunos e, por sua posterior ação multiplicadora, da comunidade;
- Interagir com estes patrimônios materiais e imateriais, contribuindo com as suas opiniões e ideias para a construção e reconstrução dos saberes coletivos;
- Relacionar as atividades práticas sobre estes bens culturais e os seus saberes coletivos construídos com os conteúdos estudados em sala de aula;
- Conhecer a história destes bens culturais materiais e imateriais, levamndo em conta temporalidades diversas, seu processo de construção e/ou criação e sua importância histórica e cultural para o local onde está situado ou atua e o seu entorno.

Como professor de História do Ensino Fundamental II, nos primeiros dias de aula do ano letivo procuro questionar os alunos acerca das utilidades da História. É um exercício aparentemente simples, porém revelador das dificuldades que os alunos têm de expressar quais as utilidades desta disciplina. Alguns alunos respondem que a história serve para saber o que aconteceu no passado, mas não conseguem conectar este passado com o presente, com a realidade deles e nem ver uma utilização prática para este conhecimento.

Eles consideram o passado como algo desvinculado do presente e sem utilidade para o futuro. Não conseguem ainda relacionar o conhecimento sobre o passado com o presente e com o futuro. Eles ainda não têm uma visão ampla de História, que segundo Marc Bloch (2001)

> Portanto, não há uma ciência dos homens no tempo e que incessantemente tem necessidade de unir o estudo dos mortos e dos vivos. Como chamá-lo? Já disse por que o antigo nome de história parece mais compreensivo, o menos exclusivo, o menos carregado também das comoventes lembranças deum esforço muito mais que secular; portanto o melhor. (BLOCH, 2001, p.76-68)

É este tipo de visão integrada da História que acredito que como professores, podemos apresentar aos alunos. Uma História viva, com conexões temporais entre passado, presente e futuro, imbricados e interdependentes, desmitificando a ideia de que História é só um passado enciclopédico e isolado, sem utilidade para quem a estuda.

No processo de construção da consciência histórica dos alunos acredito que o professor pode ser um mediador de situações pedagógicas variadas que estimulem o aluno a formar a sua consciência histórica. Uma educação que se propõe a este fim não pode ser refém de uma prática pedagógica centrada na aula expositiva que se assemelha a um monólogo, embasada apenas por informações do livro didático ou de um texto autoral produzido pelo professor, que são tidos como documentos únicos, portadores da verdade histórica inquestionável proferida pelo professor.

Este tipo de educação, que Paulo Freire chamou de "educação bancária", que não valoriza os saberes prévios do aluno e nem considera o diálogo, é incompatível com uma prática pedagógica de um professor que deseja fomentar a consciência histórica em seus alunos. Além disso, a "educação bancária" contribui para o professor negar ao aluno o papel de protagonista do seu processo educacional, pois Paulo Freire (2021) também disse que:

> Na visão bancária da educação, o 'saber' é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. (FREIRE, 2021, p.81)

Ao contrário, acredito que o professor pode assumir a posição político-pedagógica de educar para a cidadania, de ser um mediador em sala de aula, que ensina e aprende com os seus alunos e que através de sua prática pedagógica procura estimular os alunos a construírem coletivamente os seus conhecimentos e adquirirem a consciência histórica, relacionando-a com a sua vida prática, como forma de entender o mundo em que vivem e se situarem diante dos desafios que enfrentam.

Outra atividade que sempre trabalho com minhas turmas no início e no final do ano letivo é a história de vida. Este exercício autoral tem um grande potencial de informações sobre os alunos. Com esta atividade fico sabendo quem é o aluno, onde ele mora, suas aspirações e interesses. Eles descrevem o lugar onde moram, os problemas de infraestrutura, mas também os artifícios que utilizam para superar estes problemas.

Dentre estes problemas destacam-se a violência, a falta de vagas nas escolas e a infraestrutura adequada do lugar onde vivem, que no geral, são loteamentos, como o Câmara

Cascudo, Jardim Progresso e Boa Esperança; além do conjunto habitacional Nova Natal e Cidade Praia.

Estes alunos, oriundos dos bairros Lagoa Azul e Nossa Senhora da Apresentação, de uma forma geral, no seu percurso até a escola, levam entre dez minutos e uma hora de deslocamento. Deste caminho, descrevem os campos de futebol de várzea, a Igreja dos Mórmons (A Igreja deJesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias), a Fundação Fé e Alegria, o Nélio Dias (Complexo Cultural Jesiel Figueredo), a Escola Municipal José de Andrade Frazão, a Avenida dosCaboclinhos e a Avenida da Chegança, ambas em Nova Natal.

Embora conheçam e interajam com estes lugares e as manifestações culturais associadas a eles, como o desfile cívico do bairro Lagoa Azul e as apresentações culturais e eventos esportivos que ocorrem no Complexo Cultural Jesiel Figueredo (que eles chamam genericamente de Nélio Dias, por conta do ginásio que integra este complexo), eles não conseguem falar da importância que estes lugares têm para o cotidiano deles. ´

Acredito que minha proposta de Educação Patrimonial na Zona Norte de Natal pode estimular os alunos a entenderem a importância destes lugares e das manifestações culturais, explorando a proximidade que os alunos possuem com estes bens culturais materiais e imateriais.

Pretendo desenvolver minha pesquisa na Escola Municipal Professor Amadeu Araújo, localizada no conjunto habitacional Nova Natal, bairro Lagoa Azul, Zona Norte de Natal, onde leciono há 15 anos. Como professor de História, neste ano de 2023 estou lecionando no turno matutino, em quatro turmas do 6º ano, três turmas do 7º ano e uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental II.

O trabalho será desenvolvido com a turma do 8º ano A e incluirá inicialmente dois questionários subjetivos de sondagem, com a intenção de saber quais as referências dos alunos em relação aos bens culturais materiais que eles consideram significativos para visitação na Zona Norte de Natal, além das manifestações culturais que ocorrem nesta parte da cidade.

Além destes questionários de sondagem, para a fase de identificação e análise destes bens culturais estão previstas algumas aulas, incluindo noções patrimoniais e discussões envolvendo estes bens culturais apontados pelos alunos e o registro de sua importância através de fotografias, vídeos e de pequenos textos autorais por parte dos alunos. Estas etapas servirão de subsídios para a elaboração do inventário participativo e do roteiro de aulas de campo, incluindo alguns destes locais importantes e manifestações culturais da Zona Norte de Natal.

A participação dos alunos, com seu conhecimento sobre o local em que vivem e o seu

entorno e sobre os problemas associados a estes bens culturais, são essenciais para a elaboração do trabalho. Para a aplicação destas atividades, usarei como referenciais metodológicos, o "Manual de atividades práticas de Educação Patrimonial" (GRUNBERG, 2007); o "Guia Básico de Educação Patrimonial" (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999); a publicação "Educação Patrimonial: inventários participativos" (FLORÊNCIO, 2016) e também as orientações metodológicas e as experiências descritas no livro "Territórios de Educação Patrimonial em Sergipe"(2022).

Estes referenciais deverão subsidiar a criação de atividades de Educação Patrimonial, que serão aplicadas no 8º ano A do ensino Fundamental II. Questionários de sondagem, aulas com noções de Educação Patrimonial, através de textos e discussões envolvendo estes bens culturais são atividades que serão desenvolvidas com os alunos.

Com a aplicação destas atividades, espero ter uma ideia sobre o conhecimento que os alunos possuem sobre a Zona Norte de Natal, seus locais de interesse e as manifestações culturais e suas possibilidades de visitação e interação com estes bens culturais.

Como estes alunos do 8º ano A que vão participar da pesquisa são menores de idade, na faixa etária que varia de 13 anos a 15 anos, serão atribuídos pseudônimos para identificá-los quando do uso das suas respostas aos questionários e atividades e da produção de textos e vídeos produzidos por eles e nas fotografias que eles tirarem ou que tenham a imagem deles. Também será solicitada aos responsáveis pelos alunos a autorização para a participação dos alunos e para a divulgação do material produzidos por eles em relação a este trabalho.

As dissertações produzidas sobre a Educação Patrimonial e ensino de História que analisei podem ser divididas em cinco grupos: os trabalhos que utilizaram a escola como fonte histórica e lugar de memória; os que estenderam esta análise para o bairro; aqueles que consideraram a cidade como patrimônio; os que exploraram bens culturais importantes para a cidade; e os que exploraram as relações entre os museus, a Educação Patrimonial e o ensino de História.

No primeiro grupo, situam-se "*Os envelopes de Clio: a elaboração de fontes para o ensino de história local na escola básica"* (ProfHistória/UFRN), de autoria de Luciano Capistrano (2022), que explorou a criação de um repositório de fontes sobre a história local através da Escola Estadual Myriam Coeli e do bairro Lagoa Azul, onde ela está inserida. O trabalho de Kaliene Alessandra Rodrigues de Paiva (2019), intitulado *"Ensino de história e educação patrimonial na escola: o Instituto Ary Parreiras enquanto reflexão sobre os lugares de memória"* (ProfHistória/UFRN), que utilizou o espaço escolar como lugar de memória e fonte histórica, através da relação entre ensino de História e Educação Patrimonial. "*Pesquisa*

e ensino na história escolar: o contexto urbano da escola Terezinha Paulino" (ProfHistória/UFRN), de Cícera Tamara Graciano Leal da Silva Fernandes (2018), enfocou a escola e seu entorno, seu processo de formação e sua relação patrimonial com o conhecimento histórico. Já em "*Uma visita ao estranho país chamado passado: histórias do ensino de história na Escola Municipal Professor Cícero Varela (1975-2020)" (*ProfHistória/UFRN*)*, Kainara Fernandes da Silva (2021) descreveu uma história do ensino de História na escola e suas possibilidades de construção de conhecimento histórico escolar. Estes trabalhos têm como ponto de partida a escola, seu potencial como fonte histórica e suas relações como o local onde está inserida, bem como as suas relações com o entorno. Em meu trabalho, pretendo considerar estas relações, partindo da escola e fazendo uma parceria com os alunos na identificação a análise dos bens culturais materiais e imateriais da Zona Norte de Natal.

Na obra "*A análise de* um bairro *dentro e fora da sala de aula: Bangu e seus espaços como recursos de aprendizagem em história"* (ProfHistória/UFRJ), Anderson José Assis da Silva (2020) falou sobre o bairro de Bangu como ponto de partida para discutir a valorização do local, o direito à cidade e o conhecimento histórico sob o viés da Educação Patrimonial. Em "*Por uma educação dos sentidos para dar significado ao ensino de história: uma proposta a partir da educação patrimonial"* (ProfHistória/UFRN), de Letícia Lopes Saldanha (2020), a partir do bairro de Messejana e seus bens patrimoniais, a autora promoveu uma discussão à luz da Educação Patrimonial sobre os problemas associados a este local. Já no trabalho "*Aprender história para a vida: novos olhares para o bairro em proposta de aula-oficina"* (ProfHistória/UFPE), Victor Batista de Souza (2020) trabalhou com conceitos de patrimônio, identificação e valorização dos patrimônios do bairro, através de uma aula oficina. Littbarsky de Castro Almeida (2020), no trabalho "*A periferia urbana como lugar da educação patrimonial: o ensino de história no grande Bom Jardim"* (ProfHistória/UFRN), discutiu a Educação Patrimonial através dos patrimônios deste bairro e suas possibilidades de construção do conhecimento histórico e valorização da história local. Estes trabalhos guardam semelhanças com o que pretendo fazer porque consideram as potencialidades patrimoniais do bairro, elegendo bens culturais importantes para os alunos e a comunidade, explorando as suasrelações com o ensino de História.

Acredito que o meu trabalho está mais identificado com estes trabalhos que descrevem o bairro, embora a minha intenção seja ampliar o foco dos bairros para uma zona da cidade, no caso a Zona Norte de Natal. O ponto em comum é que para fazer esta ampliação, devo partir dos bairros, principalmente do bairro Lagoa Azul, onde desenvolvo a minha prática pedagógica. Pretendo ampliar estas iniciativas para a Zona Norte de Natal, dando ênfase a esta região da

cidade que congrega alguns bairros.

Na dissertação, "*Mas esta não é a minha cidade: narrativas e sensibilidades no ensino de história de Fortaleza"* (ProfHistória/UFRN), Luiz Eduardo Andrade Pacheco (2020) explorou a relação dos alunos com a cidade de Fortaleza, levando em conta o imaginário, as memórias e o conhecimento histórico. Já o trabalho "*Patrimônio cultural na cidade de Paulista: uma experiência de educação patrimonial a partir de jogo de trilha digital"* (ProfHistória/UFPE), de Williams Urbano da Silva (2021), tratou sobre a construção do conhecimento histórico sobre a cidade do ponto de vista da Educação Patrimonial a partir de um jogo de trilha. Por sua vez, "*Educação patrimonial: história, patrimônio cultural e os lugares de memória do município de Barra do Garças/MT"* (ProfHistória/UFMT), é o trabalho de Michele Reis, que utilizou a Educação Patrimonial em sala de aula para entender a construção da história da cidade, através de fontes diversificadas. E por fim, "*Olhar para cima e para os lados: uma proposta de ensino de história através de roteiros patrimoniais na cidade do Rio de Janeiro"* (PPGEH/PUCRJ), de Ronaldo Cesar Gonçalves Ferreira (2020), explorou a aproximação entre os conteúdos da sala de aula e os bens patrimoniais desta cidade através da Educação Patrimonial e ensino de História. Estas propostas são geograficamente mais amplas que a minha, que vou enfocar uma região da cidadedo Natal, mas acredito que guardam semelhanças com o meu trabalho porque abordam uma região maior que a Zona Norte de Natal e podem oferecer subsídios no sentido de como lidar com bens culturais de várias regiões da cidade.

Fernando Vasconcelos Benevides (2018), com o trabalho "*O farol do Mucuripe iluminando o ensino de história no caminho para a prática da cidadania em Fortaleza: projeto de educação patrimonial"* (ProfHistória/UFRN), fez uma discussão sobre patrimônio, preservação e problemas sociais através do farol de Mucuripe. Em "*O ensino de história vai à feira: inventários participativos e saberes reversos a partir de uma educação patrimonial decolonial"* (ProfHistória/UFRN), Sabrina Barros Nepomucemo (2021) criou uma proposta de Educação Patrimonial decolonial a partir de uma feira livre e suas potencialidades como fonte histórica e de produção de saberes. "*O patrimônio imaterial, as práticas de religiosidade popular na praça padre João Maria e o ensino de história"* (ProfHistória/UFRN), foi o trabalho de Alessandra Ferreira (2022), que falou sobre a praça enquanto patrimônio imaterial e espaço de religiosidade popular e suas possibilidades de produção de conhecimento histórico. Estes trabalhos enfocaram locais da cidade que tem um potencial de serem usados como fontes históricas em uma proposta de Educação Patrimonial. Reconheço a importância desta iniciativa e pretendo adotá-las em meu trabalho de forma mais ampla, incluindo vários locais

e manifestações culturais da Zona Norte importantes para a comunidade que ocupa esta parte da cidade.

*"Do templo ao fórum: museu do Ceará, educação patrimonial & ensino de históri*a" (ProfHistória/UFRN), de André Luiz de Paula Chaves Lima (2020), mostrou o museu como espaço de interação com a escola e a produção do conhecimento histórico. Já em "*Patrimônio imaterial através do acervo do museu histórico municipal de São José"* (PPGEH/UFSC), Rodrigo de Souza Fagundes (2021), por meio do museu, realizou uma discussão sobre os patrimônios imateriais da cidade, levando em conta a Educação Patrimonial e o ensino de História. Estes trabalhos situam-se no campo oposto ao que pretendo fazer, já que enfocam bensculturais reconhecidos como patrimônios e localizados em espaços sob a tutela do Estado. Além disso, há também a valorização dos patrimônios imateriais, que também pretendo explorar no meu trabalho. Vai ser interessante ver as diferenças entre os bens enfocados nestes trabalhos eos bens culturais da Zona Norte de Natal, sem reconhecimento dos órgãos oficiais do patrimônio, porém importantes para a comunidade.

A importância destes trabalhos reside em considerar o universo em que o aluno está inserido e levar em consideração a participação deles em iniciativas de Educação Patrimonial que, aplicadas em sala de aula, pretendem trabalhar os conceitos desta temática e tornar as aulas de História mais participativas e significativas.

Estes trabalhos buscam promover a interação do aluno com os patrimônios e lugares de memória, estimulando ideias de preservação e valorização do patrimônio coletivo. Além da diversidade de espaços, a escola, o bairro, a cidade, o museu, há também trabalhos sobre patrimônios culturais imateriais, buscando analisar a relação destes lugares, saberes e fazeres com o ensino de história.

A minha proposta de trabalho de Educação Patrimonial se situa de forma intermediária em relação a estas dissertações, dialogando com todas, na medida em que amplia estes trabalhos que usam a escola e o bairro como referências e se aproximam dos que tem a cidade como referencial, enfocando para isto os bens culturais, sejam materiais ou imateriais.

Além disto, pretendo dar uma maior visibilidade aos bens culturais de natureza imaterial. Acredito que deva haver uma abordagem multifacetada em relação aos bens culturais da Zona Norte de Natal, considerando os bens culturais materiais e os imateriais, levando os alunos a reconhecerem a importâncias tanto dos lugares, como também dos saberes e fazeres e das manifestações culturais desta região.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo será abordada a Zona Norte de Natal, a criação desta região administrativa da cidade, sua história, sua ocupação,

crescimento e uma descrição de seus bairros e conjuntos habitacionais, em especial o bairro Lagoa Azul. Além disso, serão apresentados sua infraestrutura, seus dados geográficos e seus problemas sociais. Sobre a Escola Municipal Professor Amadeu Araújo, será feita uma caracterização, incluindo a sua arquitetura, infraestrutura, recursos humanos, bem como uma caracterização dos professores de História e uma descrição das orientações contidas no Projeto Político Pedagógico (PPP) que estão alinhadas com o meu trabalho de Educação Patrimonial.

As conexões entre a Educação Patrimonial, sua formação e disseminação, o ensino de História e a condução deste trabalho são abordadas segundo capítulo. Inicialmente, será elaborado um histórico da política patrimonial no Brasil, da Educação Patrimonial e suas relações com o ensinode História e, depois, será feita uma descrição sobre as etapas do trabalho em sala de aula e daparticipação dos alunos na criação do inventário participativo desta proposta de Educação Patrimonial.

O terceiro capítulo vai ser dedicado ao produto didático, com a apresentação do roteiro de aulas de campo. Este roteiro compreende as principais sugestões de locais de visitação e manifestações culturais, com uma descrição sobre eles, sua importância para a comunidade e as suas possibilidades de visitação e interação e contém algumas atividades, com indagações pertinentes ao bem cultural, sua importância e suas relações com a comunidade e seu entorno. Este roteiro de aulas de campo está dividido em duas partes, uma abordando os bens culturais materiais e outra abordamdo os bens os imateriais.

CAPÍTULO 1

1 O LOCAL, A ESCOLA E AS SUAS RELAÇÕES COM O ENSINO DE HISTÓRIA E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Este capítulo tem como objetivo discutir sobre as relações entre a Educação Patrimonial, o local, no caso a Zona Norte de Natal e a escola, por sua vez, a Escola Municipal Professor Amadeu Araújo. Na primeira parte, pretendo falar sobre a Zona Norte de Natal, seu lugar como uma das zonas administrativas da cidade de Natal.

Inicialmente, vou discorrer sobre a política habitacional brasileira após a criação do Banco Nacional de Habitação (BNH) e a construção dos conjuntos habitacionais como política habitacional da Ditadura Militar (1964-1985). Vou falar também da ocupação da Zona Norte de Natal, a criação dos seus bairros e as dinâmicas populacionais, econômicas e sociais responsáveis pelo crescimento desta região.

O processo de ocupação da região Norte de Natal, passando pelos marcos de sua ocupação, como a ponte de ferro sobre o Rio Potengi, a construção da estrada da Redinha (atual Avenida Dr. João Medeiros Filho), a ponte de concreto Presidente Costa e Silva e a construção dos conjuntos habitacionais serão detalhados também neste capítulo. Por fim, falarei sobre o crescimento desta região, os problemas sociais, a infraestrutura inadequada e o cotidiano dos moradores.

Todas estas informações serão relacionadas com a Educação Patrimonial, o ensino de História e a mobilização da aprendizagem significativa através da proposta de Educação Patrimonial na Zona Norte de Natal, que pretendo aplicar através deste trabalho.

A segunda parte deste capítulo versará sobre a Escola Municipal Professor Amadeu Araújo e enfocará também o bairro Lagoa Azul, onde a escola está inserida, já que ela faz parte do conjunto Nova Natal, localizado neste bairro. Farei um histórico da criação deste bairro e sua importância para a escola e seus alunos, já que alguns são oriundos deste bairro e explorarei as relações da escola com o seu entorno formado pelos conjuntos habitacionais e os loteamentos que fazem parte do bairro Lagoa Azul.

Em relação à escola, além da sua estrutura física, dos recursos materiais e humanos, vou falar também da parte pedagógica. A parte pedagógica será focada nos professores de história, sua metodologia, dificuldades com o trabalho pedagógico e suas percepções e experiências m relação à Educação Patrimonial; além do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e suas relações com a proposta deste trabalho.

Embora haja uma separação para efeito didático entre estes dois itens, um tratando da

Zona Norte e outro da escola, os dois estão intimamente interligados. Isto porque a escola, o conjunto habitacional Nova Natal e o bairro Lagoa Azul estão localizados nesta região e a proposta de Educação Patrimonial será desenvolvida na escola, com a participação ativa dos alunos.

1.1 A Zona Norte de Natal

Uma iniciativa que visava combater o déficit habitacional e construir moradias para pessoas de baixa renda foi a criação do Banco Nacional de Habitação (BNH) e do Sistema Financeiro de Habitação (SFH), em 1964, durante a Ditadura Militar (1964-1985). As categorias de financiamentos, segundo dados do BNH, foram organizadas da seguinte maneira:

> Para atender aos seus objetivos específicos, foram criadas inicialmente três categorias de financiamento no SFH, definidos como: a) mercado popular – que abrangia entre 01 e 03 salários mínimos, e era gerenciado pelas Companhias Estaduais Habitacionais (COHABs); b) mercado econômico – para uma população de 03 a 05 salários mínimos, sendo gerenciado pelos institutos de Orientação às Cooperativas Habitacionais (INOCOOPs); c) mercado médio – gerenciado pelo Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE), através de entidades privadas. (BNH, 1974, p. 15-16).

Na prática, esta configuração de ação do BNH mostra mais uma disposição em limitar o acesso à casa própria do que em proporcioná-la para aqueles que têm mais dificuldades em adquirir este bem. O mercado popular, de 01 a 03 salários-mínimos, excluía do sonho da casa própria os trabalhadores que não podiam comprovar a sua renda, situação comum a muitos deles na época. Com isto, o trabalhador do mercado informal continuou no aluguel ou nas favelas, sem poder ter acesso a uma moradia digna.

Além disso, a existência de construção de habitações para outras faixas de renda, atendidos pela INOCOOP (Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais) e pela iniciativa privada, mostra que o programa não tinha intenção prioritária de atender aos mais carentes. Aliás, a exemplo dos programas governamentais anteriores, o enfrentamento real ao déficit habitacional, atendendo aos mais pobres, não foi uma prioridade.

Outra constatação negativa sobre este programa diz respeito à qualidade das habitações, incluindo sua localização e os serviços básicos associados ao lugar onde elas foram construídas. No tocante às moradias construídas pela COHAB (Cooperativa de Habitação Popular), segundo Bolaffi:

> A transferência de funções sobre a localização e a construção das habitações que o BNH financiava fizeram com que os projetos fossem de baixa qualidade – com a utilização de terrenos mal localizados e inadequados, a construção de habitações "imprestáveis", com péssimos materiais e soluções, e ainda assim com preços altos para uma população que não tem como pagar (BOLAFFI, 1975 In: MARICATO, 1982, p. 53-54).

Estes dados mostram o descompromisso desta política habitacional com a aquisição da casa própria pelos mais pobres. Na verdade, é uma constatação que o programa se preocupou em atender os interesses da construção civil, principalmente das empresas privadas envolvidas na construção destas habitações, que variavam de qualidade, localização e proximidade dos serviços básicos de acordo com a faixa de renda a que era destinada.

Ao contrário das casas a cargo da COHAB, as casas destinadas às faixas de renda atendidas pelas INOCOOPs e pela iniciativa privada tiveram um tratamento diferente, com um melhor acabamento, com boa localização e com um melhor acesso aos serviços básicos. Apesar de sua abrangência nacional, este programa reproduziu no âmbito do sistema habitacional, a desigualdade social que a Ditadura Militar (1964-1985) promovia na época, com arrocho salarial e inflação em ascensão, que prejudicava principlmente os mais pobres.

Apesar de todas estas falhas e omissões, este programa teve alguma importância no enfrentamento ao problema da falta de moradias. Segundo Angela Gordilho Souza (1999):

> Em 1986, é extinto o BNH, dentre os fatores que contribuíram para isto estão os altos subsídios impostos pela inflação e a inadimplência crescente no pagamento dos financiamentos. Durante o período de atuação do banco (1964/1986) foram construídas cerca de 4,5 milhões de unidades, desse total, somente 1,5 milhão de unidades foram destinadas às camadas de classes populares, tendo sido produzidas apenas 250 mil unidades em programas alternativos, para renda entre 1-3 salários mínimos, contradizendo os objetivos iniciais do sistema e confirmando o caráter excludente de seus programas (SOUZA, 1999).

O fim deste programa, além da evidente falta de compromisso em construir casas para os mais pobres, com prestações que eles pudessem pagar, evidencia a fragilidade do BNH, além do desvirtuamento da função inicial, pelo menos em teoria. Este órgão foi ancorado por um sistema econômico dependente do mercado externo, que não sobreviveu ao arrocho salarial e ao aumento da inflação, sendo vítima da inadimplência e da falta de condições de continuar sendo financiado pelos cofres públicos.

Apesar do primeiro conjunto habitacional de Natal ter sido a Cidade da Esperança, inaugurada em 1966 e totalmente entregue em 1974, só a partir do final da década de 1970,

houve a construção em larga escala dos conjuntos habitacionais a cargo da INOCOOP e da COHAB. A maioria dos conjuntos habitacionais construídos pela COHAB estava localizada na Zona Norte de Natal. Esta iniciativa fez parte do projeto habitacional da Ditadura Militar (1964-1985), que anunciava que iria diminuir o déficit habitacional através da conquista da casa própria pela classe de baixa renda.

A Zona Norte foi escolhida por ser uma área pouco ocupada da cidade, por possuir terrenos com preços mais acessíveis, dada a sua localização, e por esta localização ser distante da área central de Natal, mantendo assim os mais humildes a suas habitações longe das áreas nobres da cidade.

De acordo com informações da SEMURB (2017), a região administrativa Norte de Natal, também conhecida como Zona Norte de Natal é uma parte da cidade que se limita ao Norte com o município de Extremoz, ao Sul com o Rio Potengi, a Leste com o Rio Potengi e o Oceano Atlântico e a Oeste com o município de São Gonçalo do Amarante. Esta região atualmente é composta pelos seguintes bairros: Igapó, Salinas, Potengi, Nossa Senhora da Apresentação, Lagoa Azul, Pajuçara e Redinha. Esta disposição é mostrada na imagem a frente (mapa 1).

De acordo com o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (IBGE, 2010), a região apresentava 303.543 habitantes, correspondendo a 37,77% da população de Natal, distribuídos em 86.484 domicílios que auferem um rendimento nominal médio mensal de 0,92 salários mínimos. De acordo com os dados do mesmo censo, a população estimada para o ano de 2017 é 360.122 habitantes, com uma projeção de 387.230 habitantes em 2027.

Até meados dos anos 1960, esta região apresentava uma ocupação populacional escassa. Os dois principais núcleos populacionais eram a aldeia velha de Igapó e a Redinha, com sua vila de pescadores. A ligação com a outra parte da cidade era feita pela ponte de ferro sobre o Rio Potengi, construída em 1916, no governo de Ferreira Chaves e pela praia da Redinha, por via fluvial até o bairro da Ribeira. Estas duas formas de ligação com o resto da cidade, apesar de importantes, não significaram um atrativo populacional em relação a esta região.

O impulso neste sentido foi dado inicialmente com a construção da Estrada da Redinha, em 1952, atual Avenida Dr. João Medeiros Filho, que provocou uma compra de terras por pessoa interessadas em lotear os terrenos da região e revendê-los. Com isto, foram criados os primeiros loteamentos desta parte da cidade. Parque Floresta, Parque Santa Catarina, Humberto Pignataro, América, Aldeia Velha e Santarém Grande foram os primeiros loteamentos da Zona Norte.

Mapa 1 - Região administrativa de Natal

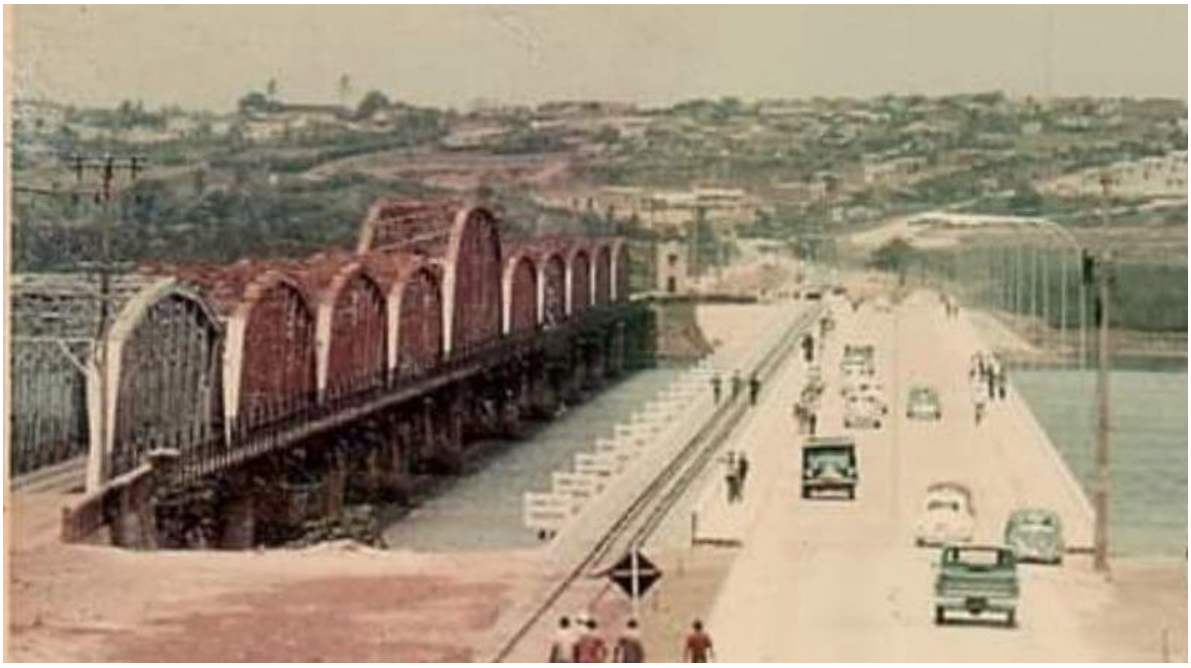
Fonte: *SEMURB, 2008*

Apesar da aquisição destes loteamentos, a situação populacional pouco se alterou, já que a infraestrutura local era praticamente inexistente. Com isto, a venda destes terrenos e a posterior criação dos loteamentos acabaram servindo aos interesses de especulação imobiliária dos adquirentes. Alexsandro da Silva (2003) afirma que no período entre 1957 e 1978, a Zona Norte foi uma região de proprietários, e não de moradores, com exceção de antigos núcleos como Redinha e Igapó. No entanto, a partir do final da década de 1970 ocorreu uma explosão

em relação ao número de conjuntos habitacionais construídos, principalmente pela COHAB.

A ponte de concreto sobre o Rio Potengi, Ponte Presidente Costa e Silva, conhecida como Ponte de Igapó, inaugurada na década de 1970 e duplicada no final da década de 1980, teve um importante papel como um dos impulsionadores da ocupação da Região Norte de Natal, como mostra a figura 1.

Figura 1 - Ponte de concreto Presidente Costa e Silva



Fonte: *Registro fotográfico raro de Jaeci da Ponte de Igapó recém-inaugurada ao lado da ponte metálica ainda integra, mas sem uso ferroviário em outubro de 1970.*

As duas pontes sobre o rio Potengi até hoje são uma referência da Zona Norte de Natal, além da ponte de concreto ligar esta região ao restante da cidade. Na época, vemos a ponte metálica ainda em condições de funcionamento e preservada, coisa que não acontece nos dias atuais. A ponte de concreto parece maior do que hoje, já que havia poucos carros e esta região estava longe de ser a região administrativa que concentra a maior população de Natal e não havia os engarrafamentos que tanto prejudicam a mobilidade de quem mora ou se desloca para esta região da cidade.

Antes da construção destas duas pontes, o acesso às outras partes da cidade era extremamente difícil e arriscado para os moradores. Havia dois acessos por mar, um na praia da Redinha até o bairro de Santos Reis e outro atravessando o Rio Potengi onde hoje se localiza a ponte de ferro. Esta dificuldade é evidenciada pelo depoimento do senhor Adauto Severino

Alves para a publicação “Memória minha comunidade: Lagoa Azul”[5], que nos relata um pouco do seu cotidiano â época.

> saíamos daqui com umas três ou quatro companhia, no animal, cavalo, para o mercado da Cidade que se chamava o Mercado Grande. E quando não ali para a três (avenida) no alecrim o chamado Mercado Central e vendíamos verdura ali, também. Mas íamos a cavalo. Cada um num cavalo, a carga pesada, e atravessámos hoje em dia naquela ponte velha (ponte de ferro de Igapó), que só tem o resto. Quando vinha o trem, que tocava na tração, ali tinha um controlista do “lado de cá” controlando “por modo” dos carros não passarem. Por que só podia passar um, não os dois. Quando era o trem que partia, era o trem. Quando os carros partiam, o trem não passava. E foi muito tempo, muito tempo mesmo onde eu vendia minha verdura... (CAPISTRANO, 2013)

O depoimento de seu Adauto mostra a difícil situação de quem era obrigado a atravessar o Rio Potengi para o outro lado da cidade em busca de lutar pelo seu sustento. Do outro lado da Zona Norte, na praia da Redinha, o jeito era enfrentar a travessia do rio com embarcações, como nos relata o Sr. Adauto Severino Alves:

> Transporte aqui, eu falei para o senhor que a gente saia daqui para pegar bote ou uma lancha na Redinha. E transporte mesmo, o primeiro ônibus que correu a raia aqui, só tinha um, foi lá na Redinha. Ele tinha hora de passar, sabe? Vinha de acolá (da Redinha) e passava na estrada da Redinha de hora em hora. Só tinha um. A gente vinha de acolá (Redinha) pra cá (Gramoré) e ia a pé. (CAPISTRANO, 2013)

Este relato confirma a dificuldade de transporte pela praia da Redinha, que era a outra via de ligação da Zona Norte com o resto de Natal, e também como os problemas de mobilidade continuaram, mesmo com a chegada dos ônibus.

A política habitacional criada pela Ditadura Militar (1964-1985), a exemplo do que foi feito em outras cidades do país, seguiu um modelo e construção de habitações de acordo com a renda. Nas áreas privilegiadas de Natal e em suas proximidades foram construídas as habitações a cargo da INOCOOP e nas áreas periféricas da cidade, como a Zona Oeste e principalmente a Zona Norte, foram construídos os conjuntos habitacionais a cargo da COHAB.

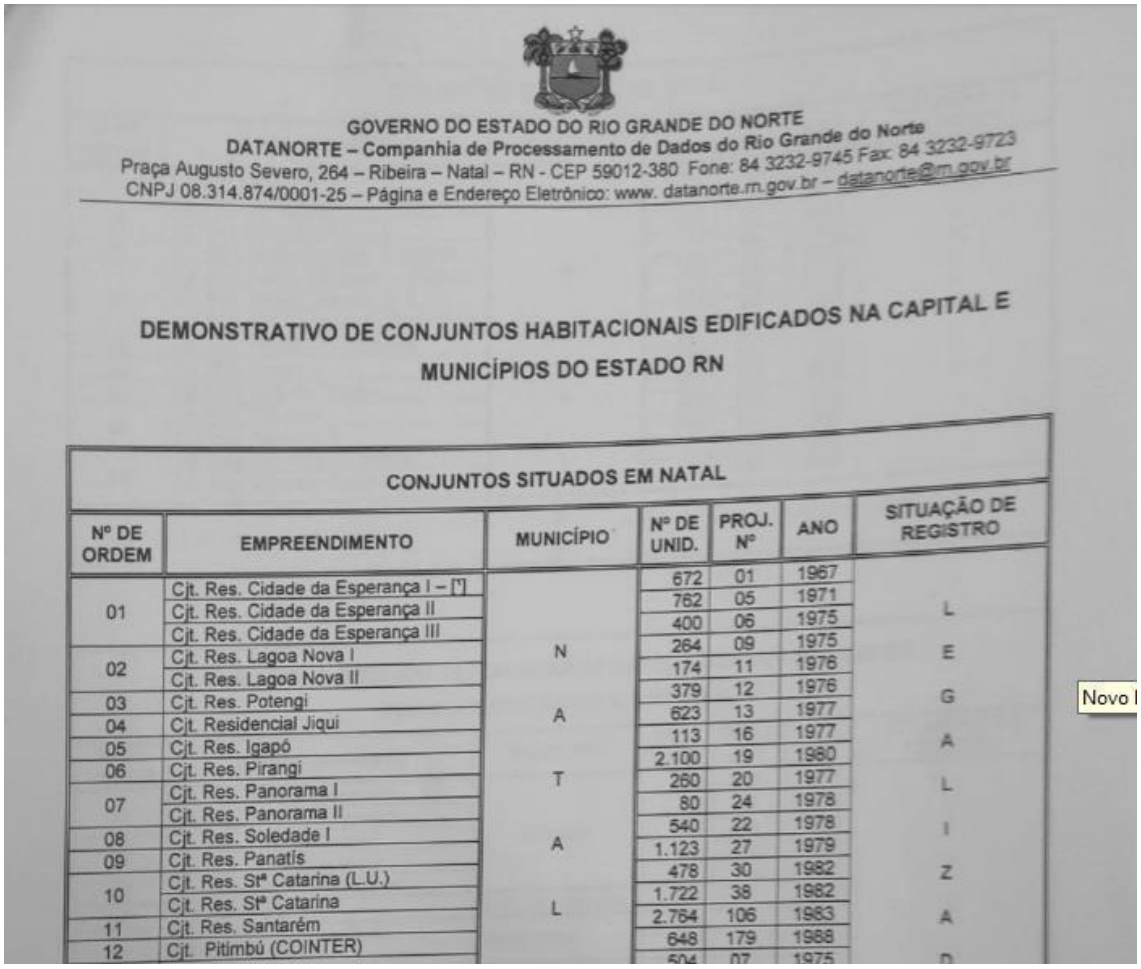
A região administrativa Norte da cidade recebeu a maior parte destas construções. Dos quase 30 conjuntos construídos pela COHAB, apenas 03 (Lagoa Nova, Neópolis e Pitimbu) não estavam localizados nas zonas Norte e Oeste de Natal. Esta configuração é mostrada na

[5] Esta publicação foi coordenada pelo historiador da SEMURB e Professor de História da rede pública do Estado do RN, Luciano Fábio Dantas Capistrano, chefe do SPHAP - Setor de Patrimônio Histórico, artístico e Paisagístico da Prefeitura Municipal do Natal, tendo sido editada no ano de 2013. O Programa Memória Minha Comunidade inclui uma equipe com engenheiros, historiadores, pesquisadores e estagiários.

figura 2.

Como mostram os registros da DATANORTE (Empresa de Processamento de Dados do Rio Grande do Norte), do final da década de 1970 até o início da década de 1990, houve uma intensa atuação da COHAB na construção de conjuntos habitacionais em Natal. Com exceção de Cidade da Esperança, Lagoa Nova, Jiqui, Pirangi e Pitimbu, os outros conjuntos habitacionais foram construídos na Zona Norte de Natal.

Figura 2 - Conjuntos habitacionais construídos em Natal/RN



GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
DATANORTE – Companhia de Processamento de Dados do Rio Grande do Norte
Praça Augusto Severo, 264 – Ribeira – Natal – RN - CEP 59012-380 Fone: 84 3232-9745 Fax: 84 3232-9723
CNPJ 08.314.874/0001-25 – Página e Endereço Eletrônico: www. datanorte.rn.gov.br – datanorte@rn.gov.br

DEMONSTRATIVO DE CONJUNTOS HABITACIONAIS EDIFICADOS NA CAPITAL E MUNICÍPIOS DO ESTADO RN

CONJUNTOS SITUADOS EM NATAL

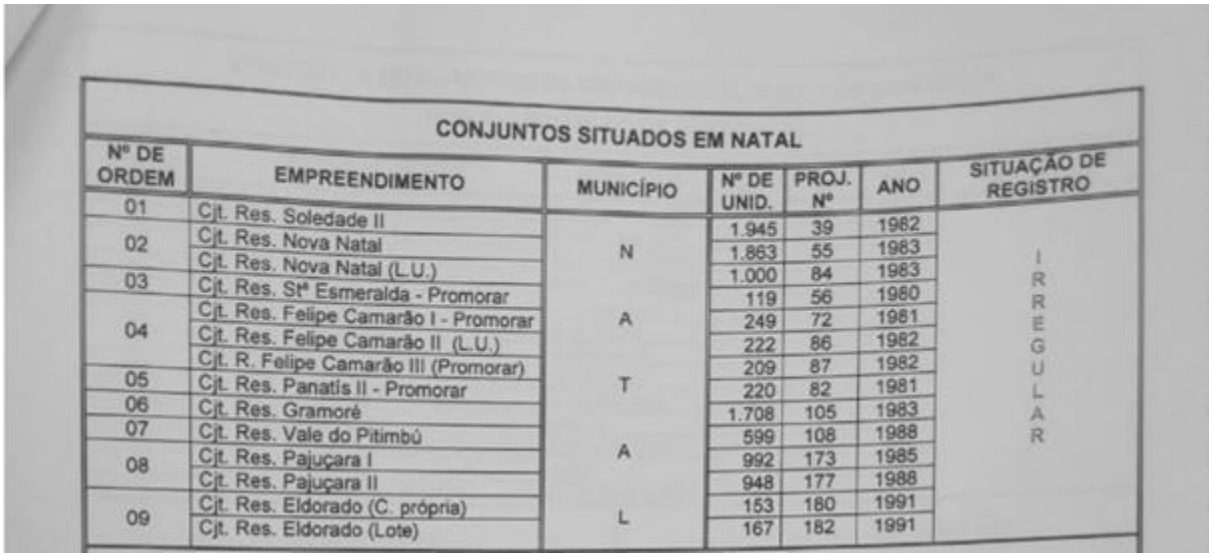
Nº DE ORDEM	EMPREENDIMENTO	MUNICÍPIO	Nº DE UNID.	PROJ. Nº	ANO	SITUAÇÃO DE REGISTRO
01	Cjt. Res. Cidade da Esperança I – [*]	NATAL	672	01	1967	LEGALIZADA
	Cjt. Res. Cidade da Esperança II		762	05	1971	
	Cjt. Res. Cidade da Esperança III		400	06	1975	
02	Cjt. Res. Lagoa Nova I		264	09	1975	
	Cjt. Res. Lagoa Nova II		174	11	1976	
03	Cjt. Res. Potengi		379	12	1976	
04	Cjt. Residencial Jiqui		623	13	1977	
05	Cjt. Res. Igapó		113	16	1977	
06	Cjt. Res. Pirangi		2.100	19	1980	
07	Cjt. Res. Panorama I		260	20	1977	
	Cjt. Res. Panorama II		80	24	1978	
08	Cjt. Res. Soledade I		540	22	1978	
09	Cjt. Res. Panatís		1.123	27	1979	
10	Cjt. Res. Stª Catarina (L.U.)		478	30	1982	
	Cjt. Res. Stª Catarina		1.722	38	1982	
11	Cjt. Res. Santarém		2.764	106	1983	
12	Cjt. Pitimbú (COINTER)		648	179	1988	
			504	07	1975	

Novo I

***Fonte**: (fotomontagem por Angelo Estevam Barbosa Neto, 2023)*

Os conjuntos residenciais Santarém e Santa Catarina destacam-se como os que foram construídos com o maior número de unidades habitacionais. Outra característica que chama a atenção é que estes conjuntos foram construídos em áreas legalizadas. Além destes conjuntos construídos em áreas legalizadas, outros conjuntos foram edificados em áreas sem legalização, como mostra a figura 3.

Figura 3 - Conjuntos habitacionais construídos em Natal/RN



CONJUNTOS SITUADOS EM NATAL

Nº DE ORDEM	EMPREENDIMENTO	MUNICÍPIO	Nº DE UNID.	PROJ. Nº	ANO	SITUAÇÃO DE REGISTRO
01	Cjt. Res. Soledade II	N	1.945	39	1982	IRREGULAR
02	Cjt. Res. Nova Natal		1.863	55	1983	
	Cjt. Res. Nova Natal (L.U.)		1.000	84	1983	
03	Cjt. Res. Stª Esmeralda - Promorar	A	119	56	1980	
04	Cjt. Res. Felipe Camarão I - Promorar		249	72	1981	
	Cjt. Res. Felipe Camarão II (L.U.)		222	86	1982	
	Cjt. R. Felipe Camarão III (Promorar)	T	209	87	1982	
05	Cjt. Res. Panatis II - Promorar		220	82	1981	
06	Cjt. Res. Gramoré		1.708	105	1983	
07	Cjt. Res. Vale do Pitimbú	A	599	108	1988	
08	Cjt. Res. Pajuçara I		992	173	1985	
	Cjt. Res. Pajuçara II		948	177	1988	
09	Cjt. Res. Eldorado (C. própria)	L	153	180	1991	
	Cjt. Res. Eldorado (Lote)		167	182	1991	

***Fonte**: (DATANORTE, p. 2 , 2023).*

O restante do demonstrativo mostra a construção de mais conjuntos habitacionais na Zona Norte de Natal, com exceção de Felipe Camarão, Santa Esmeralda e Vale do Pitimbu. Os conjuntos com o maior número de casas são respectivamente Nova Natal (I e II), Soledade II e Gramoré. A situação destes imóveis é irregular em relação aos terrenos.

Este fato, atualmente tem-se revelado um problema para as pessoas que desejam vender suas casas via sistema financeiro habitacional e têm que arcar com os altos custos de uma escritura pública. A iniciativa do governo Fátima Bezerra, do Partido dos Trabalhadores (PT) tem levado a regularização fundiária para estas áreas irregulares. Segundo publicação do site do Governo do Estado do Rio Grande do Norte (2022):

> Em toda Zona Norte serão 11 mil títulos, sendo o conjunto Nova Natal o maior a ser legalizado, resolvendo uma questão de mais de 40 anos, já que os imóveis integram o passivo da antiga Cohab, gerido pela Datanorte. A dona de casa Maria de Fátima do Céu foi uma das beneficiadas e emocionada falou da alegria de ter o documento na mão, após 38 anos de espera. “Estou sem palavras, só tenho a agradecer ao governo e dizer que estou muito, muito feliz” (GOVERNO DO ESTADO DO RN, 2022).

Esta regularização é importante porque legaliza as habitações dos moradores, facilitando eventuais vendas e inventários destes imóveis, além de conferir autoestima aos moradores que esperam há décadas por esta legalização das suas habitações. Como morador da região, posso atestar a alegria que presenciei de vários conhecidos que já receberam o documento e a expectativa dos que ainda estão para receber, como a minha mãe, Francisca Pereira Barbosa, moradora do conjunto Nova Natal, Zona Norte de Natal, desde 1997, que

aguarda ansiosamente por este documento de regularização fundiária.

Em relação à construção e ao povoamento da Zona Norte, alguns fatores chamam a atenção. O primeiro é a falta de infraestrutura nesta região, seguido de um abandono das casas recebidas e ocupação de outros espaços, os chamados loteamentos e a péssima qualidade das casas construídas.

Lembro-me de muitas pessoas que venderam as suas casas porque não podiam pagar a prestação e por isto preferiam comprar um terreno e construir sua casa em um loteamento para não precisar pagar mais a prestação. Outros moradores simplesmente abandonaram suas casas, que foram ocupadas por outras famílias, que com o tempo passaram a ser os proprietários.

O modelo das casas consistia em um embrião, com uma sala, banheiro, uma cozinha e um ou dois quartos. O piso era de cimento bruto e o telhado não tinha laje. Com o tempo, a maioria das casas foi ampliada. As paredes eram de qualidade inferior, sendo construídas com barro.

As casas eram muradas na frente e atrás e o muro lateral, que separava uma casa da outra, foi entregue apenas com uma fileira de tijolos que separava as casas. Mesmo com estes problemas e mostrando a importância de conseguir realizar o sonho da casa própria, Francisco Januário de França, morador do conjunto Nova Natal desde 1983, disse:

> Aí através dele (Superintendente da SUDENE) em consegui o embrião. Não era uma casa, era um vão. Então toda a minha família eu coloquei neste embrião, já que pagava aluguel. Saí de um aluguel, pagava dois aluguéis lá. E vim morar, mas muito imprensado, né? Um embrião para 7 pessoas, né... E daí, fui aumentando a casa, né? (CAPISTRANO et all, 2013).

No início dos anos 2000, a péssima qualidade destes imóveis foi questionada na justiça e gerou indenizações que vários mutuários já receberam e outros aguardam a conclusão de seus processos na justiça para também receberam suas indenizações. Estes processos ocorreram e ainda tramitam em todo o país, mostrando o descaso do BNH com a construção das casas, principalmente para a faixa de renda que atendia aos mais pobres. O portal Jus Brasil (2012) evidenciou isto em uma matéria do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte, sobre o pagamento destas indenizações.

> Quanto aos danos constatados, o juiz verificou que todos os imóveis dos autores foram objeto de perícia judicial, conforme se depreende do laudo pericial elaborado pelo perito judicial nomeado. O Perito constatou a existência de danos nas casas, especialmente, fundação inadequada e sem proteção, ausência de elementos estruturais indispensáveis à boa

> estabilidade dos imóveis. Entre os problemas constatados, são citados: pilares, cinta de amarração, vigas (verga e contravergas); o piso apresenta rachaduras afundamentos em algumas casas devido a abatimentos do aterro e rachaduras resultantes da má qualidade dos materiais utilizados, concluindo tratar-se de falhas de projeto e falhas de execução, bem como estarem em desacordo com as normas da ABNT. (TJRN, 2012)

Em relação à infraestrutura destes primeiros tempos, também posso dar meu testemunho já que sou morador da região desde 1977. Neste ano, só havia os conjuntos habitacionais Potengi e Panorama, ambos separados pela estação de trem, na margem direita, no sentido Igapó/Redinha.

As casas tinham muro baixo, com um metro de altura, apenas na parte da frente e de trás. As duas laterais que separavam as casas tinham apenas alguns tijolos marcando a divisão entre uma casa e outra e coube aos moradores, com o tempo, construírem os muros laterais, geralmente dividindo os custos e em regime de mutirão.

Falta de água e energia eram comuns, assim como a poeira, já que algumas ruas ainda não eram calçadas. Transporte, que ainda hoje é um problema na região, na época então era mais difícil ainda. A linha de ônibus Redinha Rocas era a única a atender a região, saindo do terminal, na praia da Redinha, passando pela Avenida Felizardo Moura, no Igapó, indo pelas Quintas, Alecrim, Cidade Alta e Ribeira até o bairro das Rocas. O trem urbano, inaugurado no início da década de 1980, tinha poucas viagens na época e ia da Ribeira até Ceará-Mirim.

Em outros conjuntos habitacionais mais afastados da Estrada da Redinha, como Nova Natal e Gramoré, a situação era ainda mais difícil. Estas dificuldades são expressas na publicação "*Memória Minha Comunidade - Lagoa Azul*", quando é citado que:

> Os problemas com o abastecimento de água e energia, a falta de escolas e postos de saúde e, principalmente, a falta de transporte público, ainda se fez presente no cotidiano dos conjuntos por um bom tempo e até hoje fazem parte das memórias dos moradores. Apesar disto, a comunidade foi capaz de se desenvolver. (CAPISTRANO et all, 2013, p. 82).

Participei dos principais acontecimentos desta região, como a inauguração do trem urbano, da maioria dos conjuntos habitacionais da Zona Norte e da estrada que dá acesso à praia de Genipabu. Presenciei a duplicação da Avenida João Medeiros Filho (antiga Estrada da Redinha) e da ponte de concreto, Presidente Costa e Silva.

Participei também dos animados showmícios políticos dos anos 1980 e 1990, dos quais me recordo dos shows musicais, dos jingles de campanha e da polarização política que rivalizava com as partidas de futebol.

Sobre as dificuldades iniciais dos moradores desta região e as mudanças que ocorreram

ao longo destas décadas, no artigo “Destinos Migrantes”, de Julie Cavignac (2001), o depoimento da moradora Elba fornece um quadro destas mudanças:

> Foi, eu cheguei primeiro [da família] em Igapó, é nessa época, era tudo difícil, né? Tá com dezesseis anos que eu vim morar em Igapó, dezesseis anos atrás o negócio era outro, ônibus era muito difícil, tinha pouco, dois, três só de cada linha, tudo era muito difícil, emprego muito difícil também. Eu, quando comecei a trabalhar na Esparta, por ironia do destino eu morava em Candelária e vinha trabalhar na Esparta, aí depois quando eu vim morar em Igapó passei a trabalhar em Neópolis (...) depois, depois vim morar no Santa Catarina, né? No conjunto novo bonito foi quando eu recebi aqui o conjunto, minha casa no conjunto Santarém, só que quando eu vim morar aqui, coitado do Santarém, nem ônibus tinha, pra pegar ônibus tinha que ir ou pra Santa Catarina ou pra estrada da Redinha. Era, era um sacrifício realmente, era um sacrifício. Eu saía de onze horas do trabalho lá da Alpargatas, chegava em casa meia noite, porque uma hora era pra tá andando a pé, descer lá no Santa Catarina e vir. Era um perigo muito grande, mas também naquela época existiam menos marginais, né? É, e quer dizer, não é que existisse menos, é que eles ainda eram novinho (...) mas hoje em dia não, hoje em dia a Zona Norte tá ótima. Nossa! É uma beleza! Tem tudo, tem banco, tem ... tem os melhores supermercados, tem ônibus, nem se fala! Tá bom demais a asa norte, eu mesmo gosto muito daqui. (CAVIGNAC, 2001, p. 19)

As duas décadas do século XXI foram bastante positivas para esta região, pois ocorreu a desativação do Presídio Doutor João Chaves, a construção da ponte Newton Navarro, a inauguração da Universidade Estadual do Rio Grande Norte, UERN e a chegada do principal shopping da região, o Natal Norte Shopping.

A Penitenciaria Agrícola Doutor João Chaves, posteriormente, Complexo Penal Doutor João Chaves, conhecido como Caldeirão do Diabo, faz parte da história da Zona Norte e foi inaugurada em 1968. Durante os anos 1980, esta prisão teve vários diretores e foi palco de crimes brutais, rebeliões e fugas. Detentos como Paulo Queixada, Naldinho do Mereto e Demir, por exemplo, ficaram famosos pelos seus crimes. Os três acabaram assassinados nas dependências do presídio.

Por volta do ano de 2006, sem cumprir sua função de ressocialização dos detentos, com a estrutura física comprometida e superlotada de presos, este presídio teve grande parte de sua estrutura demolida. Atualmente, no lugar do antigo Caldeirão do Diabo, funciona um centro cultural a cargo da UERN, que também tem sua sede no mesmo local.

Ao lado e na parte de trás do prédio da UERN funcionam um presídio feminino e uma unidade prisional albergue, no sistema semiaberto. A maioria dos presos da antiga penitenciária foi transferida para o presídio Rogério Coutinho Madruga, em Alcaçuz, no município de Nísia Floresta, estado do Rio Grande do Norte.

A UERN foi a primeira universidade pública a se instalar na Zona Norte de Natal, em 2002, e oferece atualmente cinco cursos de graduação: Direito, Turismo, Ciência da Computação, Ciência e Tecnologia e Ciências da Religião. Sobre a obra das novas instalações do Campus Zona Norte, iniciadas em 2009, segundo o site Por Dentro do RN (2022)

> As novas instalações da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) foram inauguradas, nesta quarta-feira (25.mai.2022), na zona norte de Natal. O novo prédio conta com quatro pavimentos, sendo três com 20 salas de aula, biblioteca, auditórios, laboratórios, salas de professores e um para estacionamento de veículos (POR DENTRO DO RN, 2022).

A chegada desta universidade no local onde foi um presídio que algo é extremamente simbólico para a Zona Norte, pois mostra que ao invés de um presídio que já não cumpria suas funções, em seu lugar hoje há um lugar que representa uma oportunidade para jovens e adultos que podem sonhar com um futuro melhor e concretizá-lo através do estudo. Além disso, uma universidade do porte da UERN em uma das avenidas mais importantes da Zona Norte é um fator que pode contribuir para a valorização imobiliária da região.

Outo acontecimento igualmente importante para esta região foi a construção da Ponte Newton Navarro, conhecida como Ponte de Todos ou Ponte Nova. Segundo informações do site oficial da Prefeitura Municipal do Natal esta ponte foi:

> Construída ao longo de mais de três anos, a Ponte Newton Navarro foi inaugurada oficialmente em 2007. Com uma extensão de quase 1,8 quilômetro, 110 metros de altura e 22 de largura, é considerada a maior ponte estaiada do Nordeste e uma das maiores do Brasil. Ele foi poeta, pintor, cronista, desenhista e dramaturgo que representava em suas obras, principalmente, as localidades da Ribeira/Santos Reis e a Redinha, bairros que são ligados pela ponte que leva seu nome, além do Rio Potengi e seus pescadores (QUEIROZ, 2022).

Curiosamente, a Newton Navarro é mais conhecida como Ponte Nova, em oposição à Ponte Presidente Costa e Silva, que passou a ser chamada de Ponte Velha. Com sua beleza e estrutura impressionante, a “Ponte de Todos” é um importante cartão postal da cidade do Natal, como mostra a figura a seguir:

Figura 4 - Ponte Newton Navarro

***Fonte**: fotografia de Thiago Pedroso, maio de 2007*

Além da vista privilegiada das duas praias e do Forte dos Reis Magos, marco da história do estado, a Ponte de Todos foi importante para desafogar o trânsito da Zona Norte com a o restante da cidade, diminuindo os constantes engarrafamentos na Ponte de Igapó, além de dar uma nova opção de ligação com o outro lado da cidade. Também foi importante para quem vem do outro lado do rio, por Santos Reis, e quer acessar de forma mais rápida as praias do litoral Norte, como Santa Rita, Genipabu e Pitangui. Cartão postal da cidade, a "Ponte de Todos" é também palco da tradicional queima defogos da entrada de Ano Novo, que ocorre na Praia da Redinha.

Localizado na Avenida João Medeiros Filho, no conjunto Soledade I, onde antes ficava a antena de transmissão da antiga Rádio Cabugi AM, o Natal Norte Shopping, inaugurado em 2007, é uma das principais referências da Zona Norte, sendo um espaço de compras, socialização e diversão para quem reside na região, moradores de outras partes da cidade e turistas.

A partir de 2014, o grupo paulista Partage comprou 70% do empreendimento e passou também a administrar o Natal Norte Shopping, que passou a ser conhecido como Partage Norte Shopping[6]. Segundo informações do site do Partage Norte Shopping (2023), este complexo

[6] Para saber mais, acessar: partagenorteshoppingnatal.com.br/sobre

“inaugurado em dezembro de 2007, conta com 143 lojas, 23 lojas de alimentação, 01 colégio, 01 Hipermercado, 6 salas de cinema, incluindo VIP e 3D”.

As melhorias trazidas pelo fechamento do Complexo Penal Doutor João Chaves, pela construção da Ponte Newton Navarro, pela chegada da UERN e dos shoppings Partage e Estação contribuíram para a valorização imobiliária da Zona Norte. O preço dos aluguéis e de vendas das casas aumentou, principalmente nas proximidades da Avenida Dr. João Medeiros Filho.

No entanto, isto não se deu na região como um todo, pois há mais de uma “zona norte” dentro da Zona Norte e isto têm consequências não só econômicas, mas também, no imaginário de quem mora ou frequenta a região, definindo relações de pertencimento, repulsa e também preconceitos em relação a esta parte de Natal.

A chamada “Zona Sul da Zona Norte” fica localizada na Avenida João Medeiros Filho, no trecho que vai do conjunto Igapó, próximo ao Atacadão, até a Ponte (de Todos) Newton Navarro. É um trecho que conta com melhor oferta de ônibus e um acesso mais rápido às duas pontes que ligam a Zona Norte às outras regiões de Natal. Além disso, há o supermercado Nordestão, o Atacadão, os shoppings e o Colégio Expansivo. Conjuntos habitacionais como Igapó, Potengi, Panorama, Santa Catarina e Alvorada, têm preços mais altos para aluguéis e venda de casas.

Já os conjuntos Gramoré, Pajuçara, Nova Natal, Vila Verde e Vale Dourado formam a “Zona Norte da Zona Norte”, por serem distantes das avenidas João Medeiros Filho e Tomaz Landim, possuem pouca oferta de ônibus e o deslocamento para as outras partes de Natal é mais lento e ficam distantes dos shoppings, do Nordestão e do Atacadão.

O preço dos aluguéis e das casas à venda nestes locais é mais barato. Apesar desta divisão não ser geograficamente oficial, ela existe no imaginário dos moradores da região e estes limites invisíveis determinam os preços de produtos e serviços, além de influenciar a autoestima dos moradores, dependendo de em qual parte da Zona Norte eles residem.

Região Administrativa Norte, Zona Norte, Asa Norte, ZN ou o “outro lado do rio”, são denominações oficiais ou não para se referirem a esta parte da cidade. Alguns moradores da Zona Norte se referem a esta região como o “outro lado do rio”, não importando de que lado da cidade eles estão ou a que lado da cidade eles estão se dirigindo.

Em alguns casos, a postura esnobe denuncia a fala preconceituosa das pessoas ao usarem esta expressão. Em outros, as pessoas acabam usando esta expressão, sem se aperceber da sua carga preconceituosa. Com ou sem conhecimento, é uma expressão que não deve ser usada, pois contribui para afirmar a inferioridade da Zona Norte em relação às outras regiões

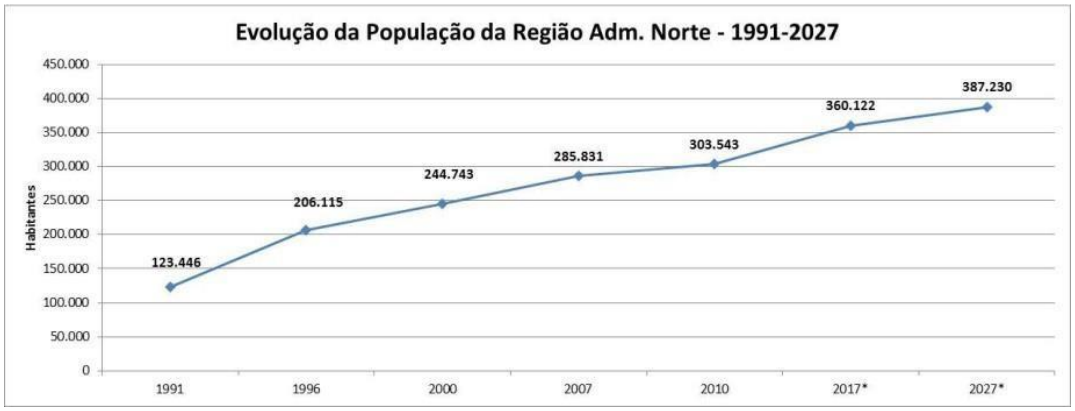
de Natal, sobretudo as Zonas Leste (centro de Natal) e Sul.

Já abordei este assunto em sala de aula e na sala dos professores e detectei que há uma baixa autoestima em relação à Zona Norte por parte de seus moradores. Os problemas sociais como o transporte público insuficiente, a infraestrutura deficitária e a violência contribuem para que os seus moradores e algumas pessoas que vem de outras partes da cidade e até de outros lugares do país notarem esta diferença.

No entanto, nestas quase cinco décadas de povoamento, considerando a construção dos conjuntos habitacionais, esta região cresceu e, a despeito dos problemas que enfrenta, tornou-se uma opção viável de moradia, comércio, investimento imobiliário, trabalho, lazer e turismo.

Durante as últimas décadas, a Zona Norte teve um grande crescimento populacional o que a fez ser a região com a maior população da cidade do Natal, como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 1 - População da Zona Norte entre 1991 e 2027.



Fonte: *SEMURB – DIPE, com base nos dados do IBGE.*

Este crescimento vertiginoso que a Zona Norte experimentou, de mais de 300%, nestas três últimas décadas (considerando que a previsão para o ano de 2027 se concretize) evidencia a importância populacional, econômica e social desta parte da cidade.

A região mais populosa da cidade não pode ser ignorada no seu direito de ir e vir, sendo vítima de um trânsito caótico e de um sistema de transporte caro, sucateado e ineficiente. Este crescimento populacional subentende um reforço na infraestrutura já existente e uma expansão para áreas ainda carente de serviços básicos, como os loteamentos e os conjuntos habitacionais mais afastados das avenidas João Medeiros Filho e Tomaz Landim.

Esta transformação populacional também ocorreu no campo econômico, com empreendimentos como o Partage Norte Shopping, a Universidade Potiguar (UNP), as redes de venda por atacado como Assai, Atacadão e Carajás, além do supermercado Nordestão.

O comércio dos bairros também teve um incremento, destacando-se a Avenida Boa Sorte, no conjunto Vale Dourado, no bairro de Nossa Senhora da Apresentação, a Avenida Governador Antonio de Melo e Souza (Pompéia), no bairro Pajuçara e a Avenida da Chegança, no bairro Lagoa Azul. Nestes bairros são comercializados uma gama variada de produtos e serviços, desde mercadinhos, óticas, autoescolas, casas de ração, com destaques para as lojas de roupas. Há também diversas feiras livres na região, como mostra a tabela que segue

Tabela 1 - Feiras livres da Zona Norte de Natal

DIA	FEIRA	BAIRRO	HORÁRIO	FEIRANTES	BANCAS
Terça-Feira	**Igapó**	Igapó	05h às 13h	164	354
Quarta-Feira	**Aliança**	N. S. da Apresentação	05h às 13h	118	265
Quinta-Feira	**Cidade Praia**	Lagoa Azul	05h às 13h	52	101
	Panorama	Potengi	05h às 13h	126	286
Sexta-Feira	**Parque dos Coqueiros**	N. S. da Apresentação	05h às 13h	189	416
Sábado	**Pajuçara**	Pajuçara	05h às 13h	19	40
	Santa Catarina	Potengi	05h às 13h	244	490
Domingo	**Gramoré**	Lagoa Azul	05h às 13h	65	96
	Nova Natal	Lagoa Azul	05h às 13h	283	550
	Nova República	Potengi	05h às 13h	21	40

***Fonte**: SEMURB (2023), Adaptado por Angelo Estevam Barbosa Neto.*

As feiras livres têm a sua importância econômica e já fazem parte da rotina dos moradores na região, determinando mudanças no trânsito, ocupação de espaços em dias determinados da semana e representam uma opção de compras, socialização, emprego e geração de renda para a economia da Zona Norte de Natal.

Neste contexto de crescimento populacional e econômico, pretendo desenvolver um trabalho de Educação Patrimonial para valorizar toda esta história da região, mapeando os lugares importantes de serem visitados e as manifestações culturais que poderão ser vistas e discutidas.

Bens culturais materiais da região como a ponte Newton Navarro, a Igreja dos pescadores no bairro da Redinha, a ponte Presidente Costa e Silva, e o Espaço Cultural Jesiel Figueredo (localizado entre os conjuntos habitacionais, Nova Natal e Gramoré), a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN (onde funcionava a Penitenciária Central Doutor

João Chaves.

A Feira Livre de Nova Natal, o desfile cívico do bairro Lagoa Azul, os significados dos nomes das ruas do Nova Natal como a Rua do Pastoril, as avenidas da Chegança, das Cirandas e dos Caboclinhos (principais vias do Conjunto Nova Natal) são bens culturais imateriais que tem potencial para serem abordados.

Além destes exemplos de bens culturais que foram citados com potencial de serem abordados neste trabalho, pretendo contar com a participação dos meus alunos para enriquecer estas opções. A escolha destes bens materiais e imateriais da Zona Norte se dará em conjunto com os meus alunos, durante as discussões com eles em sala de aula sobre este trabalho de Educação Patrimonial.

Neste processo, a participação dos alunos, com seu conhecimento sobre a região, a opinião dos alunos sobre os bens culturais materiais e imateriais que eles consideram importantes do ponto de vista da história da Zona Norte e daquilo que é relevante para o cotidiano deles, será de grande importância.

Com a participação dos meus alunos, pretendo fazer um trabalho que contribua para a autoestima dos moradores, tomando como ponto de partida os alunos, com seus saberes prévios sobre a região, com sua participação ativa e potencial papel de multiplicadores dos conhecimentos que construírem e vivenciarem neste percurso.

O sentimento de pertencimento ao local, a importância de preservação dos lugares importantes e dos eventos e manifestações culturais que ocorrem nesta região é algo que também espero estimular nos alunos e, com a ajuda deles, nos moradores da região.

Neste processo, a escola é parte fundamental desta proposta de Educação Patrimonial. Por isto, escolhi fazer este trabalho na Escola Municipal Professor Amadeu Araújo, na comunidade onde desenvolvo minha prática pedagógica, o conjunto habitacional Nova Natal, localizado no bairro Lagoa Azul, Zona Norte de Natal.

O bairro Lagoa Azul é formado pelos conjuntos habitacionais Nova Natal, Cidade Praia, Gramoré e Eldorado. Além destes conjuntos, há os loteamentos Câmara Cascudo, Boa Esperança, José Sarney e Nordelândia e também pela comunidade do Gramorezinho.

Segundo dados da publicação da "*SEMURB, Conheça melhor seu bairro*" (2017), os limites do bairro Lagoa Azul, estabelecidos em 1983, são: "ao Norte, o município de Extremoz, ao Sul, os bairros de Pajuçara e Potengi, ao Leste, o município de Extremoz e o bairro Pajuçara e a Oeste, o bairro de Nossa Senhora da Apresentação e o município de São Gonçalo do Amarante" (SEMURB, 2017, p. 33). Esta disposição é mostrada no mapa 2.

O mapa abaixo mostra os limites deste bairro, que além de ter outros bairros da região

em sua vizinhnça, é também via de ligação cm importantes municípios da área metropolitana de Natal, como São Gonçalo do Amarante e Extremoz. O bairro Lagoa Azul apresenta uma divisão interna entre áreas planejadas, os conjuntos habitacionais, como Nova Natal, Gramoré e Cidade Praia e os loteamentos, como Câmara Cascudo e Nordelândia e o Gramorezinho.

Esta divisão na ocupação da região e construção das casas foi determinante em termos de infraestrutura. Durante as décadas de 1980 e 1990, o poder público ignorou a necessidade de dotar as construções em áreas irregulares de uma infraestrutura mínima para a sobrevivência. Serviços como o fornecimento de água, energia, coleta de lixo, saneamento básico e pavimentação nestes espaços são benefícios que remontam apneas às duas últimas décadas.

Ainda há áreas nestes loteamentos sem a mínima estrutura de moradia. Uma das explicações para este descaso do poder público pode ser o fato dos loteamentos terem se tornado umaopção frente à falta de condições dos trabalhadores de comprovarem renda ou de pagarem as prestações do financiamento dos imóveis construídos pela antiga COHAB nesta área.

Mapa 2 - Limites o bairro Lagoa Azul

Fonte:*SEMURB (2017).*

Fruto da luta pela sobrevivência e excluídos do planejamento oficial da ocupação do espaço e do povoamento desta região, os habitantes destes loteamentos ficaram sem os serviços básicos a que tem direito, que foram conquistados pouco a pouco e com muita luta. Ainda hoje, por exemplo, não há trajeto de transporte público pela maioria destes loteamentos e nem linhas de ônibus exclusivas para estes lugares.

Apesar de ter se expandido na década de 1980, com a construção dos conjuntos habitacionais (Nova Natal, Gramoré e Cidade Praia) e com a ocupação de áreas hoje conhecidas como loteamentos, a ocupação do bairro Lagoa Azul começou na década de 1950, quando pioneiros como o senhor Adauto Severino Alves chegou ao local, como mostra a publicação "*Memória Minha Comunidade: Lagoa Azul":*

> Quando, na década de 50, a família de Adauto Severino construiu sua morada, Lagoa Azul fazia parte de zona rural de Natal. Uma região de mata em que seus desbravadores - a exemplo de Adauto, aproveitaram a fertilidade do solo para desenvolver atividades agrícolas. Neste momento, o planejamento não caminhava de mãos dadas com a expansão urbana. (CAPISTRANO et all, 2013, p. 101).

A área que seu Adauto e outros pioneiros ocuparam é conhecida hoje por Gramorezinho. Este local chama atenção pela produção agrícola de hortaliças, que são vendidas para os supermercados e mercadinhos da região e de outras partes de Natal. A Lagoa Azul, que dá nome ao bairro, ajudou estes pioneiros em sua atividade agrícola e também é um tradicional ponto de pesca da região, recebendo pescadores ate os dias de hoje.

Estes pioneiros têm uma importância muito grande, porque além de terem sido responsáveis pela ocupação deste local, começaram uma atividade econômica que hoje é referência econômica na agricultura familiar, gerando emprego e renda para as famílias do local e é responsável pelo abastecimento de parte do mercado de hortaliças da Zona Norte ede outras regiões da cidade do Natal.

Em relação à infraestrutura, os conjuntos habitacionais deste bairro possuem ruas calçadas, saneamento básico, fornecimento de água e energia e coleta regular de lixo. Na última década,os loteamentos passaram a contar com estes serviços básicos, no entanto, nestes espaços, ainda há ruas que não são calçadas, terrenos baldios com lixo acumulado, ruas sem iluminação e que o período das chuvas traz sempre o perigo dos alagamentos de ruas e residências. As lagoas de captação, construídas para evitar os alagamentos, dependem de manutenções periódicas, quenem sempre são realizadas.

Transporte é um problema sério na região. O alto custo da passagem dos transportes

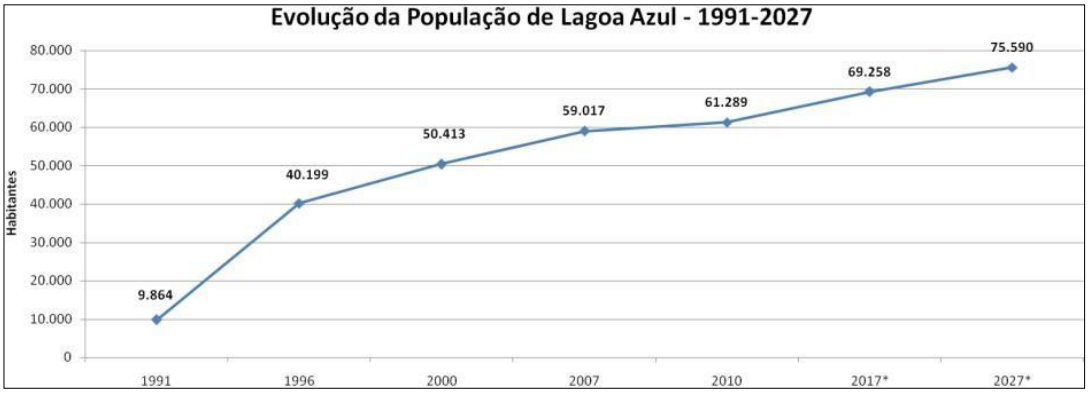
coletivos (atualmente custa R$ 4,50), a frota insuficiente de ônibus e alternativos e a demora relatada por quem precisa se deslocar principalmente para outras regiões da cidade, como o Alecrim, a Cidada Alta e a Zona Sul, deixam as pessoas perderem muito tempo nos transportes coletivos ou esperando por eles. Sobre isto, a reportagem do jornal Tribuna do Norte (2023) noticiou o depoimento de um passageiro do bairro Lagoa Azul:

> Residente do bairro de Lagoa Azul, na Zona Norte de Natal, estudante "JFC",que preferiu se identificar assim, esclareceu que sempre pega o ônibus lotado,tanto na ida quanto na volta, e que por isso, "Estudo pela manhã e faço estágio pela noite, então pego o ônibus em dois horários de pico. Ao todo pego 3 ônibus, sem contar o circular da universidade. Por estudar na UFRN pela manhã, preciso acordar às 04hrs para pegar o ônibus às 05:15, chegar no Via Direta, pegar um circular e então chegar às 07 em ponto. Às vezes até um pouco atrasada. Por só ter uma opção de ônibus onde moro, na segunda parada,saindo do terminal, o 29 já fica lotado, com muitas pessoas em pé". (BEZERRA, 2023)

Compartilho da indignação desta estudante e ao mesmo tempo do sentimento de impotência que como cidadãos da Zona Norte nós sentimos diante de um transporte tão precário e de um histórico descaso do poder público com este problema. Como estudante da UFRN e morador do conjunto Nova Natal (na segunda metade da década de 1990) vivenciei estes mesmos problemas relatados na reportagem. É muito triste ver que quase três décadas depois, esta situação persiste.

Segundo Luciano Capistrano, em sua dissertação de mestrado "*Os envelopes de Clio"* (2021), "o bairro Lagoa Azul tem uma extensão territorial de 1.176,46 (um milhão, cento e sessenta e sete mil e quarenta e seis hectares), o maior da cidade do Natal. A população do bairro, em 2020, foi estimada em 68.039 (sessenta e oito mil e trinta e nove) habitantes". O crescimento populacional deste bairro superou as expectativas, o que pode ser confirmado pelo gráfico a seguir:

Gráfico 2 - população do bairro Lagoa azul entre 1991 e 2027.



Fonte: *SEMURB – DIPE, com base nos dados do IBGE - (IBGE, 2017).*

Esta conformação só mostra a importância do bairro Lagoa Azul como polo de atração populacional da Zona Norte, fato que está relacionado com a atividade comercial, sobretudo do conjunto Nova Natal, que tem um comércio bastante desenvolvido e diversificado na área de serviços; além de concentrar a maior parte da população do bairro Lagoa Azul, como mostra tabela a seguir:

Tabela 2 - Conjuntos habitacionais do bairro Lagoa Azul

CONJUNTO	UNID. HAB.	POPULAÇÃO
Eldorado	153	630
Cidade Praia	-	820
Gramoré	1.708	7.686
Nova Natal	1.000	12.884
Nova Natal	-	-
TOTAL	**4.923**	**22.020**

Fonte: *SEMURB – Secretaria Municipal de Meio ambiente e Urbanismo (2009).*

Além de concentrar a maior parte da população do bairro Lagoa Azul, de acordo com dados da publicação Conheça melhor seu bairro: Zona Norte (2017), da SEMURB, o conjunto habitacional Nova Natal possui nove escolas estaduais, quatro municipais e doze particulares, além de oito Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs), três postos de saúde e um intenso comércio nas avenidas da Chegança e do Pastoril, principais avenidas do conjunto, onde também ocorre a Feira Livre de Nova Natal aos domingos.

O comércio da Avenida Chegança é bastante eclético, com lojas de roupas, farmácias, clínicas odontológicas, academias, armarinhos e mercadinhos. A predominância é das lojas de roupas, que são a maioria dos comércios desta avenida que, com seus produtos expostos nas calçadas, dão um colorido intenso a esta importante avenida.

Verdadeiro shopping popular, muito comparado com o comércio do Alecrim, o comércio de Nova Natal se apresenta como uma opção mais cômoda e barata para quem não quer ir para o Alecrim, para a Cidade Alta ou para os shoppings, principalmente para comprar roupas. Além dos preços mais atrativos do comércio local, o alto custo e a precariedade do transporte público favorecem as compras no comércio local.

Parte deste comércio também está presente na Rua do Pastoril, que faz intersecção com a Avenida da Chegança. Na Rua do Pastoril, há uma maior variedade no comércio e não há predominância das lojas de roupas e de nenhum outro tipo e loja em particular.

A feira de Nova Natal ocorre aos domingos, mas a montagem das suas barracas começa na noite d sexta. No sábado, o comércio é desviado da Avenida da Chegança e da Rua do Pastoril, ondea feira acontece. Inicialmente, a feira ocorria apenas na Rua do Pastoril e na sua intersecção com a Avenida da Chegança. Mas, há mais de uma década, esta feira ocupa também a Avenidada Chegança. Na Rua do Pastoril, conhecida também como Rua da Feira, concentram-se as barracas com frutas verduras, diversos tipos de carnes, chás, temperos, além dos vendedores ambulantes de bebidas e tira-gostos.

A parte da feira que fica na Avenida da Chegança concentra as barracas de roupas, um sem número de objetos usados (alguns expostos no chão) desde roupas e calçados até equipamentos eletro eletrônicos, telefones celulares, televisores e aparelhos de som. Há também bicicletas, motos e até carros usados. Além de um lugar para se realizar as compras semanais, esta feira é um espaço de socialização, onde é possível tomar uma cerveja, rever os amigos, colocar a conversa em dia ou simplesmente passear pelas bancas.

1.2 A Escola Municipal Professor Amadeu Araújo

A Escola Municipal Professor Amadeu Araújo, localizada na Rua dos Caroás, s/n. Nova Natal, Bairro Lagoa Azul, Zona Norte de Natal, foi criada pelo Decreto nº 2.764, de 23 de fevereiro de 1983. Na época atendia ao que denominamos hoje de Ensino Fundamental I.

A partir dos anos 1990, a estrutura da escola foi ampliada e ela passou a atender também ao Ensino Fundamental II. Atualmente, esta instituição de ensino atende ao Ensino Fundamental II, com turmas de 6º ano a 9º ano, nos turnos matutino e vespertino, além dos níveis I a IV da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no turno noturno.

A escola tem este nome em homenagem a um destacado professor, sendo uma prática comum da administração municipal, homenagear educadores e educadoras dando seus nomes às suas escolas municipais e Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs), além de personalidades políticas, artísticas e religiosas do estado e do país.

Amadeu Araújo nasceu na cidade de Independência, no estado de Ceará, no dia 19 de outubro de 1906. Ele era formado em Direito, Teologia e Letras pela Universidade da Paraíba. Além de advogado, foi consultor jurídico e vice-prefeito de Catolé do Rocha, no interior da Paraíba. Segundo Francisca Freire da Costa (2008):

> A carreira de professor foi iniciada em 1949, em João Pessoa, na Paraíba, na Escola Técnica de Comércio. Na mesma cidade, ele ainda foi docente da Escola Técnica Underwood e do Ginásio Nossa Senhora das Graças. Em Natal, Amadeu Araújo atuou nas redes estadual, municipal e particular de ensino. Foi professor do Colégio Santo Antônio Marista, Escola Técnica de Comércio de Natal, Atheneu Norte Riograndense, Escola Doméstica e Escola Municipal Papa João XIII. Somente aos 70 anos, afastou-se do magistério. Faleceu em Natal no dia 17 de janeiro de 1983 (COSTA, 2008, p. 164).[7]

Com tantas formações e tendo desenvolvido tantas atividades, acredito que o fato de Amadeu Araújo ter ficado sendo conhecido como professor é indicativo da importância que esta profissão tinha para ele. De acordo com o comentário de Francisca Freire da Costa (2008), no livro *Patronos da Educação Municipal – resgate e preservação da memória*: "como professor de Português, Amadeu Araújo atingiu seu real objetivo. Comunicador excelente, preocupado com a formação integral de seus alunos. Assumiu sua função com dignidade: foi formador e informador" (COSTA, 2008, p. 164).

De acordo com informações fornecidas pela Gestora Administrativo-Financeira[8] da Escola Municipal Professor Amadeu Araújo, em relação à estrutura física e aos recursos materiais, a escola possui 12 salas de aula (todas climatizadas), sala dos professores (com dois banheiros), direção, secretaria, biblioteca, sala de informática, coordenação (todas estas climatizadas), sala de recursos multifuncionais, auditório, arquivo, almoxarifado, cozinha, refeitório, dois pátios descobertos, dois banheiros para os alunos (um feminino e um masculino) e uma quadra de esportes coberta.

O acesso à internet funciona em todas as dependências da escola, que possui duas lousas interativas, uma na sala de informática e outra no auditório. Existem três equipamentos multimídia e uma televisão de 32 polegadas, ambos disponíveis para uso dos profissionais da escola mediante agendamento prévio junto à coordenação.

Eventos como palestras, reunião de pais e mestres e festividades, segundo a gestora administrativo-financeira, em geral, são realizados no auditório da escola, se forem de grande porte ou na sala de informática, se forem para poucas pessoas. A escola mantém uma parceria com a comunidade que, mediante agendamento, utilizam os seus espaços, em geral o auditório

[7] A Escola Técnica de Comércio Underwood (ETCU) foi fundada em 18 de fevereiro de 1928, sob a denominação de Instituto Comercial Underwood e destinava-se a ministrar a Instrução Básica e Técnica de Comércio, de acordo com a legislação do Ensino Comercial. A escola funcionou até o ano de 1960. (MORAIS; FERREIRA, 2019).

[8] A Professora Adriana Rocha de Souza Fortes, formada em Pedagogia, é a atual Gestora Administrativo-Financeira da Escola Municipal Professor Amadeu Araújo. Professora efetiva da educação municipal, com mais de uma década de experiência, foi também gestora da Escola Municipal Palmira de Souza, localizada no bairro Potengi, Zona Norte de Natal

e a quadra de esportes para eventos esportivos e religiosos.

O quadro de pessoal da escola, segundo a gestora pedagógica[9] é composto por duas gestoras, sendo uma gestora pedagógica e uma gestora administrativo-financeira, duas coordenadoras (uma que atua nos turnos matutino e vespertino e outra que atua exclusivamente no turno noturno, na EJA), 59 professores atuando em sala de aula e há duas professoras readaptadas atuando na biblioteca, respectivamente nos turnos matutino e vespertino.

Em relação aos funcionários, ainda segundo a gestora pedagógica, há uma regente de biblioteca, três auxiliares de secretaria, 30 funcionários de apoio (porteiros, vigias, auxiliares de secretaria e auxiliares de serviços gerais).

Destes funcionários, apenas quatro são funcionários do quadro efetivo da Prefeitura Municipal de Natal. Os outros são funcionários terceirizados. O último concurso público para funcionários da educação municipal foi realizado em 1994 e com isto os funcionários mais novos já estão perto de se aposentar.

Sem renovação deste quadro efetivo, a terceirização é uma realidade onipresente na educação municipal de Natal. Além da insegurança por não ter estabilidade no emprego, os protestos por causa de atrasos no pagamento já têm paralisado as aulas em algumas oportunidades, prejudicando o funcionamento da escola e comprometendo o rendimento destes prestadores deserviços.

Embora não haja ainda terceirização para a função de professor, os sucessivos processos seletivos com contratos que variam de um a dois anos contribuem para a rotatividade de professores, o que compromete o trabalho pedagógico. Desde 2015 não há concurso para professor efetivo na rede municipal de Natal.

Outra situação complicada se dá em relação à educação especial, pois é insuficiente a quantidade de professores de educação especial na rede municipal de Natal. Os alunos com deficiência ou com transtornos de aprendizagem, devidamente identificados por laudo, são atendidos no contra turno na sala de recursos multifuncionais a cargo de um professor pedagogo com habilitação em educação especial e em sala de aula, auxiliando os alunos com deficiência e transtornos variados, há a presença de estagiários dos cursos de licenciatura.

Segundo informações fornecidas pela Gestora pedagógica, neste ano de 2023, a escola atende às seguintes turmas:

[9] A Professora Luciana Barbosa, formada em Pedagogia, é a atual Gestora Pedagógica da Escola Municipal Professor Amadeu Araújo. Professora efetiva da educação municipal, com mais de uma década de experiência, exerceu as funções de Professora dos Anos Iniciais, no turno matutino, coordenadora do turno vespertino e gestora da Escola Municipal Palmira de Souza, localizada no bairro Potengi, Zona Norte de Natal.

- 6º ano A, 6º ano B, 6º ano C, 6º ano D, 7º ano A, 7º ano B, 7º ano C, 8º ano A, 8º ano B, 9º ano A, 9º ano B e 9º ano C, para o Ensino Fundamental II, no turno matutino.
- 6º ano E, 6º ano F, 6º ano G, 6º ano H, 7º ano D , 7º ano E, 7º ano F, 8 ano C, 8º ano D, 8º ano E, 9º ano D e 9º ano E, para o Ensino Fundamental II,
- Nível I A, Nível II A, Nível III A, B, C e D e Nível IV A, B, C e D, para a EJA, no turno noturno,

Em relação ao ensino de História, a escola possui quatro professores, sendo que três atuam no Ensino Fundamental II, no turno matutino, o professor Angelo Estevam Barbosa Neto (Angelo), que atua com os 6ºs anos, 7ºs anos e 8ºs anos; e a Professora Valdilene Hipólito Ramalho (Val), que atua com os 7ºs anos e 9ºs anos e que também atua no turno vespertino, com os 9ºs anos, juntamente com o professor Paulo Sérgio da Silva (Paulo), que atua também com os 6ºs anos, 7ºs anos e 8ºs anos; e o Professor José Bonifácio Pinheiro da Câmara Júnior (Júnior), que atua com os níveis III e IV da EJA.

Todos os professores de História da escola são efetivos, com exceção do professor Paulo, que é seletivo, com contrato até o final de 2025. Segundo um questionário aplicado com os professores de História da escola através do Google Forms, a professora Val[10], o professor Paulo[11] e o professor Júnior[12] falaram sobre os principais desafios de sua profissão e a atuação pedagógica na escola. Os dados sobre o questionário estão na tabela 3.

Os professores apresentam formações e atualizações distintas, que vão desde a graduação até o mestrado. A experiência em sala de aula também varia bastante se aproximando de uma década até pouco mais de duas décadas. Este tipo de formação e tempo de sala de aula distinto é relevante para saber que tipo de abordagem e de vivências cada professor apresenta em relação à Educação Patrimonial.

[10] O formulário respondido pela professora Valdilene Ramalho encontra-se no apêndice deste trabalho e também pode ser consultado pelo link: https://docs.google.com/forms/d/1HAKkWOhDbrImfF_ 7g7vLPJvhi UtF bcq UQhv-dHaJBmE/edit#response=ACYDBNhkrHKYskLB-cQ_oH5MGiJl1TC-CS1lxh_OvIRO9GICYa-ATvc MYSxIyPoynGkcWdA

[11] O formulário respondido pelo professor Paulo Silva encontra-se no apêndice deste trabalho e também pode ser consultado pelo link: https://docs. google.com/forms/ d/1HAKkWOhDbrImfF _7g7vLPJvhiUtFbcqUQhv-dHa JBmE/edit#response=ACYDBNg1ZYyrOMcaL05kyD8VasK4IoGD6tNir1-3H2gCJvXhV8 eFcpdjW9jEG 0qv UZbM9po

[12] O formulário respondido pelo professor José Júnior encontra-se no apêndice deste trabalho e também pode ser consultado pelo link: https://docs.google.com/forms/d/14wTZzhqh4VZ8OXZkZ1UBqbK4 xfDIzPdGpqxQf5n lXi0/edit#responses

As respostas dos professores sobre a questão 4 mostram abordagens diferentes. A professora Val vê na Educação Patrimonial a oportunidade de o aluno conhecer o cotidiano através da cultura material, enquanto que o professor Paulo está mais preocupado com a formação dos vínculos sociais e o professor Júnior, por sua vez, chama atenção para a responsabilidade do poder público, que tem ações insuficientes nesta área.

Tabela 3 - Professores de História da Escola Municipal Professor Amadeu Araújo

Respostas			
Perguntas	**Professora Val**	**Professor Paulo**	**Professor Júnior**
1 - Nome do professor(a):	Valdilene Hipólito Ramalho	Paulo Sérgio da Silva	José Bonifácio P. da Câmara Junior
2 - Formação acadêmica/pós-graduação.	Licenciatura e bacharelado em História (UFRN), Pós-graduação em educação em Direitos Humanos (UFRN) e Mestrado em Educação (UFRN).	Pós-graduação	História: Licenciatura e Bacharelado
3 - Tempo de atuação no magistério.	19 anos (rede municipal de Natal)	8 anos	22 anos
4 - Qual a importânciada Educação Patrimonial para as aulas de História?	São de grande importância, uma vez que é a possibilidade de incluir nosso aluno no universo mais "material" da história, de trazer a história para o cotidiano do aluno mostrando que os prédios, monumentos e tradições que resistem ao tempo nos ajudam a compreender nossa história.	É de suma importância na efetivação de uma memória histórica, identidade e fortalecimento dos vínculos sociais.	Muito importante. Mas, as políticaspúblicas do RN são insuficientes.
5 - Você já realizou algum trabalho de Educação Patrimonial com os seus alunos? Fale sobre isto.	Já sim. Abordo esse conteúdo em as turmas de 6º anos e com a EJA. Já realizei aulas de campo para o Forte dos Reis Magos, Ribeira, Museu Câmara Cascudo etc. Procuro mostrar a importância do binômio "conhecer para preservar e preservar para conhecer".	Já realizei em anos anteriores, abordando a história do conjunto Nova Natal e a cidade de Natal como um todo.	Sim! Quando lecionava nos 6ºs anos e quando a Secretaria de Educação do RN implantou a Disciplina de Cultura do RN, do 6º ano 9º ano, dentro das aulas de História. No entanto, diminuía o tempo para lecionar o restante do conteúdo de História. O mais racional seria criar Uma disciplina a parte de Educação Patrimonial. Sugiro implantar com disciplina no Ensino Médio Integral.

6 - Em sua opinião, há uma invisibilidade patrimonial da Zona Norte de Natal? Por quê?	Sim. Em parte por nossa responsabilidade enquanto professores de história quenão trabalhamos essa temática com nossos alunos mostrando o patrimônio histórico da zona norte, em parte pelos gestores públicos que não reconhecem, valorizam e buscam entregar equipamentos do patrimônio histórico da Zona Norte para população.	Infelizmente, o poder público tem muita responsabilidade na invisibilidade patrimonial da zona norte. Devido a questões políticas e econômicas, se omitem do seu papel de fomento junto à esta questão. Porém, é possível que a sociedade civil, escolas e outros setores se mobilizem para debater e consolidar ações afirmativas de valorização do patrimônio histórico na Zona Norte.	Sim! Porém não é só na Zona Norte. Entretanto essa área da cidade de Natal está mais abandonada nesse sentido.

Fonte: *formulários respondidos pelos professores (apêndice 1, apêndice 2 e apêndice 3).*

As observações dos professores sobre as potencialidades da Educação Patrimonial e sobre a omissão do poder público são pertinentes e em meu trabalho, pretendo explorar tanto estas potencialidades, para estimular o aluno a conhecer a história da região onde vive e, posteriormente, construir sentimentos de identidade e pertencimento. Sem esquecer de apontar as responsabilidades do poder público em relação à Educação Patrimonial, seja propondo ações ou apoiando ações da comunidade, principalmente do âmbito das escolas.

Sobre as experiências dos professores com a Educação Patrimonial em sala de aula, tema da questão 5, todos eles em algum momento da sua prática pedagógica já realizaram atividades com esta temática. A professora Val trabalhou com monumentos e museus para públicos distintos dando ênfase no conhecimento e preservação destes monumentos, já o professor Paulo ampliou esta participação, abordando o conjunto Nova Natal e o restante da cidade do Natal, e o professor Júnior também trabalhou estas temáticas em suas aulas.

Os relatos destes professores são importantes para que eu possa evidenciar que este trabalho que pretendo fazer, embora tenha como enfoque a Zona Norte de Natal, não tem ares de bairrismos, nem tampouco sectarismos. Acho relevante a preocupação dos colegas Val e Paulo, que trabalharam com outras partes da cidade e a observação do professor Júnior, que sugeriu uma disciplina de Educação Patrimonial na grade curricular do Ensino Médio. São ideias que pretendo levar em consideração na construção do meu trabalho.

Sobre a última pergunta, que trata da invisibilidade patrimonial da Zona Norte de Natal, os professores ressaltaram a responsabilidade do poder público e dos professores de História. A professora Val, além de reconhecer a nossa responsabilidade como docentes desta disciplina, na medida em que não trabalhamos estas temáticas patrimoniais locais em sala de aula, chama a atenção para a ausência do poder público, a qual também foi apontada pelo professor Paulo, que lembrou a capacidade de reação da comunidade para reverter esta situação,

destacando o papel da escola neste processo. Em contrapartida, o professor Júnior ampliou este quadro, mostrando que além da Zona Norte, o resto da cidade do Natal também é vítima desta invisibilidade patrimonial.

Esta constatação dos colegas professores só mostra o quanto é urgente e importante criar estratégias para enfrentar esta invisibilidade patrimonial da Zona Norte de Natal e é isto que pretendo fazer, contribuindo com este trabalho para que os moradores da região, em especial os alunos, possam conhecer a história da região onde vivem, conhecer e usufruir de seus bens culturais, através deste trabalho de Educação Patrimonial.

Promover o protagonismo do aluno através da pesquisa é algo muito presente na Escola Municipal Professor Amadeu Araújo e as mostras de conhecimento são um momento de culminância dos trabalhos produzidos durante o ano letivo e que são compartilhados com a comunidade escolar e abertos à visitação da comunidade, sobretudo de alunos e professores de outras escolas. Sobre esta produção de conhecimentos e a participação dos alunos, o site da prefeitura de Natal (2023) noticiou:

> A estudante Samara Andriele da Silva Brandão, de 16 anos, do 9° ano, falou da importância de conhecer outra cultura. “O nosso trabalho sobre os Imigrantes e os Refugiados da Síria, é para mostrar aos nossos colegas da escola a importância de não ter preconceitos e xenofobias com os refugiados. Mostramos um pouco de como aconteceu a chegada deles até o Brasil, e o quanto eles sofreram”. (BARBOSA, 2019).

Outra iniciativa que também merece ser citada é o Empreende Amadeu, uma feira de negócios que tem como protagonistas os alunos da escola. Esta feira faz parte de uma das ações do Projeto ALI (Agentes Locais de Inovação) do SEBRAE, que busca, em parceria com as escolas, fornecer noções de empreendedorismo e economia aos alunos das escolas públicas. A feira foi visitada por alunos da escola, de outras escolas e por pessoas da comunidade do bairro Lagoa Azul. No site da Prefeitura de Natal, a agente de inovação do SEBRAE, Leila Maranhão explicou a ideia do projeto:

> A ideia do projeto ALI é fazer um diagnóstico junto com a gestão, em quais aspectos a escola inova, se na parte pedagógica, quais as inovações que existe ou se não existe na parte de gestão, na metodologia, a partir desse diagnóstico, a gente levanta que ações poderiam ser feitas para solucionar algumas fragilidades que foram identificadas nesse diagnóstico, uma delas foi o professor, um dos professores já tinha essa ideia da educação empreendedora e da experiência que ele tinha em outra instituição de feira de empreendedorismo com adolescentes. (PMN, 2023).

Ações como estas, que colocam o aluno como protagonista e mobilizam a aprendizagem significativa através de um saber fazer e de um aprendizado prazeroso e prático, me estimulam a desenvolver o meu projeto de Educação Patrimonial na escola aproveitando o potencial dos alunos e o apoio da comunidade escolar.

O livro didático com o qual eu trabalho na Escola Municipal Professor Amadeu Araújo é da editora FTD, intitulado "História - sociedade & cidadania", de Alfredo Boulos. Este livro foi adotado para o Ensino Fundamental II e é utilizado em turmas do 6º ao 9º ano. Eu uso o livro em turmas do 6° ano, 7º ano e do 8º ano, pois não leciono em turmas do 9º ano, que ficam a cargo da professora Valdilene, no turno matutino.

Os livros seguem a matriz historiográfica linear, privilegiando a divisão clássica da História (Pré-História, História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea), com exceção de um capítulo dedicado à Pré-história da América, que aparece logo após o conteúdo de Pré-História, a História do Brasil começa após a Expansão Marítima e Comercial Europeia e temas como ocupação do território, colonização, economia e sociedade vão sendo apresentados de modo intercalado com outros acontecimentos da história mundial, como Renascimento, Revolução Industrial e Revolução Francesa. Segundo informações do site da editora FTD (2020), as principais seções dos livros desta coleção são:

> PARA REFLETIR - textos estimulantes sobre os conteúdos estudados, propondo discussões sobre os principais temas. RETOMANDO - revisão do conteúdo com questões variadas para serem realizadas individualmente ou em grupo. LEITURA E ESCRITA EM HISTÓRIA - seção que trabalha a leitura e a interpretação de fontes históricas em diferentes gêneros textuais, é dividida em "leitura e escrita de textos" e "cruzando fontes". VOZES DO PASSADO - análise de textos de sujeitos históricos que viveram as experiências sociais de outros tempos e espaços. VOZES DO PRESENTE - análise de textos historiográficos ou jornalísticos, escritos recentemente, sobre assuntos relacionados ao tema estudado. VOCÊ CIDADÃO - estimula a reflexão sobre temas como meio ambiente, ética e solidariedade. As atividades visam à preparação para o exercício da cidadania (FTD, 2020).

Além destas seções que enriquecem o conteúdo e servem para aprofundar os conhecimentos construídos e compartilhados em sala de sala de aula, o livro do professor traz uma seção inicial com informações sobre a organização dos livros e as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) presente neles.

Estes livros foram escolhidos para serem usados durante quatro anos. A pandemia do Covid-19 infelizmente trouxe um problema de evasão de livros e atualmente estes livros de História não são entregues aos alunos, pois há uma quantidade escassa reservada apenas para

uso em sala de aula. Diante desta realidade, tive que refazer o meu planejamento, já que as atividades de casa eram uma oportunidade muito grande para que algumas atividades do livro fossem realizadas.

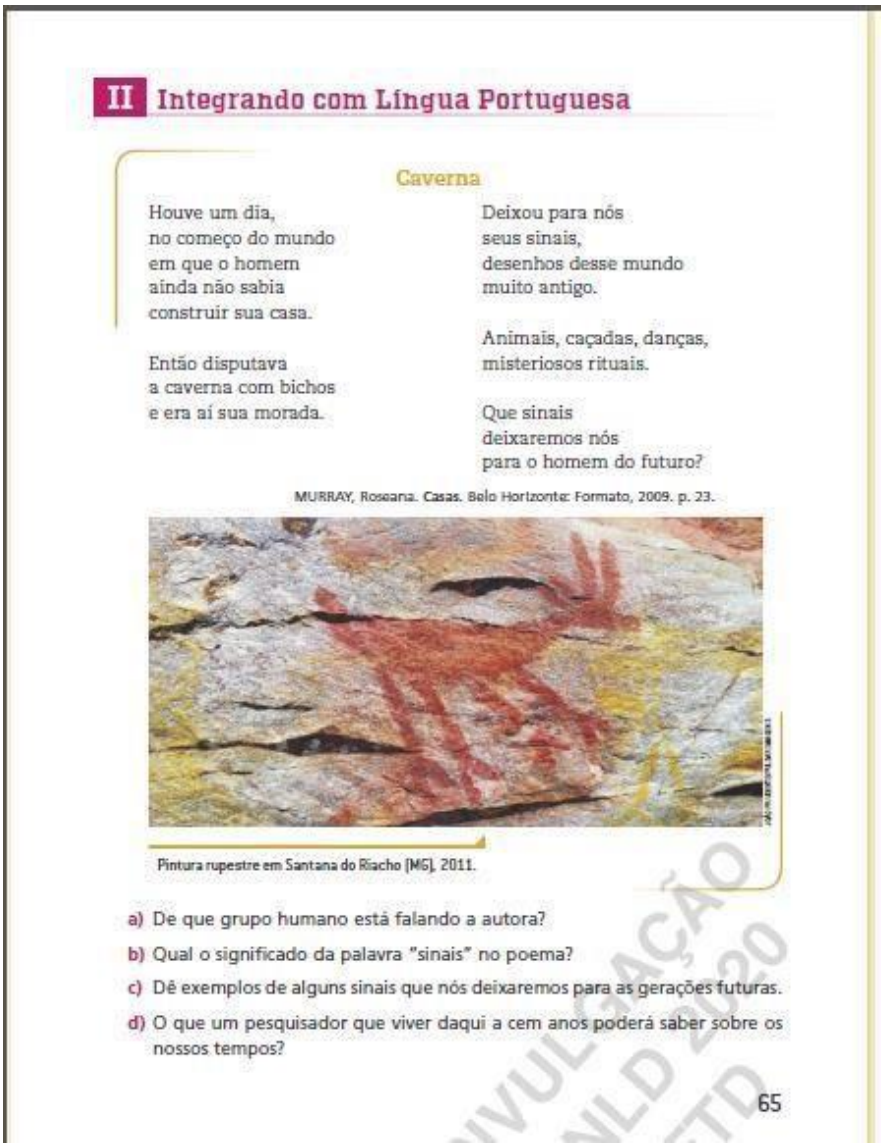
Como são apenas duas aulas de História por semana em cada turma, e ainda temos outros recursos como textos autorais, filmes e mapas que são utilizados, o livro não pode ser explorado com mais intensidade, já que não pode ser levado para casa. Como trabalho com seminários, este tipo de atividade inclui o livro como uma das fontes de pesquisa para poder diminuir esta deficiência. A figura 5 mostra a coleção a que pertencem os livros didático que utilizo em sala de aula com meus alunos:

Figura 5 - Coleção de livros - História e sociedade & cidadania.

Fonte: *BOULOS, 2020.*

Em relação à Educação Patrimonial, esta coleção já começa pela capa. As capas dos quatro livros do Ensino Fundamental II trazem imagens de bens culturais de natureza imaterial. O livro do 6º ano traz imagem (sem data) da Cavalhada de Pirenópolis, Goiás, que faz parte da Festa do Divino Espírito Santo. O livro do 7º ano traz uma imagem do Maracatu rural de Nova Aliança, Pernambuco, em 2015. A fotografia (sem data) de uma festa do sudeste do Brasil, o Arraial do Belô, ilustra a capa do livro do 8º ano e o livro do 9º ano mostra a Dança do xote de duas damas, de 2017, em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Além destes exemplos, há atividades sobre educação patrimonial contextualizadas com os conteúdos estudados. A imagem a seguir mostra uma destas atividades:

Figura 6 - Atividade do capítulo 4.



II Integrando com Língua Portuguesa

Caverna

Houve um dia,
no começo do mundo
em que o homem
ainda não sabia
construir sua casa.

Então disputava
a caverna com bichos
e era aí sua morada.

Deixou para nós
seus sinais,
desenhos desse mundo
muito antigo.

Animais, caçadas, danças,
misteriosos rituais.

Que sinais
deixaremos nós
para o homem do futuro?

MURRAY, Roseana. Casas. Belo Horizonte: Formato, 2009. p. 23.

Pintura rupestre em Santana do Riacho (MG), 2011.

a) De que grupo humano está falando a autora?
b) Qual o significado da palavra "sinais" no poema?
c) Dê exemplos de alguns sinais que nós deixaremos para as gerações futuras.
d) O que um pesquisador que viver daqui a cem anos poderá saber sobre os nossos tempos?

65

Fonte: *PNLD FTD - 2020*, divulgação editora FTD, p. 65, 2020.

Um dos exemplos de Educação Patrimonial presentes nesta coleção está no livro do 6º ano (Capítulo 4 - Primeiros habitantes da América), que traz uma atividade desta temática, na página 65, a partir de uma imagem de uma pintura rupestre em Santana do Riacho, Minas Gerais. Através de uma interpretação interdisciplinar, ligada ao poema "Caverna", de Roseana Murray, esta atividade mobiliza conhecimentos de duas disciplinas, Língua Portuguesa e História, e utiliza estímulos da linguagem visual e escrita para aprofundar os conteúdos sobre a Pré-história.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Municipal Professor Amadeu Araújo foi construído em 2010 e foi embasado pelos princípios da educação cidadã, participativa e democrática de Paulo Freire e pela busca da inclusão de todos e todas que formam a comunidade escolar, em especial os alunos.

Como já faz treze anos que este projeto foi concebido e houve uma mudança no quadro de professores e funcionários, bem como das funções da escola, que antes atendia aos níveis I e II do Ensino Fundamental e agora só atende ao Ensino Fundamental II, este ano este documento começou a ser atualizado.

Este documento foi construído com a participação de professores, gestores, coordenadores e representantes de pais e alunos, em diversas reuniões e encontros ao longo do ano de 2010. A participação destes segmentos na construção deste documento mostra na prática o teor democrático defendido na concepção do documento e a importância da participação da comunidade escolar na elaboração deste documento coletivo.

Todos puderam dar sua opinião, defender seus pontos de vista, discutir ideias, criticar a propor modificações e soluções. Esta participação da comunidade escolar foi importante, pois como frisou Paulo Freire (1991):

> Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber que vai além do saber de pura experiência, feito que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história [...]. A escola deve ser também um centro irradiador da cultura popular, à disposição da comunidade [...] um centro de debate de ideias, soluções, reflexões, onde a organização popular vai sistematizando sua própria experiência. A escola não é só um espaço físico. É um clima de trabalho, uma postura, um modo de ser. (FREIRE, 1991, p. 16).

A participação efetiva da comunidade escolar em todas as atividades da escola, que se fez presente na elaboração deste projeto, está em sintonia com os ideais de educação cidadã e participativa defendidos por Paulo Freire. É neste tipo de ambiente escolar participativo e

democrático que eu pretendo implantar a minha intervenção de Educação Patrimonial com a participação ativa dos meus alunos.

Em relação ao ensino de História, a convivência diária, nas formações, nas reuniões de planejamento e no diálogo com professores e alunos (já que tive a oportunidade trabalhar nos três turnos) me fornece a percepção de que as aulas são pautadas pelos valores e orientações contidas no Projeto Político Pedagógico da escola, além das orientações da rede municipal de ensino e das ideias e da trajetória e experiência pessoal e profissional de cada professor.

Segundo as orientações contidas no PPP da Escola Municipal Professor Amadeu Araújo (2010), o objetivo geral para o ensino de História no Ensino fundamental II é "contribuir para a formação social do aluno, considerando-se sua história individual, inserida num contexto coletivo do grupo no qual convive, estabelecendo relações com outros tempos espaços". E dentre os objetivos específicos, merece destaque:

> Estudar o patrimônio cultural, enquanto representação da memória histórica, no sentido de valorizar e respeitar a diversidade cultural, reconhecendo-a como direito de povos e indivíduos na construção de sua identidade; Estudar a história numa perspectiva que valorize a vida e as lutas dos sujeitos históricos, observando desde os fatos mais próximos de seu cotidiano aos mais amplos (PPP E M Professor Amadeu Araújo, 2010, p. 19).

Estas orientações contidas no PPP da escola valorizam o cotidiano e o local na construção da identidade dos alunos e da sua constituição como sujeitos históricos através da diversidade cultural.

Em relação aos níveis III e IV da Educação de Jovens e Adultos, o PPP (2010) recomenda em seus objetivos específicos: "analisar aspectos geográficos e históricos do bairro e comunidade, estabelecendo relações com contextos mais amplos".

As recomendações contidas neste documento norteador do cotidiano escolar estão em sintonia com o trabalho de Educação Patrimonial que pretendo realizar, tendo como ponto de partida a escola. São ideias de valorização das temáticas locais da história, do espaço geográfico e do patrimônio, considerando os bens culturais produzidos pela comunidade.

Através da realização de atividades mediadas por mim e com a participação dos alunos da turma do 8º ano A, do turno matutino, pretendo desenvolver um trabalho de Educação Patrimonial para fazer um inventário participativo dos bens culturais materiais e imateriais da Zona Norte, do ponto de vista da comunidade que interage com estes locais e estas manifestações, principalmente os alunos. Esta participação da comunidade, como frisou Cláudia Teixeira

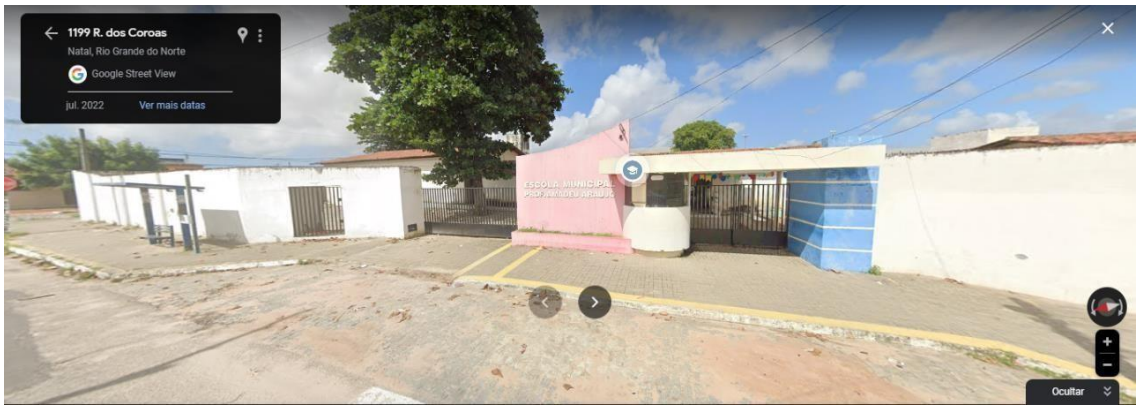
(2008), é importante por quê:

> A educação patrimonial vem com o intuito de desmistificar o senso comum, fazendo com que os estudantes, a comunidade em geral percebam a sua casa, sua escola, o seu bairro como patrimônios culturais pertencentes a sua história. É sempre mais fácil e cômodo dar valor e significado ao que está distante de nós e muitas vezes o que está próximo torna-se invisível e não é digno de ser valorizado e preservado. (TEIXEIRA, 2008, p. 203).

Concordo com esta afirmação porque como morador da Zona Norte há mais de quatro décadas e como professor da Escola Municipal Professor Amadeu Araújo há 15 anos, percebo a necessidade de enfrentar este problema da invisibilidade patrimonial da Zona Norte, que tem como consequência a negação da fruição dos bens culturais por parte dos moradores da região, em especial os alunos, a falta de autoestima das pessoas que moram nesta região e ausência de pertencimento em relação ao local por parte dos moradores. Por isto, acredito que é importante estimular uma mudança de atitude e para isto me proponho a realizar este trabalho sobre Educação Patrimonial na Zona Norte de Natal.

Em 2022, a Escola Municipal Professor Amadeu Araújo foi selecionada, junto com outras escolas e Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs), para passar por uma intervenção artística em suas fachadas frontal e lateral. Através de um edital da Capitania das Artes, a artista plástica Patrícia Cristina de Oliveira Souza (SouPúrpura) foi selecionada, dentre outros artistas, para pintar murais nas escolas e CMEIs. Com a participação dos alunos ela pintou um mural com 45 metros quadrados com a temática da cultura da paz na fachada da Escola Municipal Professor Amadeu Araújo. A fachada frontal da escola, que sofria constantes pichações, era originalmente pintada na cor branca, como mostra a imagem a seguir:

Figura 7 - Fachada frontal da E. M. Professor Anadeu Araújo.



Fonte: *Google Maps, 2020*

Como se pode ver na imagem, a fachada frontal da escola, pintada de branco, oferecia todas as condições para ter uma intervenção artística. E esta intervenção se revestiu de mais importância e expectativa por ser uma obra coletiva que contou com a participação dos alunos.

Segundo informações do site da Prefeitura Municipal do Natal, (2022) sobre este trabalho, a Gestora administrativo-financeira da escola, professora Adriana Rocha "explicou sobre como a pintura servirá para o sentimento de preservação do patrimônio escolar e destacou a importância da arte no cotidiano educativo". A gestora ainda acrescentou que:

> Esse é um projeto da Funcarte, onde foram selecionados alguns espaços parareceber esse atrativo. O tema escolhido foi justamente para transformar a frente da escola em um espaço bonito, um cenário para gerar esse sentimento de pertencimento a escola, valorizando o ambiente escolar. (PMN, 2022).

O comentário da gestora mostra a sensibilidade de quem vivencia o cotidiano da escola e sabe que uma obra de arte destas pode contribuir para ajudar promover a cultura da paz, o respeito à diversidade e a tolerância entre todos e todas na comunidade escolar, em especial os alunos. As mensagens em forma de arte contidas no mural representado nas figuras a seguir, são um convite para a comunidade escolar, em especial os alunos, construírem e vivenciarem a cultura da paz:

Figura 8 - intervenção artística na fachada lateral lateral da E. M. Amadeu Araújo

Fonte: Facebook da E. M. Prof. Amadeu Araújo, 2022

Figura 9 - fachada frontal da Escola M. Prof. Amadeu Araújo

Fonte: E. M. Prof. Amadeu Araújo - 2022.

As imagens acima, que mostram a participação dos alunos na pintura do mural e o resultado da intervenção artística no muro da fachada frontal da escola são um exemplo de

que estas ações são possíveis na escola. A oportunidade de os alunos poderem participar de uma atividade ligada ao cotidiano deles ressalta a relevância da Educação Patrimonial no contexto escolar e o quanto ações como estas são necessárias para promover o aprendizado e criar um significado de pertencimento do aluno para com a escola e com a sua comunidade. Pretendo, através do meu trabalho, ampliar estas ações no âmbito da Zona Norte de Natal, promovendo uma proposta de Educação Patrimonial participativa, inclusiva e cidadã.

Procurei apresentar, neste capítulo, a formação da Zona Norte de Natal, sua ocupação, o crescimento populacional e econômico, além de seus problemas e desafios, incluindo a necessidade de dar visibilidade patrimonial a esta parte de Natal. Além do bairro Lagoa Azul, foi mostrada a Escola Municipal Professor Amadeu Aráujo, que além de estar localizada neste bairro é lugar de minha prática pedagógica e é onde este trabalho será desenvolvido com meus alunos. Acredito que é importante mostrar a estrutura da escola, seus recursos humanos e pedagógicos, em especial os professores de História e suas relações com a Educação Patrimonial e a sintonia do projeto político pedagógico da escola com este trabalho.

CAPÍTULO 2

2 ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

O presente capítulo tem o objetivo de fazer um histórico da Educação Patrimonial no Brasil deste a sua implantação formal na década de 1980 até os dias atuais, suas relações com o ensino de História e a sua aplicação em sala de aula.

Neste percurso, abordarei inicialmente a política patrimonial do país, começando pela criação do SPHAN, na década de 1930, passando pelas mudanças do IPHAN na década de 1970, a efervescência da Nova República e o arcabouço legal sobre o patrimônio criado pela Constituição de 1988 e as novas concepções sobre a política patrimonial no país.

As relações da Educação Patrimonial com o ensino de História, as potencialidades ligadas à sua aplicação em sala de aula e as experiências realizadas neste campo também serão descritas neste capítulo. Estas conexões da Educação Patrimonial com o ensino de História serão exploradas levando em consideração o patrimônio cultural, os bens culturais materiais e imateriais, o patrimônio vivo e a pluralidade cultural.

As obras que se tornaram referenciais teóricos da Educação Patrimonial, assim como o trabalho do IPHAN, serão descritos neste capítulo. As publicações do IPHAN com conceitos teóricos e orientações práticas para a Educação Patrimonial também serão objetos de análise. As conexões da Educação Patrimonial com o ensino de História serão exploradas levando em consideração os conceitos de patrimônio histórico e cultural, bens culturais materiais e imateriais e patrimônio vivo.

Este capítulo será finalizado com a descrição do trabalho de criação de um inventário participativo sobre os bens culturais materiais e imateriais da Zona Norte de Natal, em conjunto com os alunos do 8º ano A da Escola Municipal Professor Amadeu Araújo e das atividades e produções dos alunos ligadas a este trabalho.

2.1. Educação Patrimonial e Ensino de História: Histórico e Possibilidades

Para falar de Educação Patrimonial, precisamos falar de patrimônio. A história da Educação Patrimonial no Brasil está ligada à concepção de patrimônio que foi adotada no país e as tensões com as ideias contrárias a esta concepção que foi adotada. Esta história está intimamente ligada à atuação do IPHAN (anteriormente SPHAN) na definição da política de patrimônio que o Brasil adotou a suas consequências, dentre elas o conhecimento, a

conservação e preservação deste patrimônio e a Educação Patrimonial.

A criação do SPHAN (Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) foi uma ação conjunta que envolveu esforços regionais e a atuação dos intelectuais modernistas, ligados à Semana de Arte Moderna, de 1922. Uma das primeiras providências do Ministro da Educação, Gustavo Capanema, foi encomendar ao intelectual e estudioso modernista Mário de Andrade um documento sobre o patrimônio artístico nacional. O documento apresentado por Mário de Andrade, segundo a publicação do IPHAN, Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos (2014):

> De caráter avançado e inclusivo, assentado na noção de arte (entendida como a habilidade com que o engenho humano se utiliza da ciência, das coisas e dos fatos), o anteprojeto sugeria, entre outras coisas, a criação de uma "Seção dos Museus", que ficaria encarregada de organizar os museus nacionais pertencentes ao SPHAN, promover exposições em nível regional e federal e articular-se com seus congêneres regionais. Em sua concepção, os museus municipais deveriam ser ecléticos, com acervos heterogêneos, e os critérios de seleção das peças ditados pelo valor que representam para a comunidade local (IPHAN, 2014, p. 5).

Esta proposta mostra o caráter visionário de Mário de Andrade, antecipando discussões patrimoniais que são feitas na atualidade (sobre bens culturais materiais e imateriais, cultura popular e participação da comunidade) e sua disposição em dar importância às diversas manifestações culturais e criações do povo brasileiro. No entanto, esta proposta inovadora, inclusiva e que apresentava uma noção larga de patrimônio foi derrotada e em seu lugar foi implantada uma proposta elitista, excludente e que nega a participação popular de forma ativa como produtora e consumidora destes patrimônios.

Durante a chamada fase heroica do IPHAN, de 1937 a 1967, dirigida por Rodrigo de Melo Franco, segundo a publicação "*Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos"* (2014), foi dada uma ênfase "na criação de museus e no incentivo a exposições; no tombamento de coleções e acervos artísticos e documentais, de exemplares da arquitetura religiosa, civil e militar..." (IPHAN, 2014, p. 6). Esta postura evidencia um modelo de valorização do patrimônio histórico e cultural produzidos pelas elites políticas, sociais e econômicas, centradas nos monumentos arquitetônicos.

A ênfase nas exposições mostra também uma intenção de utilizar os museus de forma pedagógica, num modelo de visitação centrado na exposição guiada, sem interação e questionamentos. Uma Educação Patrimonial contemplativa, enciclopédica, distante da proposta de Mário de Andrade e próxima do que Paulo Freire chamou de "educação bancária".

Além disso, este tipo de política patrimonial centrou-se no tombamento de bens imóveis, desprezando outros tipos de bens culturais, como disse Ricardo Oriá Fernandes (2002):

> Esta política de preservação que norteou a prática do SPHAN e seus similares nos estados e municípios objetivava passar aos habitantes do país uma ideia de uma memória unívoca e um passado homogêneo e de uma história sem conflito e contradições sociais. A concepção predominante era de se forjar uma identidade nacional única para o país, excluindo as diferenças e a pluralidade étnico-cultural de nossa formação histórica. (FERNANDES, 2002, p. 131).

O comentário acima evidencia as intenções desta política patrimonial, criando uma homogeneidade inexistente, contrariando as diversidades presentes nos bens culturais criados pela sociedade brasileira, principalmente aqueles ligados às classes sociais mais desfavorecidas.

Esta narrativa homogênea nega os conflitos sociais, presentes na criação dos bens culturais por eles representada, realizando um apagamento histórico e cultural do povo através de uma escolha dos bens culturais a que eles podem ter acesso, negando-lhes o direito a sua própria história.

Este modelo de gestão do patrimônio começou a ser repensado institucionalmente em meados da década de 1970, com a criação, em 1975, do Centro Nacional de Referência Cultural, CNRC, sob a liderança do professor Aloísio Magalhães, que inspirado nas ideias de Mário de Andrade, propunha uma ampliação da noção de patrimônio, incidindo sobre as atividades de identificação, catalogação, conservação e preservação.

Segundo Márcia Kersten (1998), além de criticar os bens de pedra e cal, Aluísio Magalhães "alertou, porém, para a importância de outros bens culturais imóveis, de natureza histórica, religiosa ou leiga, dentre os quais os sítios e conjuntos arquitetônicos relevantes" (KERSTEN, 1998, p. 101).

Este comentário evidencia novas posturas para a política do patrimônio, através do rompimento com uma predominância de patrimônios em geral arquitetônicos e ligados á memória das classes dirigentes do país. Esta ideia de Aloísio Magalhães além de manter o que já foi tombado e dar importância a sua preservação, contempla as manifestações culturais do povo e ao que vai ser chamado depois de bens culturais imateriais.

Ainda sobre as ideias de Aloísio Magalhães, Márcia Kersten (1998) destaca que "entendendo que a política do patrimônio deveria ir além do belo e do velho na preservação de bens arquitetônicos, Aloísio propôs uma concepção mais abrangente de patrimônio, que considerava a diversidade cultural, étnica e religiosa do país".

Este entendimento de uma noção larga de patrimônio, integrando vários tipos de

manifestações culturais e com respeito às diversidades foi usado posteriormente por Aloísio Magalhães em sua breve fase como presidente do IPHAN entre 1979 e 1982, quando morreu prematuramente na Itália.

Outra iniciativa que se destaca no início da década de 1980 é o Projeto Interação, implantado em 1981, seguindo as "Diretrizes para operacionalização da política cultural do MEC", segundo Carlos Rodrigues Brandão (1996), o documento que define a atuação deste programa dizia que:

> O objetivo fundamental é o desenvolvimento cultural, concebido como uma das dimensões essenciais para ampla democratização da vida brasileira e voltado para os setores menos favorecidos da população, numa perspectiva antielitista, comprometido com o conhecimento, a preservação e a dinamização dos valores culturais básicos do povo. (BRANDÃO et al, 1996 p. 301).

Apesar deste projeto está situado ainda na Ditadura Militar (1964-1985), nota-se a influência do contexto histórico deste período final do regime, com a anistia e um clima de maior liberdade. Outra observação diz respeito ao rompimento com uma política patrimonial elitista e excludente, responsável pelo silenciamento patrimonial das classes sociais mais desfavorecidos e a negação ao seu direito aos bens culturais produzidos pela sociedade, principalmente os que contam a sua própria história e estão relacionados ao seu cotidiano.

Uma iniciativa importante deste programa é o seu viés educativo, já que havia uma conexão com as escolas. Segundo João Demarchi e Simone Scifone (2019), este projeto "instaura um novo modo de articular a escola básica com a cultura do seu entorno que tem implicações no fortalecimento da identidade dos alunos acarretando na elevação da autoestima e na conscientização de que eles são sujeitos históricos". (DEMARCHI; SCIFONE, 2019, p. 12).

Este viés educativo do Projeto Interação, interativo e participativo, levando em consideração a cultura da comunidade, a formação das identidades, do sentimento de pertencimento e a consciência histórica dos atores sociais envolvidos m sua aplicação é muito relevante no que diz respeito à democratização dos bens culturais, à visibilidade histórica e cultural, às possibilidades de construção de identidades, ao pertencimento e à consciência histórica.

Neste clima de abertura política e mudanças no rumo na política patrimonial do país, ocorreu o 1º Seminário sobre o Uso Educacional de Museus e Monumentos, realizado no Museu Imperial de Petrópolis, Rio de Janeiro, em 1983. Este evento é simbólico como marco da

introdução da expressão Educação Patrimonial no Brasil. Inspirado no modelo da Heritage Education, desenvolvido na Inglaterra. Segundo o Guia Básico de Educação Patrimonial, organizado por Maria de Lourdes Horta, Evelina Grunberg e Adriana Monteiro (1996):

> A Educação Patrimonial é um instrumento de "alfabetização cultural" que possibilita fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sócio cultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural. (HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO, 1999, p. 4)

Esta proposta das autoras mostra as conexões dos bens culturais com os indivíduos produtores destes bens, num processo de interação para entender a importância destes bens para a sua história, o seu cotidiano, democratizando estes bens e estimulando sentimentos de identidade, pertencimento, preservação, valorização histórica e cultural das comunidades em que estes indivíduos estão inseridos.

O termo "alfabetização cultural" é inadequado, mostrando um descompasso com os resultados esperados da interação dos indivíduos com os bens culturais, por que segundo João Demarchi e Simone Scifoni (2019):

> A análise crítica mostra que ao seguir as quatro etapas, espera-se que os sujeitos preservem aqueles monumentos escolhidos de antemão pelo professor e que estão vinculados às grandes narrativas, muitas vezes tuteladas pelos órgãos de preservação ou pertencentes ao acervo de museus. [...] Não são criados métodos que possibilitem a valorização da pluralidade de culturas. Desse modo, a "seleção abusiva" promovida pelo tombamento de determinados bens, vinculado à história monumental, é reiterada pela educação apresentada pelo Guia. (DEMARCHI; SCIFONE, 2019, p. 14).[13]

A preocupação com uma pretensa "alfabetização cultural" é legítima, já que há o perigo de, nas atividades de Educação Patrimonial, acabar ocorrendo o que mais se quer combater, que é a reprodução de uma política patrimonial elitista, excludente e silenciadora dos bens culturais das camadas sociais mais desfavorecidas.

Em meu trabalho de Educação Patrimonial sobre a Zona Norte de Natal, desde o início pretendo trabalhar em conjunto com os meus alunos, valorizando os seus saberes e estimulandoa participação deles em cada etapa do processo, para evitar ao máximo sair do meu papel de

[13] As quatro etapas da metodologia da Educação Patrimonial proposto pelo Guia são a observação, o registro, a exploração e a apropriação.

mediador pedagógico para o de alguém que prescreve quais bens culturais serão ou não objetos de estudo, ou de quem desrespeita as diversidades e desvaloriza os saberes dos alunos.

Com o fim da Ditadura Militar (1964- 1985), tem início a Nova República, com a eleição indireta, em colégio eleitoral, do presidente Tancredo Neves (que faleceu antes de assumir o poder), substituído pelo vice, José Sarney. As demandas reprimidas por 21 anos do regime anterior e o clima de liberdade são canalizados para as diversas lutas da sociedade civil. Sobre este período, Marcia Kersten disse (2000):

> O marcante na Nova República foi o ressurgimento de movimentos sociais de diferentes naturezas, estimulados pela distensão democrática, que garantiu espaços de expressão às minorias e ampliou a luta em favor da cidadania. O tema patrimônio incorporou então outras discussões, tais como o direito à pluralidade cultural, à defesa do meio ambiente, da qualidade de vida, o que interferiu diretamente na delimitação dos patrimônios. (KERSTEN, 2000, p. 105).

Este alinhamento do campo do patrimônio com as outras demandas e lutas sociais no contexto de um país que recomeçava a escrever sua história foi muito salutar já que vinculou o patrimônio à sociedade que o produz e na qual ele está inserido. Este viés de integração da discussão patrimonial levando em consideração os impactos da política na sociedade e para os diversos atores sociais envolvidos nestas discussões vão orientar as discussões que vão se concretizar no âmbito da nova constituição.

A Constituição Federal de 1988 procurou ampliar o sentido de patrimônio cultural, valorizando experiências inovadoras como o Projeto Interação e repensando a política patrimonial tradicional, que era centrada em privilegiar os monumentos arquitetônicos que contava a história do ponto de vista das elites. Uma destas mudanças é destacada por Ricardo Oriá Fernandes (2002):

> Em seu artigo 215, parágrafos 1º e 2º, por exemplo, determina que Estado deve proteger as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional, além de prever a elaboração de leis que venham a dispor sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais. (FERNANDES, 2002, p. 131).

Este artigo estimula o uso de uma perspectiva multiculturalista nos processos patrimoniais, abrindo espaço para que os bens culturais das variadas etnias que compõem o nosso país possam vir a ser conhecidas, estudadas e colocadas à disposição da população o que pode contribuir para a tolerância e o respeito às diversidades.

A proteção que este artigo garantiu às manifestações populares, indígenas e afro-brasileiras, é uma tentativa de reparação para estes povos que ajudaram a construir o nosso paíse que têm seu protagonismo, suas lutas e sua história negada por uma política patrimonial que, em geral, os tornou invisíveis ou na melhor das hipóteses, exóticos.

Um exemplo desta possibilidade de propor datas comemorativas sobre eventos e processos históricos relevantes para a sociedade é o Dia da Consciência Negra, comemorado no dia 20 de novembro. Instituído pelo projeto de lei nº 10.639, em 9 de janeiro de 2003, é uma data para comemorar a luta do povo negro (Zumbi dos Palmares foi morto nesta data em 1695) contra a escravidão e refletir sobre o enfrentamento ao racismo estrutural que está presente na sociedade brasileira.

É importante contar a história dos que foram silenciados pela política patrimonial atrelada a uma história positivista, interessada em contar os feitos dos grandes vultos da nação e omitir as lutas dos povos mais desfavorecidos por esta sociedade que nega o pluralismo cultural. Pretendo fazer isto através do meu trabalho, dando vez e voz à Zona Norte de Natal, historicamente marginalizada em seus espaços e suas histórias, invisível nos processos de patrimonialização e monumentalização.

Outra mudança trazida pela Constituição de 1988 diz respeito ao reconhecimento dos bens imateriais. Os bens culturais imateriais ao lado dos bens culturais materiais integram o que chamamos hoje de patrimônio cultural. Esta nova terminologia, segundo Ricardo Oriá Fernandes (2002), substituiu a denominação anterior, "patrimônio cultural e artístico", mais identificado com os bens materiais imóveis escolhidos em geral por arquitetos e burocratas ligados à gestão do patrimônio, sem participação popular.

> Segundo o artigo 216 da Constituição de 1988 (2016), "constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]." (BRASIL, [Constituição (1988)], p. 126).

Este artigo da Carta Constitucional significa um reconhecimento da pluralidade cultural do nosso país e do nosso povo como criador de culturas em suas diversidades étnica, religiosa e cultural. O patrimônio cultural do povo, suas manifestações culturais, seus lugares de memórias, seus heróis, suas lutas, seus saberes e fazeres, tudo isto agora pode ser levado em consideração ao se fazer um inventário participativo dos bens culturais de uma cidade, um bairro, uma comunidade quilombola ou uma favela.

No trabalho que pretendo realizar, de Educação Patrimonial na Zona Norte de Natal, pretendo abordar os bens culturais materiais e imateriais desta região da cidade. Embora

entenda que esta divisão é didática e que estas duas categorias se misturam, acredito que esta divisão é importante para a identificação e a valorização dos bens imateriais.

A necessidade de criar uma legislação específica tratando dos bens culturais imateriais motivou, na década de 1990, a criação do Grupo de Trabalho do Patrimônio Imaterial. O resultado das ações deste grupo de trabalho se concretizaria, segundo Marcia Chuva (2012):

> Em 2000, com a assinatura do decreto nº 3551, que instituiu o Registro de Bens de Natureza Imaterial e criou o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial. Este programa, inicialmente vinculado ao Ministério da Cultura, foi transferido em 2003 para o Iphan, que absorveu todas as atribuições relativas ao patrimônio imaterial. (CHUVA, 2012, p. 161).

Este arcabouço institucional é relevante porque criou o instrumental teórico para que os bens culturais imateriais pudessem ser identificados e catalogados. Com isto, os profissionais ligados ao patrimônio, pesquisadores e estudiosos passaram a ter normas específicas para lidar com estes bens e o IPHAN, encarregado dos bens imateriais, passou a produzir publicações direcionadas para este tema, como por exemplo, "*Patrimônio Cultural Imaterial: para saber Mais*" (2017), "*Registro do Patrimônio Imaterial*" (2006) e "*Patrimônio Cultural do Brasil: pareceres de registro dos bens culturais imateriais*" (2021).

2.2 Educação patrimonial em sala de aula

O Guia Básico de Educação Patrimonial, publicado pelo IPHAN, em 1996, traz uma série de atividades fundamentadas nas etapas de observação, registro, exploração e apropriação. Há a sugestão de que estas atividades sejam aplicadas pelos professores da Educação Básica em formas de Oficinas de Educação Patrimonial. Segundo Almir Oliveira (2019), sobre a metodologia da Educação Patrimonial, "esta metodologia, para além do uso nos setores educativos dos museus passou a ser em outros locais, incluindo-se aí as salas de aula nos diversos níveis de ensino" (OLIVEIRA, 2019, P. 99).

Este comentário reforça a necessidade das ações de Educação Patrimonial ser aplicadas na sala de aula. Acredito que isto é importante, pois se queremos que a comunidade conheça a riqueza patrimonial que existe em seu local e passe a valorizá-la, o ponto de partida pode ser a sala de aula.

Nesta perspectiva, o Documento Curricular do Estado do Rio Grande do Norte para o

Ensino Fundamental (2018) orienta o estudo da história local através de pesquisas e diz que:

> As fontes históricas devem ser utilizadas pelo professor de História para levar os alunos a se depararem com o método histórico e, portanto, com produção do conhecimento histórico a respeito da formação de diferentes povos e em diferentes temporalidades. Essas fontes podem ser fotografias, pinturas, cartazes, canções, materiais audiovisuais, exposições em museus, monumentos históricos, patrimônios material e imaterial, lendas, folclore, tradições, entre outras. (SEEC/RN, 2018, p. 975)

Além desta gama de possibilidades de usos de documentos históricos, como orientações para atividades, enfocando o patrimônio cultural, o mesmo documento, partindo da problematização das origens e estabelecimento das famílias dos alunos em Natal, levando em consideração as questões temporais (sincronias e diacronias) e uma reflexão sobre as cronologias, sugere para as turmas do 6º ano:

> Elaboração de uma pesquisa a ser realizada pelos alunos sobre a origem da família deles e o que a levou a residir na localidade. Solicitar aos alunos que montem, no caderno, uma linha do tempo relacionando a história da família deles com a da cidade. Pesquisar locais da comunidade que os alunos consideram patrimônio material. Dar ênfase aos lugares de memória. (SEEC/RN, 2018, p. 1002)

As temáticas locais da história têm sua importância reconhecida pela atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9394/96 (2020) que em seu artigo 26, diz "que a parte diversificada dos currículos do ensino fundamental e médio deve observar as características regionais e locais da sociedade e da cultura." (BRASIL, 2020, p. 20). Com isto, há o respaldo da lei maior que rege a educação nacional em termos de conferir autonomia ao professor para trabalhar temas significativos que nem sempre aparecem nos currículos oficiais.

Em relação ao ensino de História, a Educação Patrimonial possibilita que os alunos possam conhecer sua própria história, através da diversificação das fontes em sala de aula. Além disso, estimula o aprendizado significativo e crítico dos conteúdos, considerando um viés que inclui as temáticas locais neste processo.

Outras potencialidades que a Educação patrimonial apresenta são a valorização de memórias e histórias das culturas populares, muitas vezes silenciadas pela história tradicional, o estímulo ao sentimento de pertencimento ao local e sua valorização e preservação dos seus bens culturais por parte da comunidade e a democratização, além do fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania. Além disso, em relação às conexões entre Educação Patrimonial e ensino de História, segundo Salvadori (2008):

> A Educação Patrimonial envolve de modo evidente o Ensino de História enquanto entendimento de mudanças espaço-temporais, reconhecimento de permanências e embate entre diferentes sujeitos e grupos em torno de suas propostas políticas, simbolizadas pelos bens que procuraram preservar/destruir. As aulas de História podem proporcionar, portanto, condições privilegiadas para que os alunos reconheçam, no esforço pela preservação de diferentes suportes de memória e nas diferentes interpretações que eles suscitam, tanto uma conquista do passado do qual são herdeiros quanto um instrumento para a construção de sua própria cidadania (SALVADORI, 2008, p. 37).

Considerando que esta construção da cidadania passa pelo conhecimento e reflexão sobre os bens culturais produzidos pelos povos que contribuíram (e contribuem) para a construção da nossa história, o acesso a estes bens culturais através da educação é importante, pois como frisou Ricardo Oriá Fernandes (2002):

> Mais um motivo, portanto, para que a escola e, mais especificamente, o ensino de História assumam o compromisso de serem instâncias de afirmação de uma identidade nacional plural, assentada no reconhecimento da memória como princípio fundante para a construção de uma sociedade mais democrática por que todos almejamos. (FERNANDES, 2002, p. 146).

A construção de uma sociedade mais democrática tem a ver com o modo de contarmos e estudarmos a nossa própria história e este viés democrático passa pelo reconhecimento da pluralidade cultural presente em nossa sociedade. A Educação Patrimonial aliada a esta história pluricultural deve considerar os bens culturais de todas as camadas sociais, em especial aos mais desfavorecidos, que tiveram sua história silenciada pela historiografia oficial e por uma política patrimonial que historicamente privilegiou as representações dos bens culturais da classe dominante.

Para colocar em prática uma Educação Patrimonial verdadeiramente democrática, começando pelo espaço escolar, acredito que é necessário ter uma noção mais ampla de patrimônio cultural. Pretendo realizar meu trabalho de Educação Patrimonial na Zona Norte de Natal, uma área da cidade sem patrimônios culturais tombados ou em processo de tombamento.

Mesmo sem este reconhecimento oficial dos órgãos do patrimônio, acredito que o patrimônio cultural desta região, formado pelos bens materiais e imateriais podem se tornar objeto de estudo e integrar um inventário participativo e um roteiro de aulas de campo contemplando estes lugares importantes e as manifestações culturais desta parte da cidade.

Apesar do silenciamento patrimonial a que Zona Norte de Natal está submetida, sem receber atenção dos órgãos gestores do patrimônio, os lugares importantes para a sua história, os saberes e fazeres da população, suas manifestações culturais podem ter a sua importância, porque segundo o Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial (2007):

> Patrimônio cultural não são somente aqueles bens que se herdam dos nossos antepassados. São também os que se produzem no presente como expressão de cada geração, nosso "Patrimônio Vivo": artesanatos, utilização de plantas como alimentos e remédios, formas de trabalhar, plantar, cultivar e colher, pescar, construir moradias, meios de transporte, culinária, folguedos, expressões artísticas e religiosas, jogos, etc. (GRUNBERG, 2007, p. 1)

É este tipo de patrimônio, que é vivo porque está presente no cotidiano do povo que o cria e o modifica, e com ele interage, que pretendo explorar em meu trabalho. Neste processo, a participação dos alunos é imprescindível e acredito no potencial deles como multiplicadores dos conhecimentos que serão criados e ressignificados, disseminando-os para o restante da comunidade. A comunidade tem o direito de entender a importância do lugar onde vive, das suas celebrações e ritos, do seu modo de vida e de suas expressões culturais.

A Educação Patrimonial tem uma dimensão política, pois não se trata apenas de um trabalho metodológico, mas de uma opção política de contar a história de comunidades que em geral tiveram sua história e o acesso aos bens culturais negados pela historiografia oficial. Esta negação foi e é feita pelas classes dominantes que regulam os órgãos do patrimônio, selecionando o que consideram importante ser conhecido e apreendido, negando assim aos mais humildes, moradores das regiões mais pobres das cidades, o direito a conhecerem a própria história através do patrimônio cultural. De acordo com a Publicação do IPHAN,"*Cadernos de Educação Patrimonial*"

> A Educação Patrimonial tem, deste modo, um papel decisivo no processo de valorização e preservação do patrimônio cultural, colocando-se para muito além da divulgação do patrimônio. Não bastam a "promoção" e "difusão" de conhecimentos acumulados no campo técnico da preservação do patrimônio cultural. Trata-se, essencialmente da possibilidade de construção de relações efetivas com as comunidades, verdadeiras detentoras do patrimônio cultural. (PINHEIRO, 2015, p. 23).

Valorizando a participação dos alunos e da comunidade, espero estimular em meus alunos a consciência de que não estão apenas acumulando conhecimentos sobre um conteúdo que depois será esquecido mas, que estão realizando um trabalho do qual eles fazem

parte e que faz parte deles, pois tem conexões com a escola, com a comunidade, com o cotidiano e os bens culturais com os quais eles interagem. Esta consciência é importante, porque como disse Fernando Siviero (2015):

> Reconhecer as pessoas e as comunidades como detentoras de suas referências e bens culturais implica subverter a lógica clientelista, paternalista e tecnicista que pauta a relação entre Iphan e sociedade desde 1937. Esta lógica atravessa o funcionamento de todo aparelho estatal brasileiro, legitima a exclusividade do estado sobre a esfera pública e alija os cidadãos e as cidadãs da vida pública. (SIVIERO, 2015, p. 105).

Acredito que a relação do IPHAN com as comunidades precisa ser incentivada, pois a despeito dos avanços na legislação sobre o patrimônio e na publicação de obras de referência pelo IPHAN sobre Educação Patrimonial, patrimônio imaterial e inventários participativos, anda há uma distância longa ente teoria e prática.

O caso da Zona Norte de Natal é um exemplo disto. Espero que meu trabalho ajude a diminuir esta distância e contribua para criar uma relação entre o IPHAN e a Zona Norte de Natal.

Há uma notória desvalorização patrimonial da Zona Norte de Natal, em comparação com as outras regiões da cidade, que contam com monumentos, construções, praças, museus e manifestações artísticas reconhecidas pelos órgãos oficiais ordenadores do patrimônio, além de aparecerem com mais evidência nos materiais históricos e didáticos produzidos sobre a história da cidade e constarem dos catálogos turísticos.

No entanto, acredito que esta situação torna ainda mais urgente, estimulante e desafiador propor um trabalho de elaboração de uma proposta de Educação Patrimonial nesta região. A importância da valorização das temáticas locais da história e da elaboração uma proposta de Educação Patrimonial na Zona Norte, encontra eco em Flavia Caimi (2010), que disse que:

> O fato de não existirem museus ou arquivos oficiais na localidade não pode constituir impedimento para o trabalho com a memória local, uma vez que não só as edificações e monumentos oficialmente catalogados e registrados fazem parte do ambiente histórico. A casa, a escola, o bairro, uma pequena vila, o meio rural, também fazem parte da história e como tal podem ser tomados como objetos de estudo. (CAIMI, 2010, p.75)

Essa afirmação de Flavia Caimi mostra também a necessidade de se democratizar a atual política de patrimonialização e monumentalização do país, que através de entraves

burocráticos e do insuficiente diálogo com a população, contribui para o silenciamento da riqueza histórica contida nas zonas afastadas das cidades.

Neste caso há um apagamento histórico no que diz respeito aos conteúdos abordados na escola, à produção de livros didáticos e à negação patrimonial oficial de seus espaços e práticas histórico-culturais. Por isto, proponho realizar este trabalho como forma de por em evidência a Zona Norte de Natal, sua história e seus bens culturais, tomando como ponto de partida, o chão da escola, em parceria com os meus alunos.

Na contramão destas ausências e descrevendo sua participação no Projeto de Educação Patrimonial "*O Futuro Visita o Passado*"[14], vinculado à Secretaria Municipal de Educação de João Pessoa, no Paraíba, a professora Luana Bispo pontua que, na avaliação do projeto, uma das deficiências detectadas foi que:

> Era notório que o processo de Educação Patrimonial estabelecido replicava o modelo elitista no qual se visava superar. A partir do momento em que aquelas crianças e adolescentes eram levados ao centro histórico, um patrimônio histórico cultural de elite estava sendo exclusivamente priorizado. E onde ficavam as ruas dos bairros? A praça que retém experiências das mais diversas épocas da vida? A antiga mercearia? A quadrilha junina? A tapioca ou o Beiju de Goma de "Dona Maria"? O mercado público? (BISPO, 2016, p. 88).

O projeto "Educando para o patrimônio Cultural", promovido pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, em parceria com o IPHAN, em 2012/2013, teve como objetivos promover uma ação de educação patrimonial para que os participantes pudessem conhecer o centro histórico de Natal, se apropriar da sua história e desenvolver noções de identidade e de preservação. Segundo Andrea Costa e Patrícia Amaral (2015), em relação às ações desenvolvidas:

> Para alcançar este fim, o projeto articulou ensino, pesquisa e extensão, por meio de duas atividades principais: a capacitação de alunos do IFRN Campus Central - Cidade Alta, por meio do Curso de Formação de Tutores em Educação Patrimonial e a realização de oficinas de educação patrimonial e visitas no centro histórico, com participação livre dos estudantes, donas de casa, profissionais da área de turismo e do setor cultural, dentre outros (COSTA e AMARAL, 2015, p. 18).

[14] Este projeto, que incluiu noções teóricas sobre patrimônio e interações dos alunos com o centro histórico de João Pessoa, foi vinculado à Secretaria Municipal de Educação de João Pessoa, Paraíba e desenvolvido em escolas da rede municipal de ensino, compreendendo 93 escolas e 18 mil alunos, das turmas do 5º ano ao 9° ano, de 2010 a 2013.

Acredito que estes projetos promovidos pela Secretaria Municipal de Educação de João Pessoa e pelo IFRN/IPHAN são necessários e justificáveis em seus propósitos. Não há nada de errado em procurar criar vínculos entre os alunos das várias partes da cidade e o centro histórico.

A lacuna, a meu ver, no caso do projeto do IFRN/IPHAN ocorre em não estender estes vínculos até outros bairros da cidade ou realizar estas iniciativas diretamente nestes locais periféricos das cidades.

No caso do projeto de João Pessoa, vemos algo semelhante que é a valorização dos patrimônios consagrados pelas elites e constantes dos centros históricos, em detrimento do patrimônio vivo presente nos bairros mais afastados dos centros históricos, que tem a sua relevância para os moradores que os criam, recriam e interagem com eles; sejam lugares de memória, celebrações, saberes, etc., que ajudam a contar a história destes lugares.

O Projeto "*Conhecer para Preservar - Preservar para Conhecer: Fortaleza, os lugares da memória*", da Universidade Federal de Fortaleza (UFC), desenvolvido na disciplina Prática de Ensino de História, teve a participação de estagiários da disciplina e das escolas da rede pública estadual e municipal. Para definir os seguintes roteiros: Centro Histórico da Cidade I e II, Bairros Históricos da cidade I e II:

> Os alunos foram levados a pesquisar e mapear os bens histórico-culturais da cidade, especialmente os imóveis, destacando os seguintes aspectos: em que estado físico se encontravam, sua condição jurídica (bem tombado ou não, integra ou não área de preservação ambiental, possui legislação específica de proteção etc.) e o atual uso social dado ao mesmo. (FERNANDES, 2002, p. 144).

Apesar da iniciativa de fazer um levantamento dos bens culturais da cidade, seu estado atual de conservação e principalmente seus usos sociais no tempo presente, o projeto poderia ser mais abrangente se tivesse incluído outros bairros da cidade. Um projeto como este deveria contemplar bairros distantes do centro, que não estão nos roteiros turísticos, mas que tem sua história, sua importância para as populações que os habitam.

No caso de Natal, temos um centro histórico tombado e protegido pelos órgãos de patrimônio, mas localizado no contexto de um centro comercial, a Cidade Alta, atualmente esquecida pelo poder público, vítima do abandono institucional por parte da prefeitura da cidade e do governo do estado. Com isto, além da falta de conservação e de uma maior divulgação do corredor cultural de Natal, não há um aproveitamento do potencial turístico do ponto de vista histórico que esta região da cidade apresenta.

Em relação aos bairros mais afastados do centro da cidade, a situação é ainda mais crítica, pois não há reconhecimento de seus bens culturais pelos órgãos oficiais do patrimônio. Dar vez e voz a estas comunidades para que possam contar a sua história através dos seus bens culturais é o que pretendo fazer em relação à Zona Norte de Natal.

2.3 Inventário participativo dos bens materiais e imateriais da Zona Norte de Natal

Para inventariar os bens culturais materiais e imateriais da Zona Norte de Natal resolvi partir de uma pedagogia que considera as relações sociais envolvidas na questão patrimonial. Como foi descrito ao longo deste trabalho, não há uma neutralidade nos processos de patrimonialização e monumentalização.

A opção por tombar bens culturais em sua maior parte arquitetônicos e ligados a historia das classes dominantes, presente na maior parte do século anterior no Brasil, prova que os vencedores exerceram seu direito à memória em detrimento dos vencidos, que por serem desfavorecidos politicamente e economicamente ficaram à margem dos processos de ativação e conservação patrimonial e tiveram (e ainda têm) a sua história silenciada e esquecida. Pretendo atuar na contramão destas orientações, romper com estas práticas. Neste contexto, como disse Simone Scifone (2015):

> A resposta a essas questões pede para a Educação Patrimonial uma nova pedagogia, que não se atrele aos manuais, guias ou cartilhas que buscam orientar um modo de fazer, mas que tenha como princípio uma visão crítica do passado e da memória oficial. Somente desta maneira é possível construir uma nova relação da população com o seu patrimônio, o que é, em essência, a busca da Educação Patrimonial. (SCIFONE, 2015, p. 202).

Embora estes manuais possam servir como referência, eles não podem ser determinantes. Os saberes da população e as suas interações com o patrimônio, com os bens culturais deve ser considerada ao se estabelecer um trabalho de Educação Patrimonial. É isto que pretendo fazer, um trabalho colaborativo onde além dos ter seus saberes prévios e opiniões levadas em conta e a população, representada aqui pelos alunos do 8º ano A, possa atuar ativamente e criticamente da elaboração deste inventário participativo dos bens culturais da Zona Norte de Natal.

As mudanças na política patrimonial, sobretudo com as ideias e projetos de Aluísio Magalhães na década de 1970, com a Constituição Cidadã de 1988 e com o reconhecimento dos bens culturais de natureza imaterial representam uma ampliação dos processos ligados ao

patrimônio.

Atualmente, mesmo que este arcabouço teórico que representa estas mudanças esteja presente nas publicações do IPHAN, na prática ainda há muito a se fazer e a Educação Patrimonial é um dos caminhos para se democratizar o conhecimento sobre os bens culturais, com a valorização das histórias dos menos favorecidos, historicamente silenciados por um modelo de gestão patrimonial elitista, antidemocrático e excludente.

Neste contexto, pretendo fazer um trabalho colaborativo com os meus alunos, valorizando os seus conhecimentos prévios em relação à Zona Norte de Natal, inventariando os bens culturais relevantes desta região, materiais e imateriais, adotando uma postura de mediador, evitando ser tendencioso, prescritor ou direcionador, pois como disse Simone Scifone(2015):

> Considerar que a Educação Patrimonial se circunscreve a "ensinar a população" reflete uma visão autoritária da educação, aquela que desconsidera os saberes prévios e as relações estabelecidas, na passagem do tempo, entre os moradores do local e os patrimônios. Essa visão valoriza unicamente os conhecimentos técnicos científicos sobre os bens, mas ignora os significados e sentidos sociais atribuídos pelos moradores ao patrimônio, bem como menospreza a possibilidade de diálogo e de aprender com o outro. (SCIFONE, 2015, p. 198).

Este componente social, fruto da interação dos alunos com os bens culturais, é o que pretendo explorar, tendo em vista a perspectiva dialógica defendida por Paulo Freire, valorizando o aprender ensinando e o ensinar aprendendo. Nesta perspectiva, concordo com a crítica que João Lorandi e Simone Scifone (2019) fizeram à proposta da "alfabetização cultural", presente no Guia Básico de Educação Patrimonial, que diz

> Ao seguir as quatro etapas, espera-se que os sujeitos preservem aqueles monumentos escolhidos de antemão pelos professores e que estão vinculadosàs grandes narrativas, muitas vezes tutelados pelos órgãos de preservação ou pertencentes aos acervos dos museus. (DEMARCHI, SCIFONE, 2019, p. 13- 14)

Este tipo de postura, além de reproduzir práticas metodológicas patrimoniais que não rompem com uma visão antidemocrática de patrimônio da educação bancária, como diria Paulo Freire, direciona a participação da comunidade, não levando em conta os saberes prévios e não dando oportunidade de os participantes terem a liberdade de apontar os bens culturais relevantes de acordo com o seu ponto de vista.

Sendo assim, pretendo em meu trabalho, estimular a participação ativa dos alunos e

construir de forma colaborativa, um inventário de bens culturais de Zona Norte de Natal. Acredito que um inventário participativo para fazer jus a esta nomenclatura pode ser formado pelas sugestões dos alunos sobre os bens culturais materiais e imateriais da comunidade, de acordo com a vivência dos alunos sobre estes bens e a sua interação com eles.

A minha contribuição como professor pode ocorrer, mediando conhecimentos, estabelecendo relações entre os bens apontados pelos alunos, acrescentado sugestões de bens culturais que podem não ter sido sugeridos pelos alunos, mas que são importantes do ponto de vista histórico e patrimonial. Pretendo adotar este tipo de metodologia no trabalho de Educação Patrimonial com os meus alunos, estimulando a participação deles.

O 8º ano A é uma turma composta por 35 discentes, sendo 15 alunos e 20 alunas. Acompanho esta turma desde o 6º ano. Apesar de alguns alunos que entraram e sairam desta turma, a maioria dos alunos faz parte desta turma desde o 6º ano turno matutuino. Considero o aproveitamento desta turma muito bom na disciplina de História. Este aprovitamento positivo ocorre em relação às atividades propostas em sala de aula, exercicios, seminários, filmes, debates e discussões dos conteúdos, bem como em relação à disciplina em sala de aula.

Ao final do ano letivo, esta turma teve um aproveitamento muito bom na disciplina de História, já que dos 35 alunos, apenas 3 foram reprovados, o que repesenta um aproveitamento de 91,5% em termos de aprovação. Considerando o resultado global, envolvendo todas as disciplinas, dos 35 alunos desta turma, 7 foram reprovados, totalizando um percentual de aprovação de 80%.

Apesar destes números positivos, é bom frisar que na profissão de professor, a meta sempre será 100% de aproveitamento, já que nosso desejo é que todos os alunos alcancem não só a aprovação, mas que os saberes construídos por eles nas nossas aulas sejam significativos e possam ser utilizados no cotidiano.

Em relação ao aprendizado dos alunos desta turma, acredito que foi positivo, na medida em que sou testemunha do envolvimento deles com o trabalho da Educação Patrimonial, seja na parte teórica, com os questionários, discussão dos conceitos e na elaboração do inventário participativo, como também na parte prática, com as duas interações com os bens culturais e as atividades que foram propostas em relação a estes bens.

Inicialmente, os alunos dos 8º ano A participaram de dois questionários de sondagem para mapear o conhecimento deles sobre o patrimônio e as relações entre o local onde vivem, a escola e os bens culturais presentes e que se desenvolvem nestes espaços e a sua interação com eles. Os dados do Questionário 1 (22 alunos participaram e 13 alunos faltaram), aplicado em sala de aula apresentaram os seguintes resultados:

Tabela 4 - Endereço dos alunos

Endereço Dos Alunos (Bairros)	Número de vezes que foram citados
Lagoa Azul	13
Nova Natal	1
Nossa Senhora da Apresentação	8

Fonte: *Questionário 1*

Os alunos que responderam a esta sondagem são moradores dos bairros Lagoa Azul e Nossa Senhora da Apresentação. Um aluno declarou Nova Natal como bairro, mas na verdade Nova Natal é um conjunto habitacional integrante do bairro Lagoa Azul (informação que foi atualizada para a turma). Como a Escola Municipal Professor Amadeu Araújo está localizada no bairro Lagoa Azul, é esperado que a maioria dos alunos que estudam nesta localidade sejam deste bairro. Em relação aos que residem no bairro Nossa Senhora da Apresentação, que deveriam estudar em escolas deste bairro, a opção pela escola Amadu Araújo faz parte de um problema sério que ocorre nas escolas da Zona Norte de Natal que é o déficit de vagas.

Como morador do bairro Nossa Senhora da Apresentação, em meu deslocamento para a escola, na ida e na volta, em geral de uber, ou de carona com algum colega professor, observo alunos que percorrem longas distâncias para chegar à escola e na ida para casa ao término das aulas. Os ônibus escolares, que poderiam minorar esta difícil realidade, infelizmente não existem para todas as escolas e o deslocamento é um desafio diário para os alunos. A tabela a seguir mostra como se dá este descolamento casa/escola e escola/casa:

Tabela 5 - Deslocamento casa/escola - escola/casa

Meio de transporte - casa escola & escola/casa	Número de vezes que foram Citados
A PÉ	19
BICICLETA	2
UBER	1

Fonte: *Questionário 1*

Como os dados mostram, a quase totalidade dos alunos se desloca a pé de casa para a

escola e da escola para casa. Além da inexistência dos ônibus escolares, o sistema de transporte público de Natal não possui linhas de ônibus que atendam a estas especificidades. Sendo assim, se configura para estes alunos a negação, na prática, do direito constitucional de ir e vir. Pois, além das longas distâncias no sol, expostos a altas temperaturas no verão, as chuvas e os alagamentos de casas e vias públicas no inverno contribuem para tornar este trajeto mais complicado e para dificultar a presença dos alunos na escola.

Em outras duas perguntas deste mesmo questionário, os alunos listaram os pontos positivos e os pontos negativos em relação ao bairro onde eles residem. As duas tabelas seguintes mostram este resultado:

Tabela 6 - Bairro: pontos positivos

Bairro - pontos positivos	**Número de vezes que foram citados**
Escolas	5
Comércios	12
Ruas asfaltadas	6
Lugar Calmo	1
Ônibus	2
Hospitais/ Postos de Saúde	6
Praças	2
Acesso aos órgãos públicos	1
Campos de futebol	1
Água e energia	4
Estação de trem	2
Coleta de lixo	4
Pontos de ônibus	3
Saneamento básico	1
Iluminação	5

Fonte: *Questionário 1*.

Como mostram os resultados acima, os principais aspectos positivos que os alunos elencaram nos bairros onde moram, Lagoa Azul e Nossa Senhora da Apresentação, foram comércios, escolas, hospitais/postos de saúde e iluminação (referente à iluminação pública). Itens como coleta de lixo e água e energia (nas casas) tiveram uma citação média.

É bom lembrar que estes bairros contam com postos de saúde, alguns transformados recentemente em Unidades Básicas de Saúde (UBS), com uma melhor estrutura, e o item escolas diz respeito às escolas privadas, estaduais, municipais e também aos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI) e às creches particulares.

Apesar destas citações, o fato de alguns destes alunos percorrerem longas distâncias

para chegarem nas escolas onde estudam, reforçam o já citado problema de falta de vagas nas escolas.

O que chama a atenção é o fato de o item acesso aos órgãos públicos ter sido citado apenas uma vez, o que pode revelar um descompasso entre o que é órgão público e o trabalho destes estabelecimentos no atendimento à população, principalmente escolas e hospitais/postos de saúde,

Os espaços de lazer como campos de futebol e quadras de esportes até existem, mas a falta de conservação e a insegurança não estimula o usufruto destes espaços por parte da população, que utiliza, em geral, os espaços localizados nas escolas para a prática de esportes. Em relação aos pontos negativos, as respostas foram as seguintes:

Tabela 7 - Bairro: pontos negativos

Bairro – pontos negativos	**Número de vezes que foram citados**
Assaltos	1
Acúmulo de lixo	7
Falta hospitais/postos de saúde	3
Falta iluminação nas ruas	5
Buracos	7
Acúmulo de matos	2
Insetos	1
Poluição (visual, sonora)	2
Drogas	3
Casas abandonadas	1
Falta de escolas	1
Violência	2
Falta de saneamento básico	2
Falta de transporte	1
Alagamentos causados pelas chuvas	2

Fonte: *Questionário 1*

Alguns dados relativos aos pontos negativos dos bairros parecem contraditórios quando confrontados com os pontos positivos. No caso do item iluminação pública isto pode ser explicado pelo descuido com deste tipo de infraestrutura, já que há muitas queixas sobre a manutenção dos postes, demora na troca de lâmpadas queimadas e roubo da fiação.

Os itens acúmulo de lixo e buracos (referente às rodovias) foram os mais citados e isto se explica no impacto para a mobilidade das pessoas, no caso dos buracos e no impacto na qualidade de vida, no caso o acúmulo de lixo, que ainda contribui para a poluição visual dos bairros e favorecem a proliferação de insetos e a ocorrência de doenças.

Estas informações sobre os bairros do ponto de vista dos alunos, revela uma Zona

Norte ainda carente de serviços públicos de qualidade, mas também com uma população atenta às suas necessidades e pronta a apontar soluções para melhorar a sua qualidade de vida. Fazer um trabalho de Educação Patrimonial nesta região da cidade pode ajudar os moradores a conhecerem o espaço onde residem, seus referenciais culturais, em termos de bens culturais materiais e imateriais, trabalhando a autoestima e estimulando a valorização e a conservação destes bens culturais.

As relações entre a Educação Patrimonial e o ensino de História foram abordadas no questionário 2. Dos 35 alunos da turma, 12 faltaram e 23 responderam sobre a importância das aulas de História, sobre os seus conhecimentos acerca das temáticas locais da História e sobre o que é Educação Patrimonial e apontaram locais importantes e manifestações culturais de Natal e da Zona Norte de Natal sob o ponto de vista do patrimônio. Sobre as aulas de História, as respostas dos alunos estão expostas na tabela abaixo:

Tabela 8 - Aulas de História

Importância das aulas de história	**Número de vezes que formam citados**
Passado	14
Brasil	2
Mundo	2
Conexão com futuro	1
Presente	1
Revoluções	1
Cotidiano	1
Culturas desconhecidas	1

Fonte*: Questionário 2*

A quantidade de respostas que relacionam a História com o passado tem a ver com a forma como os alunos veem esta disciplina (assunto que já foi abordado anteriormente), entendendo-a como uma sucessão de acontecimentos que já ocorreram, sem fazer as devidas conexões destes fatos que já aconteceram com o presente e o futuro. As poucas menções ao presente e futuro mostram que este processo começa a dar lentos sinais de mudança.

A menção ao cotidiano e às culturas desconhecidas mostra que poucos alunos já enxergam um sentido na História que não seja apenas uma sucessão de fatos enciclopédicos e sim algo próximo do universo deles e que pode servir para conhecer outras culturas.

Espero que o trabalho de Educação Patrimonial que estou desenvolvendo com eles possa contribuir para mostrar que o local onde eles vivem e seus bens culturais fazem parte da

História e que a diversidade destes bens é sinal de que a cultura é múltipla e que esta diversidade deve ser conhecida e respeitada. Em relação ao conhecimento sobre a História da cidade do Natal e do Rio Grande do Norte, as respostas foram as seguintes:

Tabela 9 - História de Natal e do Rio Grande do Norte

Você já estudou a história de Natal ou do Rio Grande Do Norte	Número citações	Conteúdos estudados
NÃO	21	
SIM	2	• Forte dos Reis Magos • Morro do Careca • Mudancas arquitetônicas de Natal • Invasão Holandesa

Fonte: *Questionário 2.*

Como esta é uma turma de 8º ano e a maioria dos alunos fez o 5º ano do Ensino Fundamental no contexto da pandemia, com aulas remotas, o conteúdo da História de Natal e do Rio Grande do Norte previsto em geral para este ano de escolaridade não foi visto presencialmente, o que pode ter contribuído para a maioria das respostas negativas.

Em relação aos conteúdos citados pelos dois alunos que responderam que estudaram a História colonial, está em destaque a Invasão Holandesa e o Forte dos Reis Magos. Este último, assim com o Morro do Careca, localizado na Praia de Ponta Negra e que também foi citado, são importantes pontos turísticos da cidade do Natal e isto pode explicar por que foram citados nas respostas destes alunos.

Esta lacuna no que diz respeito História da cidade e do estado pode ser suprida, acredito, começando pelo estudo das temáticas locais da história e a minha intenção é que este trabalho contribua para isto, tendo a Educação Patrimonial como ponto de partida para a valorização das temáticas locais da História. Questionados sobre o que é Educação Patrimonial, os alunos responderam:

Tabela 10 - Você sabe o que é Educação Patrimonial?

VOCÊ SABE O QUE É DUCAÇÃO PATRIMONIAL	NÚMERO DE CITAÇÕES	COMENTÁRIOS SOBRE EP
NÃO	23	
SIM	0	

Fonte: *Questionário 2.*

A quantidade de respostas negativas era esperada, já que este tema ainda não é

abordado no Ensino Fundamental II, o que mostra a necessidade de se trabalhar este tema em sala de aula, de forma organizada, com a apresentação e discussão dos conceitos e práticas ligadas a esta temática.

Os textos introdutórios que trabalhei com os alunos (após estes questionários), falando sobre a Educação Patrimonial e sobre os bens culturais mostraram que, embora os alunos ainda não tivessem um conhecimento formal sobre o assunto, suas contribuições foram importantes, principalmente no que diz respeito aos bens culturais, sejam materiais ou imateriais.

Tendo como base a composição musical Zona Norte, Zona Sul, interpretada por Khrystal Saraiva, o Questionário 3 (respondido por 17 dos 35 alunos da turma) abordou o conhecimento dos alunos sobre os lugares citados na música (conjuntos habitacionais e bairros da Zona Norte de Natal) a discussão sobre a expressão "o outro lado do rio" e o preconceito associado com morar na Zona Norte e as contribuições deste música no combate a este tipo de preconceito. Sobre já conhecer ou não esta música, os alunos deram a seguinte resposta:

Tabela 11 - Você já conhecia esta música?

Você conhecia esta música	Número de citações	Comentários
NÃO	17	• Fala de coisasbonitas • Achei boa • Legal • Diferente. • Assunto esssencial.

Fonte: *Questionário 3.*

Esta música não era conhecida pelos alunos, que mesmo assim gostaram dela e fizeram comentários genéricos, com adjetivos positivos, sendo que a resposta que chamou a minha atenção foi que a música tratava de um "assunto essencial". Este tipo de resposta remete a um entendimento da letra da música e às provocações que ela pretende fazer através das questões que a letra da música estimula para serem discutidas. Sobre a Zona Norte ser o "outro lado do rio", as respostas dos alunos podem ser verificadas na tabela 12.

As respostas que os alunos deram a esta questão, bastante equilibradas, ficando divididos entre a Zona Norte ser ou não ser o "outro lado do rio" mostram que através da música alguns alunos entenderam que há um preconceito embasando esta frase. Eles ainda citaram que esta denominação é uma gíria ou algo negativo.

Tabela 12 - A Zona Norte é o outro lado do rio?

A zona norte é o outro lado do rio?	Número de citações	Comentários
Não	9	• É preconceito • É um gíria • É uma forma negativa
Sim	8	• Por causa da ponte • Quem é da zona sul fala isto • Por causa das lagoas e rios • A zona sul tem mais qualidade de vida

Fonte: *Questionário 3.*

A outra metade da turma entendeu que sim, que a Zona Norte é o "outro lado do rio" e os argumentos que os alunos apresentaram para tal constatação foram vagos e o fato de eles dizerem que a Zona Sul tem uma qualidade de vida melhor significa que eles enxergam diferenças entre estas duas áreas da cidade.

No entanto, perguntados sobre sofrer preconceito por ser morador da Zona Norte os alunos curiosamente responderam que não, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 13 - Você já sofreu preconceito por morar na Zona Norte?

Você sofreu preconceito por ser morador da ZN	Número citações	Comentários
Não	17	
Sim	___	

Fonte: *Questionário 3*

Este resultado parece contraditório se considerarmos que os alunos ficaram divididos sobre a Zona Norte ser o "*outro lado do rio*" e alguns apontaram o preconceito como um dos motivos para esta denominação pejorativa associada a esta região. Acredito que estes alunos não associaram as duas situações ou não vivenciaram nenhuma situação de preconceito ou vivenciaram e não entenderam assim. Este debate será retomado no produto pedagógico.

Os alunos ficaram divididos em relação ao fato desta música contribuir ou não para combater o preconceito contra a Zona Norte de Natal, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 14 - Música e combate ao preconceito

Esta música ajuda a combater preconceito contra ZN	Número de citações	Comentários
Não	9	• Música não muda preconceito • Depende da pessoa • Não vai adiantar
Sim	8	• Quem escuta pode mudar sua forma de pensar • Fala de coisas boas • Combate o preconceito

Fonte: *Questionário 3*

Para os partidários do "não", a música não muda o preconceito e depende da pessoa para isto acontecer. "Quem escuta muda sua forma de pensar" é um dos argumentos dos alunos que dizem que a música combate o preconceito e ainda fala de coisas bonitas. Esta dicotomia, extremamente importante no debate, mostra disparidade de entendimento dos alunos da turma e, quem sabe, de valores.

Por isto, acho importante desenvolver este projeto de Educação Patrimonial com os meus alunos para que eles possam expressar suas ideias e construir seus pensamentos acerca deste tema, que longe de ser neutro, tem muito a ver com a participação ativa dos alunos, suas intenções e seus pontos de vista.

O questionário 4 (respondido por 20 os 35 alunos) foi centrado nas relações entre o ensino de História e a Educação Patrimonial e os alunos, além de contribuírem para a criação do inventário participativo, sugerindo os bens culturais materiais e imateriais da Zona Norte de Natal, também explicaram porque escolheram estes bens em particular. Em relação aos vínculos entre a Educação Patrimonial e as aulas de História, os alunos responderam e deram respostas variadas (tabela 15).

Desconsiderando a resposta "legal", que pouco ou nada acrescenta, as outras respostas se mostram coerentes com as relações entre as aulas de História e a Educação Patrimonial. Este questionário foi aplicado após duas aulas teóricas introdutórias sobre Educação Patrimonial e sobre os bens culturais.

Acredito que estes alunos, de posses dos conhecimentos teóricos e com o aporte das discussões que foram feitas em sala de aula, por ocasião destas aulas, puderam dar respostas mais elaboradas e perceber os vínculos entre as aulas de História e a Educação Patrimonial.

Tabela 15 - Aulas de História e Educação Patrimonial

Importância da educação patrimonial para as aulas de história	Número citações
• Compreensão da trajetória histórico-temporal	2
• Poder ler o mundo que o rodeia	3
• Aprender sobre local onde vive, sua cidade, estado e região	2
• Conhecer bens culturais	5
• É legal	7
• Cultura, diversidade e visão ampla do processo histórico	1

Fonte: *Questionário 4*

Além de se referirem à cultura e diversidade cultural, as referências ao local e outros espaços denotam que os alunos veem um elo entre as aulas de História e o conhecimento que a Educação Patrimonial estimula a construir, valorizando o local e suas temáticas históricas e as vinculações com outros espaços; além da noção de diversidade dos bens culturais.

Em relação à escolha dos bens culturais materiais, bem como as justificativas para a escolha destes bens, as respostas dos alunos podem ser verificadas na tabela 16:

Tabela 16 - Bens culturais materiais da Zona Norte de Natal

3 bens culturais materiais da Zona Norte de Natal	Número de citações
Ponte de Igapó	8
Ponte Nova	10
UERN	11
Ralph	1
Fé e alegria	11
IRFN	2
Campo de futebol do Colégio Absoluto	1
Centro Educacional Dom Bosco	1
Norte Shopping	1
Complexo cultural Jesiel Figueiredo	2

Fonte: *Questionário 4*

Tabela 17 - Bem cultural material mais importante

Bem Cultural Material mais Importante da Zona Norte	Número De citações	Comentários
Espaço Cultural Jesiel Figueredo	1	Local conservado que serve para o lazer
Uern	11	Possibilidade de aprendizado É uma Universidade
Ponte Nova	9	Ponto turístico Ligação mais rápida com o outro lado
Ponte de Igapó	7	Ligação com outras partes de Natal
Praça do Ralf	1	Andar de skate
Fé e Alegria	11	Possiblidade de aprendizado Tem Muita Gente Ajuda pessoas pobres carentes

Fonte: *Questionário 4*

Os bens culturais materiais escolhidos pelos alunos revelam um ecletismo que vai desde os espaços com os quais eles convivem em seu cotidiano, até espaços que eles têm pouca interação, mas que contam a História da Zona Norte, como a Ponte de Igapó, a Ponte Nova e a UERN. No caso da Ponte Nova, a justificativa da escolha tem a ver como o potencial turístico desta ponte e a sua alternativa de ligação da Zona Norte com o resto da cidade.

Só quem precisou se deslocar para a Zona Norte ou viveu nesta região antes da inauguração da Ponte Nova e sofreu com os engarrafamentos da Ponte de Igapó, única via de acesso possível na época, incluo-me neste relato, sabe a importância que a Ponte Nova teve para o trânsito desta região a estes espaços e sua interligação com o resto da cidade.

As pontes de Igapó continuam sendo uma referência importante nesta região, a de concreto sendo aindauma das portas de entrada e saída da região Norte de Natal, além de ter seu papel histórico na formação desta região. A ponte metálica além de fazer parte da história da cidade, serve de exemplo para mostrar o descaso com os bens culturais de Natal.

Além de ser a primeira e única universidade pública presente na Zona Norte de Natal e significar uma opção para milhares de pessoas que sonham com um futuro melhor, a UERN esta localizada onde antes funcionou a Penitenciaria Doutor João Chaves, o famoso “Caldeirão do Diabo”, o que reveste este espaço de uma responsabilidade ainda maior.

Os bens imateriais escolhidos pelos alunos e as justificativas que eles encontram para escolher estes bens estão nas tabelas seguintes:

Tabela 18 - Bens culturais imateriais da Zona Norte de Natal

3 Bens Culturais Imateriais da Zona Norte De Natal	**Número de Citações**
Desfile cívico do bairro Lagoa Azul	16
Nomes das ruas do Nova Natal	14
Feira Livre de Nova Natal	15
Feira Livre de Cidade Praia	2
Circo	1
Carnaval da Redinha	1

Fonte: *Questionário 4*

Tabela 19 - Bem cultural imaterial mais importante

Bem cultural imaterial mais importante da Zona Norte	**Número de citações**	**Comentários**
Feira livre de Nova Natal	8	Espaço aberto e preços baixos Feira importante Vendas Diversidade Geração de empregos e renda
Nomes das ruas de Nova Natal	6	Descobrir lugares legais
Feira livre de Cidade Praia	1	Comércio importante
Desfile cívico do bairro Lagoa Azul	8	Valorização da Independência Muito legal Manifestação cultural Alegria

Fonte: *Questionário 4*

Na escolha dos bens culturais imateriais pelos alunos houve uma predominância dos bens com os quais os alunos possuem uma interação maior em seu cotidiano, com exceção do Carnaval da Redinha. Além de fazer parte de um evento datado, não há um envolvimento dos alunos na preparação deste evento.

A menção ao circo ficou muito vaga porque não foi citado o nome do referido circo. Como existe uma frequência muito grande de circos na Zona Norte, creio que ocorreu uma generalização, que o tipo de entretenimento tenha chamado mais atenção que o próprio nome, que acabou não fazendo parte da resposta.

Os outros bens culturais referem-se ao bairro Lagoa Azul. O desfile cívico, a despeito do seu caráter sazonal, inclui uma participação dos alunos, com ensaios,

coreografia, confecção de fantasias e a culminância, com o desfile propriamente dito. Os nomes das ruas do conjunto habitcional Nova Natal (com referência a cultura popular) ou faz parte dos enderaços onde os alunos residem ou de espaços que eles frequentam, como a escola, o posto de saúde e os espaços de lazer.

As feiras livres, tanto a de Cidade Praia, próxima à estação de trem do conjunto Nova Natal como a Feira Livre de Nova Natal, que ocorre nas avenidas da Chegança e do Pastoril, são espaços frequentados pelos alunos e seus familiares e sua importância para a economia e para a geração de empregos foram justificativas citadas pelos alunos para escolherem este bem imaterial.

Os alunos do 8º ano A realizaram uma atividade prática de Educação Patrimonial para se familiarizarem com os bens culturais materiais e imateriais e mobilizarem a aprendizagem significativa através do entendimento da História da Zona Norte de Natal e do estímulo às atitudes de reconhecimento, manutenção e preservação dos bens culturais.

A turma foi dividida em seis grupos e posteriormente em dois subgrupos, nos quais subgrupos 1, 2 e 3 tiveram como tema o Espaço (Complexo) Cultural Jesiel Figueredo e os subgrupos 4, 5 e6 ficaram com a Feira de Nova Natal. As atividades propostas foram as seguintes:

- Justificar a escolha do bem material ou imaterial;
- Tirar fotografias;
- Fazer um vídeo;
- Entrevistar duas pessoas;

Os grupos 1 e 2 (formado por 7 integrantes cada) e 3 (com 6 alunos) formaram o subgrupo 1, que ficou responsável por explorar o Complexo Cultural Jesiel Figueredo. Sobre a primeira atividade, que era uma justificativa escrita sobre a importância deste bem cultural material, a resposta coletiva do grupo foi a seguinte:

> Este lugar é frequentado por pessoas de todas as idades, muitos atletas vão para este lugar se exercitar, correr e fazer diversas atividades físicas, também têm as crianças que vão andar de patins, patinete, bicicletas, jogar bola e correr; além de muitas pessoas irem apenas para caminhar. Lá dentro do complexo ocorrem vários eventos como jogos, cultos evangélicos e muitos outros eventos. Esse lugar é bastante frequentado, por isto a escolha. (Atividade de Educação Patrimonial, p. 1, 2023).

A justifictiva do grupo de alunos revela que este é um lugar bstante frequentado, mas de uma maneira desordenada. Eventos religiosos, como cultos evangélicos, e atividades que são realizadas cotidianamente, ligadas ao lazer, como correr, caminhar, jogar futebol, andar de bicicleta, acontecem por iniciativa dos próprios moradores. Esta iniciativa dos moradores é importante para ocupar e usufruir de um espaço que eles têm todo o direito de usar de forma ampla.

No entanto, este complexo cultural é um espaço planejado, construído e inaugurado pelo poder público, que é responsável não só pela conservação deste espaço, mas também por mantê-lo funcionando, com um mínimo de atividades culturais que atendam a população. Cursos, oficinas e eventos culturais e esportivos podem acontecer neste espaço que deve ser gerido pelo poder público com a ajuda dos moradores.

O abandono desta estrutura, com eventos esporádicos só reforça a ideia de que a Zona Norte da Natal é vista pelos governantes como um curral eleitoral, que só merece atenção em períodos eleitorais. O investimento para criar este espaço, com dinheiro do contribuinte e a necessidade e o direito da população de ter este espaço funcionando, cumprindo sua função de fomentar a cultura e o lazer para esta parte da cidade, é algo que pode acontecer.

Inaugurado em 2007, o Espaço Cultural Jesiel Figueiredo, conhecido também como complexo cultural ou área de lazer do Gramoré, está localizado entre as ruas Taiaruçu e Guararapes, abrangendo Nova Natal e Gramoré. Segundo informações do site Clarim Natal (2019):

> Área de Lazer do Gramoré é dividida em duas partes: no lado esquerdo da Rua Guararapes (sentido Santarém/Gramoré) está o prédio do espaço cultural, que conta com um anfiteatro com 1200 lugares. No lado direito da Rua Guararapes, está o espaço esportivo, com pistas de skate, campo de futebol, quadra de areia parque infantil e uma praça. (PEREIRA, 2019).

Além dos ocasionais jogos que ocorrem no ginásio Nélio Dias, que foi utilizado como ambulatório e posto de vacinação pela Secretaria Municipal de Saúde, para atender a população no período da epidemia da Covid-19, este espaço cultural tem sido usado pela Prefeitura de Natal para as atrações do Natal em Natal e pelos agitadores culturais da regiãoara a Batalha do Vinho[15] e foi também palco da 1ª Virada Cultural da Zona Norte de Natal, em 2022.

[15] A Batalha do vinho acontece a partir de um duelo de rimas entre MCs, abordando temas como cultura jovem, racismo, gênero, violência e valorização do hip hop.

Em 2020, este espaço cultural passou por uma reforma. Sobre esta reforma, o jornal Tribuna do Norte noticiou:

> A obra de recuperação contemplou a estrutura física do espaço com todos os seus equipamentos. Foram feitas recuperação das muretas e pintura do gradil no entorno do perímetro, substituição de esquadrias, lixeiras, louças sanitárias e torneiras dos banheiros. Também foi realizada a revitalização total do caramanchão e do complexo paisagístico. Os anfiteatros ganharam nova iluminação de 12 postes com lâmpadas e refletores de LED. (TRIBUNA DO NORTE, 2000).

Esta reforma, importante do ponto de vista estrutural para a conservação do espaço deveria ter sido acompanhada de uma proposta de intervenção com aproveitamento diário dos espaços, com cursos e oficinas culturais, de dança, teatro, música, etc. Além disso, fazer uma reforma e não dar manutenção é o mesmo que esperar pela deterioração para fazer outra reforma depois de algum tempo.

Este complexo cultural que homenageia um dos maiores teatrólogos do Rio Grande do Norte, Jesiel Figueiredo, deve ser um espaço vivo, onde as artes sejam desenvolvidas no cotidiano, com a participção dos moradores para que este espaço se torne uma referência cultural para esta parte da cidade, para Natal e o estado do Rio Grande do Norte.

A segurança também é importante, sobretudo no período noturno, com a instalação de câmeras de vigilância, iluminação adequada, e a presença de guardas municipais neste espaço também é de extrema importância para garantir a segurança de quem frequenta este espaço e para inibir depredações e atos de vandalismo.

As fotografias foram pedidas aos alunos com a intenção de que eles exercitassem a sensibilidade de olhar para o espaço cultural e que capturassem o que mais chamassem a atenção deles em relação a este lugar. Havia também a intenção de ver como está a estrutura física deste complexo cultural três anos após a reforma. Uma amostra deste trabalho é mostrada na montagem adiante:

As imagens da figura 11 mostram o descuido com a manutenção periódica do lugar, que além de comprometer a estrutura em longo prazo, não estimula interação dos moradores com este espaço cultural, contribuindo para torná-lo um lugar abandonado, sucateado e sem cumprir a sua função, negando à população o usufruto deste espaço cultural.

O próprio espaço pode servir de subsídio para o desenvolvimento de atividades culturais. O busto de Jesiel Figueredo, que também nomeia este espaço cultural, pode servir para que as pessoas que visitarem o local saibam quem foi esta pessoa e a sua importância

para o teatro e as artes em geral de Natal e do Rio Grande do Norte. Os grafites que foram feitos nesse espaço também podem ser matéria de aulas ou oficinas, para explicar o seu significado e para as pessoas conhecerem a cultura hip hop.

Figura 11 - Espaço Cultural Jesiel Figueredo

Fonte - *Fotomontagem de Angelo Estevam Barbosa Neto, a partir das fotos feitas pelo Subgrupo 1*

Os alunos fizeram também um vídeo[16], com pouco mais de 5 minutos de duração, sobre o Complexo Cultural Jesiel Figueredo que reforça o que já foi comentado aqui em relação à infraestrutura. Segundo o vídeo, há uma academia da terceira idade no local e brinquedos infantis, mas não há monitores no local para orientar as pessoas que usam estes equipamentos.

Grande parte deste espaço é utilizada pela população para praticar esportes, sobretudo os jovens utilizam muito este local. Na ausência do poder público, o povo ocupa o local que lhe pertence, mas fica na dependência da boa vontade da gestão municipal em proporcionar atividades culturais regulares neste espaço.

Outra atividade que os alunos realizaram sobre o Complexo Cultural Jesiel Figueredo foi uma entrevista com duas pessoas para saber um pouco mais sobre a interação delas com este espaço cultural. As entrevistas apresentaram os resultados reproduzidos na tabela abaixo:

Tabela 20 - Entrevista - Complexo Cultural Jesiel Figueredo

RESPOSTAS		
PERGUNTAS	**WILLIAM BARBOSA, Estudante, 16 anos.**	**LILI FERNANDES, Professora, 78 anos.**
1. Qual o nome deste complexo cultural?	Espaço Josiel Figueredo.	Não sabe.
2. Que atividades ocorrem (ou ocorreram) neste complexo cultural?	Batalha de rima, grafite, caminhada, etc.	Atividade física, caminhada.
3. Em sua opinião, que atividades poderiam ser realizadas neste complexo cultural?	Festas, shows, etc.	Tudo fazem lá, só precisam manter.
4. Em sua opinião, qual a importância deste complexo cultural para a comunidade?	Por que ajuda as pessoas caminhar e fazer exercício físico.	É de grande importância, pois caminham, as mães vem com as crianças.

Fonte: *Entrevistas conduzidas pelo subgrupo 1*

O nome do espaço cultural realmente não é divulgado para a população e estas respostas só confirmam a sondagem feita com os alunos, que também não sabiam o nome deste

[16] O vídeo realizado pelos alunos do subgrupo 1 pode ser acessado através link https://drive.google.com/file/d/1vzzWzgoiFXDAMtVRZOud0kyNPiMMxsc5/view

espaço cultural, que é confundido com o Ginásio Nélio Dias. Acredito que a história de Jesiel Figueredo e sua contribuição para a cultura deve ser contada aos moradores e visitantes para que eles possam entender onde estão, quais os objetivos deste espaço cultural e o porquê de Jesiel Figueredo ser homenageado com o nome deste local.

As perguntas 2 e 3 mostram que a atividade física, principalmente a caminhada, é dominante neste espaço. Houve a lembrança das batalhas de rimas que remetem à batalha do Vinho, realizada neste espaço. Parte da função cultural deste espaço é percebida pelos entrevistados com sugestão de shows e festas e há uma importante menção à necessidade de manutenção do lugar.

A importância deste espaço cultural para os entrevistados, tema da questão 4, gira em torno das atividades físicas desenvolvidas lá. Estas atividades precisam continuar sendo desenvolvidas, de preferência com a ajuda de profissionais qualificados e têm a sua importância, pois permitiram que o povo se apropriasse deste espaço.

Agora, estas atividades esportivas não são a finalidade única deste espaço e a população e o poder público precisam se reunir, discutir e definir alternativas de utilização cultural deste espaço. Acredito que a parceria com escolas da região e universidades podem acrescentar mais conhecimento a este debate tão urgente quanto necessário.

O Espaço Cultural Jesiel Figueredo precisa urgentemente cumprir suas funções culturais e espero que este trabalho de Educação Patrimonial desenvolvido em parceria com os alunos do 8º ano A ajudem a estimular este debate. Uma das facetas metodológicas deste trabalhoé a relação social entre os bens culturais e a sociedade. Conhecer esses bens culturais, suas funções e possibilidades pode ajudar a população a reivindicar seu direito a usufruir dos bens culturais.

Os grupos 4 (formado por 6 integrantes) e o os grupos 5 e 6 (com 5 alunos cada) formaram o subgrupo 2, que ficou responsável por explorar a Feira Livre de Nova Natal. Em relação à justificativa escrita sobre a importância deste bem cultural imaterial, a resposta coletiva do grupo para esta que era a primeira questão foi:

> A feira é tradicional, onde você encontra de tudo com os preços melhores. Lá é um lugar com muitas ofertas e variedades, também um lugar bem conhecido por metade da população, podemos falar da feira do Alecrim: é uma feira onde todo natalense conhece, também temos a feira de Nova Natal é como as outras feiras que tem variedade e preço bom. (Atividade de Educação Patrimonial, 2023, p.1).

A resposta deste subgrupo mostra dois aspectos desta feira: um é a tradição, já que é uma feira com mais de três décadas e se confunde com a história do próprio conjunto

habitacional Nova Natal (que tem 40 anos) e é uma importante referência econômica e cultural deste conjunto habitacional, do bairro Lagoa Azul e da própria Zona Norte de Natal.

O outro aspecto é a variedade e os preços baixos. Aliás, os alunos fizeram questão de frisar que em outras feiras, como a do Alecrim, estes dois componentes estão presentes.

Segundo informações da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos - SEMSUR (2023), a Feira Livre de Nova Natal funciona aos domingos, das 05h às 17h, na Rua do Pastoril com a Avenida da Chegança. A feira possui 282 feirantes distribuídos por 550 bancas. Além das bancas, que começam a ser montadas na noite da sexta-feira, a feira conta com banheiros químicos e a presença de guardas municipais.

Inicialmente esta feira acontecia apenas na Rua do Pastoril, mas como o tempo, a Avenida da Chegança, que faz intersecção com a Rua do Pastoril (ou Rua da Feira) passou a abrigar bancas e vendedores informais, que passaram a expor seus produtos em bancas improvisadas, carrinhos de mão ou em tendas colocadas no chão. Atualmente, eletroeletrônicos, bicicletas, motos e até carros são negociados na parte da feira que fica na Avenida da Chegança. A feira é um evento importante na comunidade de Lagoa Azul e para a Zona Norte de Natal e atrai vendedores e fregueses de várias partes da cidade e gera emprego não só para os feirantes e vendedores de objetos novos e usados, mas também para os montadores das bancas e incrementa o comércio que já existe na Rua da Feira e na Avenida da Chegança, sobretudo as vendas de alimentos, bebidas, lanches e frangos assados. Sobre a rotina de atuar nesta feira, o site Feiras Livres RN (2018) conseguiu entrevistar a feirante Gorete:

> Gorete é uma feirante simpática de 62 anos, de sorriso fácil que já tem mais 35 anos de feira. Só no mesmo ponto da feira em Nova Natal, já se vai trinta anos. Ela nos segreda que ainda jovem fazia feira em São Paulo, lugar em que viveu parte de sua juventude, quando decidiu voltar para Natal, seu lugar de nascimento. O gosto pela feira lhe pegou por lá onde negociava com frutas. Chegando aqui passou a lidar com: grãos variados de feijões, arroz; amendoim; farinha de mandioca e de gergelim; além de rapaduras de tamanho e sabores variados: preta, com castanha, de cana, batida. Também nos fala do cansaço e dos perigos e que pensa em parar, talvez coloquem um ponto de venda só em casa. (FERNANDES; RODRIGUES, 2018).

Esta entrevista mostra as alegrias e as dificuldades de ser feirante. O gosto pela feira convive com o trabalho árduo, a falta de estrutura e os perigos. No entanto, a feira é feita de feirantes e frequentadores que driblam estas dificuldades e mantêm viva esta tradição semanal de comprar e vender ao ar livre, a despeito dos hipermercados.

Comparando a Feira de Livre de Nova Natal com outras feiras livres da cidade, podemos encontrar semelhanças e diferenças. De acordo com Queiroz e Azevedo (2012):

> A maioria dos feirantes participa apenas das feiras âncoras[17], seja no arranjo espaço-temporal norte, seja no arranjo espaço-temporal sul, trabalhando nas mesmas feiras livres semanalmente. A proximidade com a residência e a dificuldade de acesso a outra margem do estuário do Potengi/Jundiaí, restringe a área de atuação de muitos feirantes em apenas um arranjo de feiras livres... (QUEIROZ; AZEVEDO, 2012. P. 10)

Como podemos ver, a proximidade das feiras acaba direcionado a participação dos feirantes em determinadas feiras. Participar de uma feira longe da sua residência implica em custos com transporte, uma logística que os feirantes não podem dispor. Em relação aos lucros dos feirantes, Queiroz e Azevedo (2012) citam ainda o fato de que:

> A renda média mensal dos feirantes é de R$ 598,91, aproximadamente US$ 300 (dólares estadunidenses) e cerca de € 230 (euros). Devido a essa baixa renda, que mal passa da média de um salário mínimo (brasileiro) por feirante, há a necessidade, de muitas vezes, toda a família, inclusive os filhos, participarem do processo de vendas, para aumentar a renda domiciliar.
> Essa população pobre encontra nas atividades do circuito inferior, em especial nas feiras livres, um abrigo, um lugar para trabalhar e para garantir a sobrevivência da família. Muitos feirantes que nasceram em Natal, são filhos desses imigrantes, e conservam a tradição familiar de trabalhar nas feiras livres. (QUEIROZ, AZEVEDO, 2012. P. 10-11).

A baixa remuneração acaba por transformar a feira livre em uma atividade familiar. Além da precarização do trabalho, uma questão que emerge desta situação é a participação das crianças neste processo e em que medida esta atividade impacta no seu desenvolvimento como estudante (ou se impossibilita que a criança assuma este papel de estudante).

Estas situações presentes não só na Feira Livre de Nova Natal, mas em outras feiras fazem parte da dinâmica deste tipo de comercio, que a despeito destas situações, se reinventa e resiste a cada semana, processo no qual a população tem um papel essencial, já que seu comparecimento é primordial para que as feiras livres continuem existindo.

Assim como o subgrupo anterior, que explorou o Complexo Cultural Jesiel Figueredo, este subgrupo também tirou fotos e fez um vídeo sobre a Feira Livre de Nova Natal. Uma amostra destas fotos pode ser vista na figura 11.

As fotos feitas pelos alunos mostram a variedade desta feira. Frutas e verduras expostas ao lado roupas e calçados. Na parte que fica na Rua do Pastoril há uma razoável padronização, com uma área de bancas com carnes variadas, frutas e verduras, além das bancas com raízes e plantas medicinas. Na parte da feira que fica localizada na Avenida da Chegança, há

[17] São as feiras livres do Alecrim, Rocas, Igapó, Carrasco, Panorama, Parque dos Coqueiros, Santa Catarina, Nova Natal e Cidade da Esperança

improvisação. Roupas, calçados e lanches, estão misturados com eletroeletrônicos, bicicletas, motos, carros.

Figura 11 - Feira Livre de Nova Natal

Fonte *- Fotomontagem de Angelo Estevam Barbosa Neto, a partir das fotos feitas pelo Subgrupo 2*

Como aparecem nas fotos, as bancas desta feira ainda não foram substituídas por tendas padronizadas, a exemplo das feiras do Alecrim e da Cidade da Esperança. As bancas são montadas na sexta-feira, causando mudanças e alguns transtornos no trânsito da região.

Os poucos mais de seis minutos do vídeo[18] feito pelos alunos é um convite à observação atenta deste universo de cores, sons e movimentos que é a Feira de Nova Natal.

Além da variedade de produtos oferecidos nas bancas, os espaços entre as bancas são mostrados, com o trânsito de fregueses, vendedores ambulantes e pessoas que passeiam pelas bancas.

A feira é também um lugar de socialização, onde as pessoas encontram os amigos, tomam uma cerveja, fazem um lanche, socializam. Neste autêntico shopping a céu aberto, negócios são feitos, empregos são gerados, feirantes levam o seu sustento para casa, fregueses fazem as suas compras e a Feira Livre de Nova Natal, este bem cultural imaterial da Zona Norte de Natal, vai mantendo a sua existência a cada semana. As entrevistas feitas com frequentadores da feira apresentaram os seguintes resultados:

Tabela 21 - Entrevista - Feira Livre de Nova Natal

PERGUNTAS	**GILVAN BARBOSA, Pedreiro, 44 anos.**	**MARIA DE FÁTIMA, Costureira, 67 anos.**
1. Por que você frequenta esta feira?	O trabalho	Por que eu gosto e para aumentar e renda.
2. O que mais você gosta na Feira Livre de Nova Natal?	Trabalhar	As amizades, porque a feira é uma família para mim.
3. Em sua opinião, o que poderia ser feito para melhorar esta feira?	As tendas.	As barracas e a cobertura e a iluminação pública.
4. Em sua opinião, qual a importância da Feira Livre de Nova Natal para a comunidade?	Por que a mercadoria é mais barata.	A comunidade gosta porquea Feira de Nova Natal é uma das melhores.

Fonte: *Entrevistas conduzidas pelo grupo 2*

As primeiras respostas do entrevistado Gilvan são um pouco lacônicas, mas revelam que ele provavelmente trabalha também como feirante, já que faz menções ao trabalho e a trabalhar na feira. O mesmo parece ocorrer com a outra entrevistada, Maria de Fátima, que fala que a feira serve para aumentar a renda. A situação das barracas e a necessidade de tendas são mencionadas pelos dois entrevistados como possíveis melhorias. Há uma curiosa reinvindicação da segunda entrevistada por iluminação pública. Acredito que a mesma se refira à geração de energia, já que muitos aparelhos eletrônicos são negociados e é necessário energia para as demonstrações e testes. As gambiarras e extensões que saem de residências e comércios para contemplar estas demandas podem ser vistas ao longo da parte da feira que fica na Avenida da Chegança.

Além de ser um importante bem cultural imaterial da Zona Norte de Natal, escolhi a feira para esta experiência de Educação Patrimonial por causa do seu caráter de resistência comercial cultural. Em um contexto repleto de mercadinhos de bairro, de supermercados e de

[18] O vídeo realizado pelos alunos do subgrupo 2 pode ser acessado pelo link: https://drive.google.com/file/d/1dsMg-o8QhGkWw XTRSWV3UlwWykN3kzSC/view?usp=sharing

shoppings, a feira livre persiste a cada semana, comprindo as suas funções comerciais e culturais. Sobre a origem das feiras livres e a sua importância, Queiroz e Maranhão (2016), afirmam que:

> As feiras livres brasileiras originaram-se nas cidades europeias da Idade Média. Este costume de se encontrar periodicamente para a realização de trocas, compra e venda, de mercadorias foi trazido pelos colonizadores portugueses para o Brasil. Esse costume desenvolveu-se inicialmente no Nordeste do Brasil, especialmente no Agreste, nas cidades que se tornaram ponto de encontro entre o Sertão - produtor de gado - e a Zona da Mata – mercado consumidor. Essas feiras livres eram realizadas juntamente com as conhecidas feiras de gado, principalmente, em Feira de Santana-BA, Arapiraca-AL, Caruaru-PE e Campina Grande-PB. Posteriormente, esse costume foi sendo difundido por todo o Brasil, juntamente com a migração de nordestinos para outras regiões. Atualmente, as feiras livres são importantes nas metrópoles brasileiras também, por exemplo, a feira de São Cristóvão no Rio de Janeiro, a feira da Madrugada em São Paulo e a feira do Mineirinho em Belo Horizonte. (QUEIROZ, MARANHÃO, 2016, p. 2).

Este caratér de resistência das feiras livres, que precisam se reinventar e driblar as dificuldades a cada semana e da sua diversidade, seja de horários, tipologia e lugares, dão a cada feira uma originalidade, ao mesmo tempo em que a periodicidade, as tendas, o comércio ao ar livre e a socialização conferem uma unidade a este bem cultural imaterial.

Além disso, as feiras livres apresentam relações de trabalho informais que servem para guiar a prestação de serviços, o uso da mão-de-obra, as operações de compra e venda, a pechincha, os lucros e outras práticas ligadas ao mundo do trabalho. Em relação ao conhecimento que pode ser associado a estes saberes e práticas sociais, Carolina Souza (2015), nos diz que:

> Diante disto, podemos considerar que a educação popular faz-se presente nas práticas das feiras livres, na medida em que estes trabalhadores e trabalhadoras, na luta cotidiana por melhores condições de sobrevivência material e simbólica, constroem e reconstroem saberes e, neste sentido, processos pedagógicos e educativos engendrados no universo de suas experiências socioculturais concretas, nas interações que estabelecem com o outro, com o mundo da vida e no mundo do trabalho. (SOUZA, 2015, p. 14).

Considerando estas peculiaridades das feiras no que diz respeito às relações de trabalho, além de situações que podem emergir destas relações, como a pechincha, o fiado, as compras na hora da xepa, além das novidades, como a adoção de cartões de crédito de débito e do pix nas negociações, revelando a convivência entre o passado e o presente, em que mudanças e permanências convivem em diferentes temporalidades, acredito no potencial das feiras como um bem cultural imaterial que pode ser explorado pelos alunos em uma atividade

prática de Educação Patrimonial.

Esta atividade de Educação Patrimonial sobre a Feira Livre de Nova Natal deu aos alunos a oportunidade de apresentar este importante bem cultural imaterial da Zona Norte de Natal, mostrando o lado econômico, as potencialidades e os problemas que a feira possui e as possíveis soluções que podem ser aplicadas, como sugerido nas entrevistas.

Acredito que o inventário dos bens materiais e imateriais apontados pelos alunos e as justificativas das escolhas destes bens culturais podem ajudar a entender a importância destes bens para eles e auxiliar nas escolhas dos bens culturais que serão propostos para fazerem parte do produto pedagógico.

Como proposta inicial de construir um inventário participativo com os alunos do 8º ano A, procurei nesta etapa do trabalho em sala de aula, sondar o conhecimento dos alunos em relação ao tema com os questionários iniciais. Propus algumas discussões sobre o tema da Educação patrimonial e seus vínculos com as aulas de História a partir das aulas teóricas sobre o que é Educação Patrimonial e sobre os bens culturais.

Foram realizadas duas atividades práticas em grupo, uma sobre o Espaço Cultural Jesiel Figueredo e outra sobre a Feira Livre de Nova Natal, para os alunos entrarem em contato com estes bens culturais, entendendo suas características, suas potencialidades e seus problemas de manutenção e conservação, bem como o olhar da população em relação a estes bens.

Na qualidade de professor mediador, procurei dar espaço para que os alunos pudessem contribuir com suas ideias, saberes e experiências e, ao mesmo tempo, apontei as minhas sugestões. Além da relevância destes bens culturais para os alunos, para o cotidiano deles, um dos critérios para a escolha destes bens foi a importância que eles possuem para ajudar a contar a história da Zona Norte de Natal através da Educação Patrimonial.

Sobre a participação dos alunos nestas ativdades, a minha intenção era que todos os alunos ou um grande percentual da turma participassem das atividades. No entanto, a realidade da sala de aula, com apenas duas aulas de História por semana, além da necessidade de cumprir com o conteúdo previsto para a turma do 8º ano A, me fez reconsiderar o ideal e aproveitar as oportunidades que tive de realizar o trabalho em sala de aula. Por isto, optei por não adiar atividades ou deixar de realizá-las por causa da falta de um ideal de alunos para não prejudicar o andamento do trabalho, optei pela segunda alternativa.

Espero que o produto desta dissertação possa apresentar atividades que ajudem professores e alunos a conhecerem mais sobre a História da Zona Norte através da Educação Patrimonial.

CAPÍTULO 3

3 PRODUTO PEDAGÓGICO

Este capítulo será dedicado à apresentação do produto pedagógico. Ao longo deste trabalho foram realizadas pesquisas e foi criado um arcabouço teórico sobre o trabalho e um inventário párticipativo que subsidiou a criação e a apresentação deste produto pedagógico.

A partir da vivência em sala de aula e de diálogos com alunos e colegas professores, destacou-se como um dos problemas que mais afetam o meu trabalho pedagógico em sala de aula: a invisibilidade patrimonial da Zona Norte de Natal.

Para este produto, foi feito um trabalho de criação de um roteiro de aulas de campo no qual estão presentes alguns dos bens culturais materiais e imateriais que fazem parte do inventário participativo. Este inventário foi construído em parceria com os alunos, que tiveram várias atividades sobre Educação Patrimonial e bens culturais, como questionários, aulas presenciais, discussões e atividades práticas com os bens culturais para ajudar na criação deste inventário participativo.

Tenho a intenção de que este roteiro sirva para auxiliar as aulas dos colegas professores de História, que possa contribuir para tornar o aprendizado das aulas de História mais lúdicas e participativas para os alunos, inserindo a Zona Norte de Natal e sua história como uma das temáticas locais da História através da Educação Patrimonial.

3.1 O roteiro de aulas de campo

A aula de campo é um recurso didático usado para complementar um conteúdo desenvolvido em sala de aula ou pode servir de ponto de partida para se explorar um conteúdo que depois será continuado em sala de aula com outras atividades.

É uma forma de dinamizar a aula, saindo do espaço cotidiano da sala de aula, onde as aulas ocorrem na maior parte do ano letivo. Não deve ser confundida com um momento apenas lúdico, mas deve estar associada a um conteúdo ou conteúdos e um roteiro prévio da condução desta aula. Deve ser planejada para que os alunos possam estar focados na aula de campo, evitando distrações comuns a este tipo de aula.

O trabalho de Educação Patrimonial que desenvolvi com os alunos do 8º ano A teve uma parte teórica, com questionários, nos quais os alunos tiveram a oportunidade de falar sobre os seus conhecimentos sobre o tema e aulas expositivas dialogadas em que eles puderam se apropriar dos conceitos sobre a Educação Patrimonial e os bens culturais, opinando, tirando dúvidas, concordando, discordando, enfim dialogando sobre o assunto levando em

consideração as temáticas locais da História, como o espaço em que vivam e os bens culturais associados a este local.

Estas atividades culminaram na criação de um inventário participativo, construído em parceira com os meus alunos, em que se estão presentes bens culturais materiais e imateriais da Zona Norte de Natal. Tanto os bens culturais materiais, presentes de forma concreta neste espaço de moradia e convivência dos alunos, como os bens culturais imateriais, presentes de forma simbólica, já que estão ligados a este mesmo espaço.

Destes bens materiais, no item intitulado *os bens culturais materiais* serão abordados as pontes de Igapó (compreendendo a antiga ponte de ferro e a ponte de concerto), a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) e a Ponte Newton Navarro (conhecida como Ponte Nova). Os nomes das ruas do conjunto habitacional Nova Natal, a música *Zona Norte, Zona Sul* (interpretada pela cantora Khrystal) e o desfile cívico do bairro Lagoa Azul, serão abordadosno item *os bens culturais imateriais*.

Tanto os bens culturais materiais como os imateriais farão parte de uma proposta de aulas de campo que serão realizadas em diferentes pontos da Zona Norte de Natal. O caso do desfile cívico possui uma especificidade em relação aos outros itens em relação a sua data, que pode abranger a preparação das escolas para o desfile, datas móveis e específicas para cada escola e a data da realização do desfile, que deve ser a culminância do trabalho realizado com este bem cultural imaterial.

Além de parte indissociável da metodologia da Educação Patrimonial, que subentende um trabalho de interação com os bens culturais, a aula de campo é uma oportunidade de os alunos vivenciarem na prática os conceitos e proposições discutidas em sala de aula e também é uma forma de eles construírem novos conhecimentos e discutirem estes novos aprendizados posteriormente em sala de aula.

Segundo a Base Nacional Curricular Comum - BNCC (2018), na parte dedicada à disciplina História, a unidade temática para o 5º ano do Ensino fundamental, " *Registros da História: linguagens e culturas",* prevê como objetos de conhecimento "os patrimônios materiais e imateriais da humanidade" e algumas habilidades previstas para esta etapa do ensino fala sobre "Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo". (BNCC, 2018, p. 414-415).

Com isto, temos a recomendação da BNCC para valorizar os bens culturais materiais e imateriais no ensino de História, já no ensino Fundamental I e a aula de campo pode ser um dos recursos didáticos utilizados para concretizar estas habilidades. Educação Patrimonial, ensino de História e aulas de campo se encontram relacionados na concretização destas

habilidades.

É bom lembrar que no Ensino Fundamental I estão presentes temas como a casa, a escola, o bairro, que fazem parte do universo mais próximo das relações cotidianas do aluno. A integração destes temas com a Educação Patrimonial é extremamente salutar visto que os patrimônios mencionados nestas habilidades fazem parte do cotidiano do aluno.

Neste contexto, contemplando estas temáticas locais do ensino da História, em relação às habilidades previstas na BNCC para o 2º ano do Ensino Fundamental na disciplina História, o Documento Curricular do Estado do Rio Grande do Norte (2018), recomenda como sugestões didáticas:

> Realizar visitas a várias comunidades, identificando os diferentes locais de vivências urbana e rural e fazendo registros fotográficos. Visitar museus e lugares antigos que retratem a história da região. Realizar pesquisas sobre os costumes antigos do lugar em que os alunos vivem – forma de se vestir, danças, ditos populares, meios de locomoção mais utilizados pela comunidade, além de histórias e lendas sobre acontecimentos e pessoas da cidade. Promover discussões orais observando a organização dos espaços onde a comunidade vive. (RN, 2018, p. 985)

Estas sugestões ligadas aos bens culturais imateriais mostram a importância da aula de campo para a vivência dos conteúdos estudados em sala de aula e para a obtenção de subsídios para atividades posteriores.

Ainda nesta etapa da Educação Básica, problematizando o reconhecimento dos grupos sociais pelos patrimônios, segundo este mesmo documento, a BNCC sugere para as aulas de História do 3º ano do Ensino Fundamental I "Visitar diferentes patrimônios históricos, locaise regionais, a fim de conhecer a história local, regional e do estado. Realizar uma oficina que trabalhe retrato em pintura/retrato em fotografia." (RN, 2018, p. 991)

A partir do Ensino Fundamental II, as temáticas locais da História perdem espaço para a História do Brasil, integrada com a História Global. Além de contextualizar estes temas com o cotidiano dos alunos, para conferir-lhes sentido, acredito que é importante que haja espaço para temáticas locais da História nesta etapa de ensino.

Por isto, espero que este meu trabalho de Educação Patrimonial sobre os bens culturais da Zona Norte de Natal possa contribuir para suprir esta lacuna histórica através da valorização das temáticas locais da História na Educação Básica, estimulando aulas de campo em que os bens culturais visitados sejam espaços relacionados ao cotidiano do aluno e que os bens culturais imateriais sejam manifestações culturais também atendam a esta demanda, principalmente a partir do Ensino Fundamental II.

As aulas de campo envolvendo a disciplina de História têm a sua origem no século XIX, sendo conhecidas como *passeios escholares*, ligadas às visitas de monumentos arquitetônicos, diferente da proposição pedagógica das contemporâneas. *excursións instructivas,* a cargo dos anarquistas e semelhante às inciativas dos anos 1930 e 1940, chamadas de passeios, excursões, passeios, viagens, que tinham como objetivo visitar os "lugares históricos" e "pontos mais dignos de visita do município", como afirma Danilo Lopes (2019, p. 23-24).

Os ginásios vocacionais, criados na década de 1960 e fechados após o Ato Institucional nº 5, AI-5, de 1968, da Ditadura Militar (1964-1965), utilizaram o estudo do meio, relacionando criticamente estas aulas extraclasse (ou extramuros) com o conteúdo estudado em sala de aula. Nos anos 1980 e 1990, o conceito aula de campo, o termo estudo do meio caiu em desuso e aula de campo passou a ser usada com mais frequência, além do fato destas aulas estarem integradas a um projeto de pesquisa, muitas vezes interdisciplinar.

Em relação à Educação Patrimonial, as aulas de campo estão bastantes presentes, já que corresponde à parte prática do estudo do patrimônio e dos bens culturais. No caso da Educação Patrimonial nas escolas, observar as características de um bem cultural, seja material ou imaterial, subentende entrar em contado com este bem cultural. Seja onde ele está localizado no caso de um bem cultural material ou onde se desenvolve ou ocorre, no caso de um bem cultural imaterial.

No presente produto, este recurso vai estar presente na abordagem dos bens culturais materiais, no caso das pontes de Igapó, A UERN e a Ponte Nova; além dos nomes das ruas do conjunto Nova Natal, da música *Zona Norte Zona Sul* e do desfile cívico do bairro Lagoa Azul. Para a concretização do produto, com a proposição de exploração de cada um destes bens, a aula de campo é uma etapa de extrema relevância, já que vai permitir ao professor e aos alunos entrarem em contato direto com estes bens, onde estão localizados ou onde acontecem.

3.2 Os bens Culturais Materiais

Os bens culturais materiais constante deste produto pedagógico foram construídos em conjunto com os alunos após um trabalho de Educação Patrimonial desenvolvido em sala de aula, que contou com questionários de sondagens, aulas expositivas e dialogadas, debates e uma interação dos alunos com um bem cultural material, no caso o Complexo Cultural Jesiel Figueredo.

Como bens culturais materiais da Zona Norte de Natal, os alunos sugeriram, dentre outros, o Espaço cultural Jesiel Figuredo, a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), a Ponte de Todos Newton Navarro (Ponte Nova), o Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) da Zona Norte, A Fundação Fé e Alegria e a Ponte Presidente Arthur da Costae Silva (Ponte de Igapó).

Destas sugestões, escolhi para constarem deste produto, a Ponte Nova, as pontes de Igapó e a UERN. A seleção destes três lugares, além de respeitar as sugestões dos alunos, tem a ver com a história da Zona Norte de Natal. Apesar dos alunos apontarem em suas respostas a ponte de concreto como a "Ponte de Igapó", inclui a ponte de ferro por causa da sua relevâmcia histórica e cultural, da sua indissociabilidade em relação à outra ponte no tocante á história da Zona Norte e da cidade do Natal. Além disso, a presença da ponte de ferro, que resiste ao abandono e à inércia do poder público, necessitando de uma urgente revitalização, é uma oportunidade para discutir questões como a preservação e descaso com os bens culturais, o ontem e o hoje, a mobiblidade, dentre outras. E estas pontes tmbém estão ligadas à expansão da Zona Norte. A ponte Nova, apesar de recente, tem a sua importância como alternativa de ligação para as outras regiões de Natal e tem a ver com as mudanças recentes que ocorreram nesta região. A UERN foi escolhia porque, acredito, tem uma história muito relevante como instutuição educacional, além da sua localização, no lugar do antigo Presídio Doutor João Chaves, sendo a única universidade pública presente na região.

As atividades propostas a seguir, voltadas para cada um destes bens culturais, além da contribuir para que os alunos conheçam um pouco mais sobre a história da Zona Norte, têm também como objetivo discutir o potencial destes bens culturais para a região, sua utilidade, seu estado de conservação e as sugestões para que possam cumprir a sua função histórica e cultural para os moradores da região e os visitantes.

3.2.1 As pontes de Igapó

Porta de entrada para a Zona Norte de Natal e de outros municípios da área metropolitana de Natal, como São Gonçalo do Amarante, Extremoz e Ceará-Mirim, a Ponte Presidente Arthur da Costa e Silva é conhecida até hoje como Ponte de Igapó.

Junto com a estrada da Redinha, hoje Avenida Doutor João Medeiros Filho, esta ponte estimulou a ocupação da Região Norte de Natal, na década de 1970, que foi completada com a construção dos conjuntos habitacionais a cargo da COHAB (atual Datanorte).

Esta ponte era conhecida como Nova Ponte de Igapó, para diferenciar da Antiga Ponte

de Igapó, estrutura metálica, inaugurada em 1916 e desativada nos anos 1970. Hoje, a ponte de concreto é conhecida com Ponte Velha por causa da Ponte Newton Navarro, que liga a Praia da Redinha, no outro extremo da Zona Norte de Natal, ao bairro de Santos Reis. Além das denominações oficiais, o povo, que utiliza as pontes no seu cotidiano, vai criando e recriando denominações para estas pontes. A imagem abaixo mostra estas duas pontes:

Figura 12 - Obras de duplicação da nova Ponte de Igapó, na década de 1990

Foto: *Acervo "A República", 2023.*

Figura 13 - Vista atual da Ponte de Igapó

Foto: *Ney Douglas, 2018*

Estes dois momentos mostram a ponte metálica, já sem parte da sua estrutura, removida após a sua compra por uma empresa privada. Na primeira imagem, o detalhe mostra a ampliação da ponte de concreto, que passou a contar com quatro faixas e duas mãos na década de 1990,como aparece na segunda imagem. A ponte que parecia grande, duas décadas após a sua duplicação, hoje é palco de congestionamentos, mesmo com a construção da Ponte Newton Navarro, que desafogou uma parte do trânsito que era todo canalizado para a Ponte de Igapó. Segundo reportagem do portal G1 RN (2018):

> A ponte tem 606 metros de extensão, 12,6 metros de largura e recebe um fluxo de 37 linhas de ônibus municipais, 14 linhas de ônibus interurbanos, 13 viagens diárias de trem, além do tráfego de aproximadamente de quase 80 mil veículos diariamente, sendo que ela foi projetada para 60 mil. “A ponte de Igapó opera em uma capacidade de carga muito maior do que a prevista em seu projeto. (G1 RN, 2018).

Esta dinâmica de mudanças que ocorreram ao longo de mais de 50 anos desta ponte, que foi inaugurada em 1970, será discutida em uma série de atividades integradas a aula de campo que será realizada na Ponte de Igapó.

Antes da ponte de concreto ser construída na década de 1970, foi construída a ponte metálica, na década de 1910 do século passado. Importnte ponto de ligação entre a Zona Norte de Natal e cidades como São Gonçalo do Amarante, Extremoz e Ceará-Mirim com o resto da cidade do Natal, esta ponte foi um dos marcos de desenvolvimento da região norte de Natal. Sua construção motivada por questões econômicas e comerciais segundo Cícera Fernandes (2017):

> Ela teve o papel de facilitar a ligação do comércio da capital com o interior do Rio Grande do Norte, quando da continuação da construção de uma linha férrea para transporte de mercadorias como açúcar e algodão. Esse comércio, no século XIX era feito a partir do Rio Potengi, com as embarcações partindo de Natal e passando pelas cidades que o margeavam. (FERNANDES, 2017).

Além da integração comercial de Natal com interior, esta ponte estimulou uma incipiente ocupação da Zona Norte de Natal, principalmete na vila de Igapó, por conta dos trabalhadores que atuaram na construção desta ponte. Desativada nos anos 1970, após a contrução da ponte de concreto, a ponte metálica ou Ponte do Potengi, com era conhcida, além de ter perdido suas funções em relação à mobilidade, foi abandonada pelo poder público e pela empresa privada que a adquiriu.

Atualmente, além do abandono, sofrendo ação do sol, vento e chuva, sendo palco de pichações, esta ponte ainda é usada como trampolim improvisado por banhistas, suporte para pescadores e espaço para faixas de publicidade. Acredito que esta construção tem a sua importância para a história da cidade e é um bem cultural material que precisa ter sua história conhecida, ser preservado e tem potencial turístico e patrimonial para ser explorado e estudado. Uma proposta de valorização deste espaço veio do trabalho de conclusão de curso do arquiteto Ubarana Júnior, que propôs a instalação do Museu Mirante do Potengi, como mostra a imagem a seguir:

Figuras 14 - Ponte de ferro de Igapó (real e com o hipotético mirante)

Fonte: *Foto montagem de Angelo Estevam Barbosa Neto (a partir da foto e da animação de Canindé Soares)*

As imagens acima mostram o atual estado da ponte de ferro de Igapó, que precisa de uma intervenção urgente, e uma animação da proposta do Museu Mirante do Potengi. Segundo a reportagem do Jornal Tribuna do Norte (2021), este projeto:

> previa o "Museu Mirante do Potengi", com cafeteria e cybercafé no final da ponte de ferro, que fica no meio do rio. O monumento teria três andares e comportaria um deck, museu, auditório e praça de alimentação. Ao longo da ponte, bancos e mirantes seriam instalados. Para completar, a locomotiva Catita, que fez a viagem inaugural da ponte em 1917, seria restaurada e utilizada para passeio desde a estação da Ribeira até o museu. De lá, o passeio continuaria de barco, saindo do píer do museu por mais de 20 pontos turísticos nas margens do Potengi. (TRIBUNA DO NORTE, 2021).

Mesmo que este projeto não seja executado, acredito que sua proposição é importante para chamar atenção para a discussão sobre o estado atual de abandono em que vive a antiga ponte de ferro de Igapó. Este bem cultural material que foi tombado como patrimônio histórico estadual pela Fundação José Augusto em 1992, fato que ajudou freou a retirada do que restou de sua estrutura, prcisa ser discutido á luz da sua importãncia histórica e cultural.

Nas atividades que seguem, quero propor situações que discutam a importância histórica e cultural destas duas pontes, suas estruturas, seu entorno e as pessoas que interagem com estes espaços. Estas atividades dispostas no roteiro a seguir têm o objetivo de estimular a discussão sobre estes bens culturais materiais da Zona Norte de Natal.

3.2.1.1 ROTEIRO DE AULA DE CAMPO I - Ponte do Potengi (Ponte de Ferro de Igapó) e Ponte Presidente Costa e Silva - (Ponte De Igapó)

OBJETIVOS:

- Compreender a relevância destas pontes para o povoamento da Zona Norte de Natal e para a própria história desta região, considerando diferentes temporlidades;
- Conhecer a importância, em épocas diferentes, destas duas pontes para a mobilidade das pessoas que se deslocam no sentido Zona Norte de Natal (além dos municípios de Extremoz, São Gonçalo do Amarante e Ceará-Mirim) para as outras regiões de Natal e vice-versa;
- Debater sobre a simbologia presente nas denominações, oficial e oficiosa, que estas pontes receberam ao longo dos anos, pelo poder público e pela população e suas consequências;
- Discutir sobre a situação atual destas pontes, considerando a obra de revitalização da ponte de concreto (e a necessidade de revitalizar a ponte metálica) e a obra de reordenamento viário da Avenida Felizardo Moura.

ATIVIDADES:

Os alunos, divididos em três grupos, ficarão responsáveis pelas seguintes atividades:

GRUPO 1- QUESTIONÁRIO (entrevista)

1. Quais os nomes oficiais destas pontes? E os nomes populares?
2. Por que estes nomes foram escolhidos?
3. Em sua opinião, qual destes nomes deveriam nomear estas pontes? Por quê?
4. Em sua opinião, estas pontes contribuiram para o povoamento da Zona Norte? Por quê?
5. Em sua opinião, qual a importância de preservar as pontes de Igapó? Que usos elas podem ter para o turismo e a história de Natal?

6. Em sua opinião, que melhorias estas pontes podem receber?

O ideal é que estas entrevistas sejam aplicadas com uma gama variada de entrevistados, (no mínimo 10 pessoas) como estudantes, profissionais liberais, moradores antigos e novos, usuários de transportes particulares e de ônibus, além de moradores da Zona Norte e de outras regiões de Natal e de sua região metropolitana. Esta variedade de entrevistados, acredito, contribuirá para a diversidade de opiniões e possibilidade de discussões mais frutíferas.

Após tabularem as respostas das dez entrevistas (sugestão que pode ser modificada pelo professor), os alunos devem apresentar para o restante da turma os resultados destas entrevistas. Como sugestões, gráficos, tabelas e diagramas podem servir para ilustrar apresentação, que devem ser integradas com a atividade do Grupo 3.

GRUPO 2 - LINHA DO TEMPO

Este grupo deve construir uma linha do tempo com base em fotografias, mostrando as mudanças ocorridas nesta região onde estão localizadas a ponte de ferro e a ponte de concreto sobre o Rio Potengi, desde a construção da ponte metálica (Antiga Ponte de Igapó), passando pela construção da ponte de concreto, sua ampliação, até a atualidade.

Além de servir para mostrar as mudanças que esta ponte trouxe para a região, é importante que a ponte metálica, de 1916, também seja objeto destes registros fotográficos, para se estabelecer uma comparação sobre os acessos desta região para as outras partes de Natal.

Os desgastes estruturais pelas quais a ponte de concreto passa atualmente e os congestionamentos do trânsito também podem ser registrados para subsidiarem discussões sobre os problemas e as suas sugestões de soluções.

A pesquisa fotográfica, mediada pelo professor, pode ser realizada em sites da internet, publicações da SEMURB, jornais, fotografias autorais feitas pelos próprios alunos durante a aula de campo e fotos dos moradores mais antigos da região. Para tornar este infográfico mais informativo, as imagens devem ser acompanhadas de títulos e pequenos textos autorais produzidos pelos alunos.

Esta atividade é importante para que os alunos estabeleçam conexões temporais entre a história destas pontes, compredendo que o passado, o presente e o futuro estão interligados e que resultam, em grande medida, das ações humanas. Espero que esta atividade contribua para a consciência histórica dos alunos e a percepção do nosso papel como seres históricos, que têm uma responsabilbidade em construir, registrar e entender a história.

.

GRUPO 3 - PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Este grupo deve pesquisar as origens das denominações destas pontes: Ponte do Potengi, Ponte de Ferro, Ponte de Concreto, Ponte de Igapó, Ponte Velha e Ponte Presidente Costa e Silva e realizar uma discussão, seguida de uma enquete sobre qual nome seria mais adequado para este espaço. O professor pode sugerir aos alunos relacionar os nomes que foram dados a esta ponte com o contexto histórico relativo a estas nomenclaturas. Qual narrativa é mais apropriada para os dias atuais? As justificativas poderão enriquecer o debate e servir para mostrar as disputas oficiais e populares em torno da nomenclatura dos bens culturais.

Outra pesquisa deve ser feita em artigos de jornais e sites sobre a situação atual desta ponte, seus problemas e possíveis soluções, considerando uma hipotética revitalização. A pesquisa deve ser discutida não só entre o grupo, mas também com o restante da turma, que pode dar suas sugestões e críticas que podem ser confrontadas com os assuntos presentes nos artigos encontrados nos jornais e sites.

O questionário aplicado pelo Grupo 1 e a linha do tempo montada pelo Grupo 2, mostrando as mudanças ocorridas nestas duas pontes e espaço podem servir de fonte para os temas que serão discutidos. Assim, a atividade do Grupo 3 será integrada às informações dos outros grupos e vice-versa.

A minha intenção é que estas atividades aplicadas pelos alunos, apesar de separadas por grupos, por questões logísticas, sejam complementares e sirvam de subsídios, umas para as outras, estimulando a colaboração, a participação e a elaboração e a reelaboração de novos saberes.

Como diz a publicação Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos (2014), "qualquer que seja a ação implementada ou o projeto proposto, sua execução supõe o empenho em identificar e fortalecer os vínculos com o seu Patrimônio Cultural, incentivando a participação social em todas as etapas de preservação dos bens" (IPHAN, 2014, p. 21).

A participação ativa dos alunos, representando a comunidade no "chão da escola", em colaboração com o professor, é uma das marcas deste produto pedagógico, coerente com a minha proposta colaborativa de Educação Patrimonial na Zona Norte de Natal.

3.2.2. A Universidade Estadual Do Rio Grande Do Norte

O campus avançado da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) foi inaugurado em 2002 e inicialmente funcionou nas instalações da Biblioteca Professor Américo de Oliveira Costa, na Avenida Itapetinga, conjunto Santarém, Bairro Potengi, Zona Norte de Natal. Segundo informações do portal da UERN (2023), os cursos oferecidos eram Ciência da Computação, Ciência da Religião, Direito e Turismo.

Atualmente, a UERN conta também com o curso de Ciência e Tecnologia e funciona em uma sede própria, localizada na Avenida Doutor João Medeiros Filho, no bairro Potengi. Este prédio foi construído onde antes funcionava o Presídio Doutor João Chaves.

As obras iniciadas em 2009 e paralisadas várias vezes, foram retomadas em 2019 e concluídas em 2022. Sobre a inauguração e as novas instalações do campus avançado da UERN Natal, o jornal Tribuna do Norte (2022) noticiou:

> Uma curiosidade é que a universidade foi construída em uma área onde funcionou o complexo penal João Chaves, um dos mais conhecidos da história de Natal. "Nos anos 80, o grande educador brasileiro, Darcy Ribeiro, disse que ou os governos constroem escolas ou terão que construir presídios. Aqui em nosso Estado substituímos um presídio por uma universidade, um espaço que promove o saber", disse a governadora. (TRIBUNA DO NORTE,2022).

As palavras da governadora, que também é professora, mostram o compromisso com a educação de qualidade ao proporcionar para a Zona Norte de Natal a permanência da UERN nesta região através da construção de uma sede própria.

O comentário dela sobre a frase de Darcy Ribeiro e a construção do campus desta universidade onde por décadas funcionou um estabelecimento prisional reforça o compromisso dela e de sua gestão com a educação, estimulando os estudantes desta região, em especial, a vislumbrarem a possibilidade de fazer um curso superior numa universidade pública na região onde residem.

No processo de escolha deste bem cultural material da Zona Norte de Natal, as justificativas que os alunos apontaram foram a possiblidade de aprendizado e o fato da UERN ser uma universidade. Como é a primeira universidade a ser instalada na Zona Norte de Natal, é natural que os alunos se sintam estimulados a considerar este local como um referência cultural e uma oportunidade educacional para o futuro. A seguir (figuras 15 e 16), as imagens dos dois prédios com funções tão diversas e em comum o mesmo espaço, separados por tempos

diferentes.

Figura 15 - Antigo Presídio Dr. João Chaves

Fonte: *SEAP/RN*

Figura 16 - Sede da UERN - Zona Norte de Natal

Fonte: *Foto de Ricardo Morais/UERN*

A inspiradora transformação que as imagens acima mostram, confirmam o caráter dinâmico dos bens culturais. Um monumento arquitetônico que representava e personificava práticas punitivas foi substituído por um templo do saber, que pode estimular milhares de jovens de uma das regiões da cidade mais estigmatizadas pela violência e pelo preconceito, a sonhar com um futuro melhor através da possibilidade de fazer um curso superior na região onde vivem.

As atividades a seguir exploram estas e outras situações ligadas à presença da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte na Zona Norte de Natal.

3.2.2.1. ROTEIRO DE AULA DE CAMPO II - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN

OBJETIVOS:

- Conhecer as dependências da UERN, os cursos que são oferecidos nesta universidade, sua grade curricular e as formas de ingresso nestes cursos;
- Discutir sobre a relevância desta universidade para os alunos da Zona Norte como alternativa de ingresso em um curso superior e para valorização do ensino público, gratuito e de qualidade;
- Pesquisar sobre o processo de instalação da UERN na Zona Norte de Natal, enfocando as etapas deste processo e as perspectivas para o futuro;
- Entender as mudanças provocadas pela instalação desta universidade na Zona Norte de Natal no lugar onde antes funcionava uma instituição correcional penal;

ATIVIDADES:

Os alunos, divididos em três grupos, ficarão responsáveis pelas seguintes atividades:

GRUPO 1 - DE PRISÃO À UNIVERSIDADE - A EDUCAÇÃO QUE LIBERTA

Durante a aula de campo, os alunos irão fazer um vídeo que poderá ser usado para mostrar as diferenças entre a UERN e o Presídio Dr. João Chaves. Os alunos poderão colher depoimentos de moradores, pessoas que trabalharam nesta prisão e que possam falar de memórias desta prisão e da importância de se ter hoje uma universidade no lugar desta instituição correcional. A duração e a edição deste vídeo ficam a critério do professor de História e dos alunos, que devem também incluir os depoimentos de alunos, professores e

funcionários desta universidade, para fazer um paralelo do que a UERN pode oferecer em termos de educação no vídeo.

Após a edição, este vídeo pode ser apresentado para os alunos da escola para que eles possam conhecer e discutir a importância desta universidade para a Zona Norte de Natal e conhecer as memórias sobre o Presídio Dr. João Chaves, seus problemas e a importância da educação para a sociedade, tendo como base a ideia de mais escolas e menos presídios, presente no alerta de Darcy Ribeiro.

Além disso, com esta atividade, os alunos vão ter a oportunidade de pesquisar sobre um bem cultural que faz parte da Zona Norte de Natal, discutir sobre s possibilidades de transformação através da educação e o direito a uma educação de qualidade como forma de diminuir a necessidade de instituções correcionais como o Presídio Dr. João Chaves. Com isto, sentimentos de pertencimento a este bem cultural podem ser estimulados, assim como ideias de conservação associadas a este bem cultural.

Esta ampliação do aprendizado dos conteúdos históricos de forma lúdica e prática, dando aos alunos a oportunidade de serem protagonistas do seu aprendizado através de uma aula de campo de Educação Patrimonial está em consonância com o artigo 1º da LDB (2020), que diz: "A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais". (LBD, 2020, p.8).

Esta possibilidade de aprender história em diversos contextos, prevista na LDB, pode se concretizar com esta aula de campo e esta atividade que tem como ponto de partida temáticas locais da história, como a valorização dos bens culturais que fazem parte do cotidiano dos alunos.

GRUPO 2 - MURAL SOBRE A HISTÓRIA DA UERN ZONA NORTE

Através de fotografias autorais realizadas durante a aula de campo, de pesquisas no site da própria instituição e em outros sites da internet, este grupo vai contar o processo de instalação da UERN nesta região, enfocando as principais dificuldades e as potencialidades que esta instituição de ensino superior representa para a Zona Norte de Natal;

Neste processo podem ser exploradas as modificações espaciais, econômicas e ideológicas que a instalação desta universidade provocou nesta região. No lugar onde funcionou por mais de três décadas um presídio, que associava a região Norte de Natal à violência, agora

foi instalada uma universidade. O impacto real e simbólico desta mudança pode ser explorado em depoimentos de professores, estudantes e moradores da região.

A confecção deste mural por parte dos alunos mobiliza o uso de fontes históricas e sua seleção, além de trazer para a escola conhecimentos sobre um bem cultural eleito pelos alunos como algo importante para o cotidiano da comunidade. É importante que este mural seja um ponto de partida par discutir o processo de criação da UERN, os entraves burocráticos, a importância da luta de estudantes e professores e da comunidade pelo uso do bem público para a população. Este tipo de postura encontra eco em Paulo Freire (2020), que relaciona uma educação de caráter dialógico que busca uma consciência crítica para a conquista de uma educação libertadora.

Esta consciência crítica não pode ficar apenas no campo teórico como uma constatação e um desejo de que um dia aconteça, deve ser forjada na prática, na construção do processo histórico. Para isto, esta atividade de Educação Patrimonial em que os alunos assumem o protagonismo de contar o processo histórico de luta para a instalação desta universidade, com todas as suas nuances, pode contribuir para estimular a formação desta consciência histórica por parte dos alunos.

GRUPO 3 - PARCERIA UERN - ESCOLA

Aproximar esta universidade da escola é o trabalho deste grupo, que vai propor a realização de uma mostra de cursos na escola, além da possibilidade de palestras, cursos, feiras do conhecimento, aulas de campo e outras atividades envolvendo as a universidade e a escola visando uma parceira para a troca de conhecimentos.

Estas atividades serão vivenciadas na escola, com a participação dos alunos deste grupo com a supervisão do professor de História. Esta parceria na verdade é a materialização do que prega a própria Constituição de 1988, que em relação aos bens culturais diz que " O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos bens culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais" (BRASIL, [Constituição (1988)], p. 126).

Este intercâmbio de ideias entre a UERN e os alunos, fruto desta aula de campo, pode ser uma oportunidade para a democratização deste bem cultural acontecer. O conhecimento produzido por esta universidade, seus cursos oferecidos, sua organização faz parte de uma produção cultural e educacional que pode ser compartilhada com a comunidade.

Um dos objetivos deste trabalho de Educação patrimonial é justamente fazer com que os alunos entrem em contato com os bens culturais e tenham acesso aos seus saberes. Este produto pedagógico segue esta mesma metodologia, estimulando os professores e alunos a participarem ativamente de uma Educação Patrimonial, que segundo Paulo Freire (2011), "pode ser uma importante ferramenta na afirmação de identidades a pra que as pessoas se assumam como seres sociais e históricos, como seres pensantes, comunicantes, criadores, realizadores de sonhos." (FREIRE, 2011, p. 42).

Este tipo de Educação Patrimonial defendida por Paulo Freire serve de inspiração e de referência para este trabalho e espero que possa inspirar os professores e alunos que tiverem acesso este produto pedagógico para que tenhamos experiências de Educação Patrimonial lúdicas, participativas e democráticas.

3.2.3. A Ponte Newton Navarro

Inaugurada em 2007, três anos após o início das obras, a Ponte Newton Navarro foi oficialmente construída para desafogar o trânsito da região, que contava com a Ponte de Igapó como alternativa de entrada e saída mais usada da Zona Norte, que ocasionava grandes congestionamentos, principalmente entre as 6h e 8h da manhã, entre 11h e 13h e no período da tarde, entre as 17h e 19h, considerados horários de pico por causa do grande número de carros, motos e transportes coletivos. Segundo o site Guia RN (2023):

> Projetada pelo engenheiro italiano Mario de Miranda, a estrutura tem cerca de 1.8 km de extensão, sendo que cerca de 500 metros são sustentados por cabos de aço presos a dois blocos centrais de 110 metros de altura, enquanto o restante é sustentado por vãos convencionais. Com uma capacidade de tráfego de cerca de 60 mil veículos por dia, a estrutura teve um custo total de 195 milhões de reais. (GUIA RN, 2023)

Apesar desta estrutura imponente e da grande capacidade, pouco mais de dois anos depois, a Ponte Nova passou a apresentar problemas de congestionamentos, sendo comum que as pessoas falem na necessidade de uma terceira ponte, na Avenida Doutor João Medeiros Filho, nas proximidades do Shopping Estação, até o baldo, na Cidade Alta, ligando a Zona Norte ao resto da cidade.

Outro problema que ficou associado à Ponte Newton Navarro foi o da ocorrência de suicídios. Segundo o Portal da UFRN (2022) a pesquisa intitulada *O trampolim da morte: o uso da ponte Newton Navarro como um equipamento de promoção a suicídios no município de*

Natal, Brasil, estudo realizado pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Desastres (NUPED-UFRN) mostra:

> Além da necessidade de dispositivos de segurança como câmeras de monitoramento e telas de proteção nos guarda corpo da ponte, o estudo também ressalta que se faz necessário enfrentar o problema também com o fortalecimento do sistema de acolhimento e acesso ao tratamento em saúde mental na capital. O recorte também analisou o perfil socioeconômico das vítimas e mapeou a estrutura do sistema de atenção à saúde e acesso ao tratamento em saúde mental no município. (TORRES, 2021)

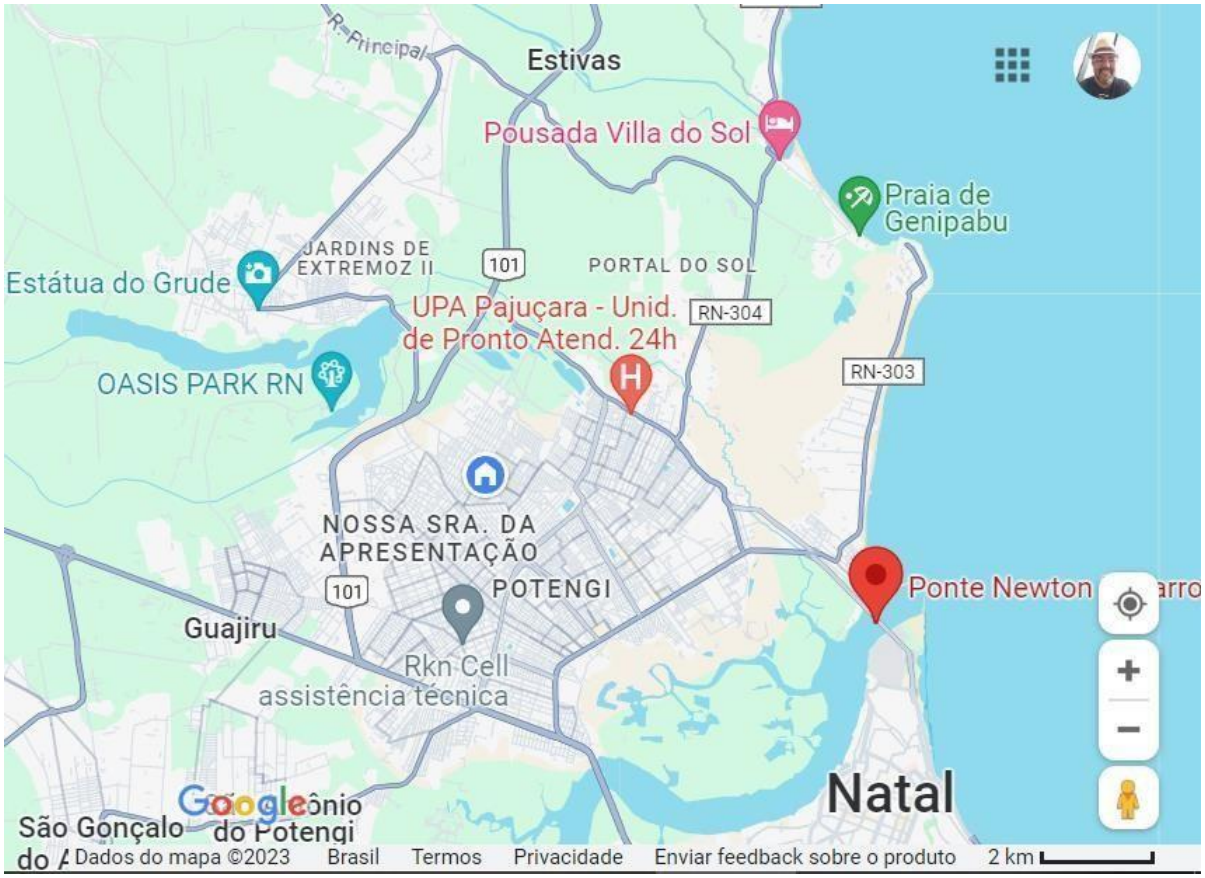
Estas recomendações mostram que o problema da ocorrência de suicídios na Ponte Newton Navarro é complexo e deve ser enfrentado em várias frentes de atuação. Por outro lado, a construção desta ponte trouxe desenvolvimento para a Zona Norte. Além do mercado imobiliário da região, o comércio da Zona Norte foi incrementado com a chegada do Natal Norte Shopping (atual Partage Norte Shopping), do Shopping Estação e do Atacadão.

A ponte Newton Navarro também é importante para quem vem do outro lado do rio, por Santos Reis, e quer acessar de forma mais rápida as praias do litoral Norte, como Santa Rita, Genipabu e Pitangui.

O outro lado desta questão é que quem faz este trajeto acaba não conhecendo a Zona Norte de Natal, ou conhecendo apenas um dos seus limites, já que o outro caminho, pela Avenida Felizardo Moura, passando pela ponte de Igapó e pela Avenida João Medeiros Filho, além de atravessar as principais vias de acesso da Zona Norte, dá acesso aos conjuntos habitacionais da região, como Igapó, Santa Catarina, Soledade I e II, Panorama, Potengi. A imagem a seguir (figura 18) mostra a diferença nestas opções de acesso ao litoral Norte:

Como pode ser visto na imagem acima, utilizar a ponte Newton Navarro permite acessar o litoral Norte sem passar de fato pela Zona Norte. Já quem vem pela Ponte de Igapó acaba passando por vários lugares da Zona Norte. Esconder esta região e seus problemas dos turistas ou daqueles que não gostam de estar no que eles chamam de o “outro lado do rio” (a Zona Norte de Natal) diz muito sobre as estratégias do poder público a da iniciativa privada para o turismo da cidade e sobre o tratamento desigual relegado a esta região da cidade.

Figura 18 - Acesso Ponte Newton Navarro / Litoral Norte



Fonte: *Google Maps (2023)* (Editado por Angelo Estevam Barbosa Neto)

Cartão postal da cidade, a Ponte Newton Navarro é palco da queima de fogos que acontece no dia 31 de dezembro, entre as praias da Redinha e Praia do Forte. Sobre este evento, o site Guia RN (2023) noticiou que:

> Este evento é aguardado com grande expectativa pelos moradores locais e visitantes da cidade. A ponte proporciona um espetáculo de luzes único, com seus fogos de artifício iluminando o céu noturno e refletindo na água do mar e do Rio Potengi. O evento atrai uma grande multidão que se reúne ao longo da orla da Redinha e da Praia do Forte para assistir e participar da festa da virada de ano. (GUIA RN, 2023).

Além da importância para o turismo do estado, por ter alterado a dinâmica espacial, econômica e histórica da cidade do Natal, em especial da Zona Norte, este bem cultural foi apontado pelos alunos como uma importante referência desta região. A Ponte Newton Navarro será objeto e algumas atividades para entender a sua relação de bem cultural material com o cotidiano e a história desta região, com os moradores e pessoas que se deslocam para esta região e os turistas que a visitam.

3.2.3.1 ROTEIRO DE AULA DE CAMPO III - Ponte Newton Navarro - (Ponte Nova)

OBJETIVOS:

- Compreender a importância da Ponte Newton como alternativa de ligação da Zona Norte (ou do litoral Norte) com o resto da cidade de Natal;
- Identificar as origens das nomenclaturas que esta ponte rcebeu, seus usos cotidianos e suas consequências;
- Pesquisar sobre as mudanças sociais, econômicas, habitacionais que esta ponte estimulou na Zona Norte de Natal e suas consequências, considerando diversas temporalidades;
- Entender as mudanças provocadas pela instalação desta ponte no contexto da recente reurbanização da Praia da Redinha e da instalação da sede da Câmara Municipal de Natal em das margens do lado Norte da Ponte Newton Navarro;

ATIVIDADES:

Os alunos, divididos em três grupos, ficarão responsáveis pelas seguintes atividades:

GRUPO 1 - UMA PONTE PARA O TURISMO DE NATAL

Durante a aula de campo os alunos devem fazer um vídeo enfocando locais da ponte para ver quais lugares da cidade tem sua vista aérea potencializada a partir da ponte Newton Navarro. Para complementar este vídeo, pesquisas devem ser feitas na internet e nas agências de turismo para como este bem cultural é tratado pela indústria turística e pelos órgãos fomentadores e regulares do turismo no nosso estado, em especial na capital Natal;

Os resultados deste vídeo podem ser expostos na escola, mostrando o potencial turístico desta ponte. A questão dos acessos desta ponte às praias do litoral Norte e aos conjuntos habitacionais e loteamentos da Zona Norte também deve fazer parte deste vídeo, inclusive explorando as ausências (se houverem) de alguns itinerários considerados inadequados para os roteiros turísticos.

O andamento das obras de instalação da Câmara Municipal de Natal e da reurbanização da Praia da Redinha também devem ser fazer parte deste vídeo. Este registro audiovisual vai servir para subsidiar as discussões sobre os usos sociais destas obras e o papel desta ponte como passagem ou fronteira para a Zona Norte de Natal e as possibilidades de

usufruto destas mudanças pela comunidade.

GRUPO 2 - QUESTIONÁRIO

1. Qual o nome desta ponte?

( ) Ponte de Todos ( ) Ponte Newton Navarro ( ) Ponte Nova

2. Qual a origem destes nomes?
3. Em sua opinião, qual destes nomes é o mais adequado para esta ponte? Por quê?
4. Antes desta ponte, como era feito o acesso para a Zona Norte de Natal?
5. Cite duas vantagens e duas desvantagens desta ponte.

Este questionário começa com questões que exploram a tripla nomenclatura desta ponte, a oficial, Ponte Newton Navarro e as oficiosas, Ponte de Todos (ligada à lembrança do slogan da gestão de Wilma de Faria, governadora à época da construção da ponte) e Ponte Nova em oposição à Ponte de concreto de Igapó, que passou a ser chamada de Ponte Velha após a construção desta ponte.

Estas questões são importantes para mostrar que além das nomenclaturas oficiais, o povo que convive com este bem cultural no seu cotidiano, cria denominações que lhes confere mais sentido do que as homenagens feitas a estes monumentos, como o nome de Newton Navarro, que apesar de muito importante para as artes do estado, tem pouco apelo popular e ainda é pouco conhecido pela população em geral.

O patrimônio é dinâmico e pertence a todos, principalmente ao povo, que interage diariamente com ele e precisa ter voz e vez em qualquer decisão sobre nomenclatura conservação ou tombamento. Precisamos democratizar a gestão patrimonial. Este tipo de discussão proposta nesta atividade tem este objetivo de levar as discussões relativas aos bens culturais para o povo.

As outras perguntas dizem respeito o acesso anterior a esta ponte, que é importante para que se possa ter uma noção do antes e depois e também situar as vantagens e as desvantagens desta ponte e pode contribuir para saber que melhorias podem ser reivindicadas e que situações positivas podem ser mantidas. O importante é conhecer este bem cultural para poder entender seu uso, sua conservação e sua importância histórica.

GRUPO 3 - ANTES E DEPOIS DA PONTE

Esta atividade será composta de um mural com imagens do antes e depois de vários lugares da Zona Norte de Natal que tiveram sua paisagem, sua mobilidade e sua dinâmica alterada pela inserção da Ponte Nova nesta região.

Para montar este mural, o grupo pode fazer pesquisas na internet, sites oficiais como o da SEMURB, redes sociais, jornais e contará, principalmente, em relação às fotos anteriores à Ponte Nova com a ajuda de alunos e seus familiares, criando um banco de dados de fotografias que depois serão selecionadas, com a mediação do professor de História, para compor este quadro do antes e depois da Ponte.

Além da busca e seleção de material fotográfico, que subentende uma crítica das fontes primárias, os alunos deste grupo vão expor este trabalho na escola, integrando-o aos temas dos outros dois grupos, promovendo uma discussão em conjunto sobre este bemcultural, sua importância histórica, econômica, turística e patrimonial para a Zona Norte de Natal.

Estas atividades de Educação Patrimonial foram pensadas para que os alunos entrem em contato com este bem cultural material e possam fazer seus registros e depois discutam com a comunidade escolar os conhecimentos associados a este bem cultural, mostrando as mudanças, detectando os problemas e propondo soluções, levando em conta a dimensão social do patrimônio.

3.3 Os Bens Culturais Imateriais

Assim como ocorreu com os bens culturais materiais, procurei na condução deste trabalho incentivar participação dos alunos em todas as etapas do processo, incluindo os bens culturais imateriais, que foram inventariados em parceria com os alunos de acordo com os critérios de relevância histórica e de importância destes bens culturais para o cotidiano dos alunos, considerando a interação que eles possuem com estes bens.

Como bens culturais imateriais da Zona Norte de Natal foram escolhidos a Feira Livre de Nova Natal, o desfile cívico do bairro Lagoa Azul, o Carnaval da Redinha, o Circo (denominação genérica para vários circos que passaram pela região), os nomes das ruas do Nova Natal e a Feira Livre de Cidade Praia.

Dentre este variado leque de sugestões, para compor este produto pedagógico, os nomes das ruas do conjunto habitacional Nova Natal, o desfile cívico do bairro Lagoa Azul e a música Zona Norte, Zona Sul, interpretada pela cantora Khrystal foram selcionados dentre

os outros bens culturais imateriais apontados pelos alunos.

O conjunto habitacional Nova Natal tem uma característica peculiar em relação aos nomes das suas ruas: todos remetem à cultura popular. Pela riqueza contida nestes momes que representam a sabedoria popular, acredito que é relevante trabalhar o significado destes nomes. O desfile cívico é um evento que movimenta a comunidade de Lagoa Azul e merece ser objeto de estudo. Já a música Zona Norte, Zona Sul, de autoria de Ricardo Baya, interpretada por Khrystal, foi trabalhada em sala de aula com os alunos e acredito que estimula discussões que deve ser exploradas mais largamente, por isto faz parte deste produto pedagógico.

As atividades a seguir são uma tentativa de aprofundar as discussões sobre estes bens culturais imateriais. Procurei estimular a atuação ativa dos alunos na elaboração deste inventário participativo e espero que as atividades propostas neste produto pedagógico possam explorar a complexidade destes bens culturais imateriais, auxiliando no entendimento das temáticas locais da História, potencializando a aprendizagem sigificativa, e que possam estimular os professores de História a utilizar este produto pedagógico com os seus alunos.

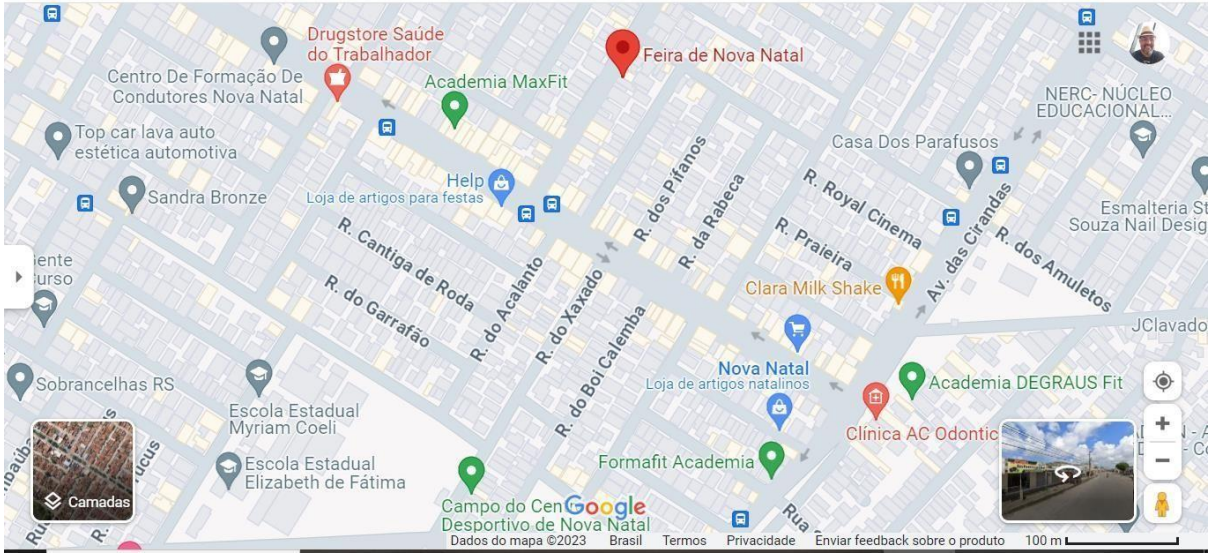
3.3.1 Nomenclatura das ruas de Nova Natal

O conjunto habitacional Nova Natal foi inaugurado em 1983. Este conjunto fez parte do período de povoamento da Zona Norte de Natal, no qual vários conjuntos habitacionais foram construídos. Entre os fins da década de 1970 e início da década de 1980, Potengi, Panorana, Soledade I, Panatis, Santa Catarina, Gramoré, dentre outros fizeram parte desta expansão a cargo da COHAB (hoje Datanorte).

As ruas deste conjunto habitacional têm nomes que remetem à cultura popular, como Avenida da Chegança, Rua do Pastoril, Rua da Lapinha, Avenida dos Caboclinhos, Rua Bumba meu boi e Avenida das Cirandas. A figura 19 nos mostra um pouco desta nomenclatura. Por estas ruas, os moradores transitam todos os dias para ir à escola ou o trabalho, realizam suas compras, vão à feira, ao posto de saúde, aos bares e ao comércio da Avenida da Chegança, muitas vezes sem se dar conta no significado do nome destas ruas.

Acredito que seja importante que esta riqueza cultural representada pelos nomes das ruas deste conjunto, seu significado e a sua importância sejam compartilhados com a comunidade. Por isto, as atividades a seguir tem o intuito de que os alunos participem desta tarefa de democratizar os saberes por trás dos nomes destas ruas.

Figura 19 - Ruas do conjunto habitacional Nova Natal - Zona Norte de Natal



Fonte: *Google Maps (2023)* (Editado por Angelo Estevam Barbosa Neto)

3.3.1.1 ROTEIRO DE AULA DE CAMPO IV - Nomenclatura das ruas do conjunto habitacional Nova Natal

OBJETIVOS:

- Entender o significado dos nomes das ruas do conjunto habitacional Nova Natal e levar este conhecimento para a comunidade;
- Conhecer as ruas visitadas, sua infraestrutura, sua tipologia (residencial ou comercial) e as histórias associadas elas;
- Associar os nomes das ruas e suas nomenclaturas alternativas (rua da feira, rua das três escolas, rua do terminal dos ônibus) às histórias do conjunto Nova Natal;

ATIVIDADES:

Os alunos, divididos em três grupos, ficarão responsáveis pelas seguintes atividades:

GRUPO 1- OS NOMES DAS RUAS

A dinâmica desta atividade e sua abrangência foram pensadas para que os alunos participem da aula de campo de visitação às ruas do conjunto Nova Natal. As ruas que podem

fazer parte desta aula de campo são a Rua do Pastoril, a Rua do Bambelô, a Rua Nau Catarineta,a Rua do Baião, a Avenida dos Caboclinhos, a Avenida da Chegança, a Avenida das Cirandas, a Rua Cego Aderaldo, a Rua dos Pífanos e a Rua do Xaxado.

Esta lista das ruas é apenas uma sugestão que ofereço, considerando a minha experiência de professor de História atuando em escolas da comunidade e a minha vivência como morador de Nova Natal durante 25 anos. No entanto, a lista das ruas está aberta a modificações que devem ser discutidas entre os alunos e o professor de História.

Este grupo vai se encarregar de pesquisar informações sobre a origem dos nomes destas ruas e as manifestações da cultura popular associadas a elas. Estas informações deverão ser dispostas em forma de um mural com textos e imagens e as manifestações culturais ligadas aos nomes destas ruas podem ser apresentadas pelos alunos. Poesias, danças, cantorias e outras manifestações culturais que possam enriquecer de forma lúdica as informações sobre os nomes das ruas.

GRUPO 2 - ALÉM DOS NOMES DAS RUAS

Esta atividade, como o próprio título já anuncia, tem uma dimensão mais social, propondo que os alunos conheçam as ruas visitadas. A tipologia da rua se é residencial, comercial ou mista (determinando a sua predominância), suas denominações alternativas, sua infraestrutura (pavimentação, iluminação, saneamento, básico, segurança), além das referências, como comércios, escolas, igrejas, bares ou uma arquitetura que chama a atenção.

Estas informações podem ser reunidas em um vídeo no qual os alunos farão uma narração mostrando as características de cada rua, além da intervenção dos moradores, contando alguma história curiosa ou falando dos problemas da rua e reivindicando melhorias.

Este tipo de atividade relaciona pesquisa histórica com responsabilidade social e cocnciência crítica na medida em que os alunos são convidados a observar detalhadamente as ruas onde cotidianamente caminham sem se dar conta da importância destes lugares e dos seus significados. Sobre esta postura de protagonistas que os alunos podem assumir, que apesar de local, não tem intenções bairristas, Sonia Ramplim Florêncio (2015) diz:

> Trata-se, ao contrário, de partir de referências culturais locais utilizando-as como arcabouço de símbolos, valores e significados por meio dos quais as

> ligações necessárias para a compreensão da vida, da cultura, da sociedade e do humano venham a ser estabelecidas, em um processo em que cada sujeito parte de seu mundo e de suas referências para compreender e refletir sobre outros mundos e alteridades. (FLORÊNCIO, 2015, 28-29).

Acredito que este tipo de postura de pesquisador e esta atividade ligada aos problemas sociais da comunidade, proposta por esta atividade de Educação Patrimonial, pode estimular os alunos a se tornarem protagonistas na construção dos seus saberes e contribuir para tornar as aulas de Históriamais dinâmicas, significativas e proveitosas.

GRUPO 3 - UMA CÂMERA, UM CÓDIGO E A HISTÓRIA DE UMA RUA.

As informações produzidas pelos grupos anteriores vão ser compiladas por este grupo, que vai se encarregar de reunir as informações sobre cada rua e criar um QR Code para cada rua. A ideia é de que este código seja compartilhado nas diversas mídias sociais e impresso para ser afixado em postes, fachadas de comércios, escolas (com a devida autorização) para que as pessoas acessem este código com o telefone celular ou tablet e possam ter acesso às informações sobre a rua.

Como professor de História, experimento diariamente a dificuldade de competir com a tecnologia em sala de aula. Creio que a tecnologia, com moderação, pode ser um recurso didático importante que tem potencial para deixar nosso trabalho mais atrativo e lúdico, sem perder a profundidade dos conteúdos.

Como a tecnologia está no nosso cotidiano e é algo irreversível, podemos usá-la a nosso favor. Esta é a intenção desta atividade de Educação Patrimonial: usar a tecnologia para chamar a atenção das pessoas para os conteúdos históricos através dos bens culturais imateriais.

Possibilitar a informação sobre o patrimônio através de um QR Code para que as pessoas conheçam a história e a importância das ruas onde moram ou por onde trafegam é uma forma de valorizar a cultura pouplar e democratizar o saber, começando na sala de aula, pois segundo SILVA (2020):

> À educação patrimonial caberia ainda a educação sobre o olhar do aluno, que seria incentivando a enxergar os aspectos da comunidade de maneira mais representativa para a sua formação individual ou coletiva, enfatizando aspectos como a preservação, identidade e cidadania. (SILVA, 2020, p. 41).

Espero que esta atividade de Educação Patrimonial ancorada na tecnologia possa mobilizar conteúdos históricos locais significativos e estimular a participação dos alunos e, posteriormente, da comunidade.

3.3.2 A Música Zona Norte, Zona Sul

A música Zona Norte, Zona Sul é uma composição de Ricardo Baya e ficou conhecida na interpretação da cantora Khrystal. Segundo informações do site G1 RN (2019):

> Ricardo Baya é músico, compositor, arranjador e produtor musical. O guitarrista potiguar, ao longo de mais de 20 anos de carreira, ganhou prêmios e viajou por todo Brasil. Participou de turnês em Portugal e na Espanha. Ganhou o Mpbeco (Festival de Música do Beco da Lama) duas vezes o primeiro lugar com melhor arranjo. Venceu aos 25 anos o Prêmio Hangar como guitarrista revelação, em 2011, e recebeu o troféu cultura da Assembleia Legislativa de melhor música. Venceu com o grupo instrumental Saturnino e o disco Avuadô os dois prêmios do festival Música Popular Brasileira 2012 (melhor música instrumental / melhormúsica com letra). Em 2015, ganhou dois dos três troféus que concorreu no Prêmio Hangar de Música (instrumentista do ano e melhor compositor) e em 2016 voltou a ganhar o Prêmio Hangar junto com o Bando das Brenha, na categoria "Banda Revelação". Em 2017, Baya venceu o festival da FM Universitária na categoria Música com Letra. (G1 RN, 2019).

Além do compositor desta música ser um artista muito experiente e bastante premiado, a cantora Krystal é uma das mais importantes da nova geração da música potiguar. A reportagem de Marluci Ribeiro (2022) para a Rádio Senado, do Senado Federal informa sobre Khrystal:

> Nascida em 1981 em Natal (RN), Khrystal começou a cantar em bares aos 17 anos, partindo depois para uma pesquisa sobre o côco, ritmo nordestino que daria o tom para o primeiro disco da cantora, *Coisa de Preto*, de 2007. Entre os anos de 2008 e 2012, quando lançou o segundo CD, Khrystal se apresentou em programas de TV, atuou em filme dirigido por Alceu Valença e fez turnê pelo Brasil e pelo exterior, até que em 2013 foi convidada para participar do programa *The Voice Brasil*, que trouxe visibilidade nacional para a artista potiguar. Em 2016, Khrystal lançou seu terceiro álbum e, dois anos depois, mudou-se para o Rio de Janeiro para integrar o elenco de um musical em homenagem a Elza Soares. Com o isolamento provocado pela pandemia de covid-19, a artista aproveitou para lançar o segundo disco como coletivo Retrovisor e também um EP solo, em maio de 2021. (RIBEIRO, 2022)

O videoclipe da música Zona Norte, Zona Sul mostra Khrystal passeando por vários lugares da Zona Norte, subindo escadas e ladeiras, jogando bola, mostrando locais que são referências desta região, como a comunidade da África e a Ponte de Igápo. Um videoclipe com a performance da cantora pode ser conferido na plataforma do you tube. Abaixo, a letra desta música:

ZONA NORTE, ZONA SUL[19]
Eu quero ir
Da Zona Norte a Zona Sul
Quero atravessar a ponte e me sentir num só lugar
Quero tomar banho de rio
Quero tomar banho de mar Quero saúde e respeito
Pro povo em todo lugar
Eu quero ir
Da Zona norte a Zona sul
Quero atravessar a ponte e me sentir num só lugar
Quero tomar banho de rio
Quero tomar banho de mar
Quero saúde e respeito
Pro povo em todo lugar Pajuçara, Igapó
Potengi, o meu Gramoré do lado que eu quero morar
Se vive na base da fé
Santa Catarina abençoa Panatis e Santarém
E a Itapetinga nos leva
As fronteiras da Nova Natal
Não tape o sol com a peneira
Maquiando o cartão postal
Me olhe dentro dos olhos
Me trate de igual pra igual
De que lado mora o seu preconceito
Atravesse a ponte que eu vou lhe mostrar
E de que lado mora
O seu preconceito
Atravesse a ponte que eu vou...
De que lado mora o seu preconceito
Atravesse a ponte que eu vou lhe mostrar
E de que lado mora
O seu preconceito
Atravesse a ponte que eu vou lhe mostrar
Pajuçara, Igapó Potengi, o meu Gramoré
Do lado que eu quero morar
Se vive na base da fé
Santa Catarina abençoa Panatis e Santarém
E a Itapetinga nos leva
As fronteiras da Nova Natal
Não tape o sol com a peneira
Maquiando o cartão postal
Me olhe dentro dos olhos

[19] A letra desta música está no site https://www.cifraclub.com.br/khrystal-saraiva/zona-norte-zona-sul/letra/

Me trate de igual pra igual
De que lado mora o seu preconceito
Atravesse a ponte que eu vou lhe mostrar
E de que lado mora
O seu preconceito
Atravesse a ponte que eu vou...
De que lado mora o seu preconceito
Atravesse a ponte que eu vou lhe mostrar
E de que lado mora
O seu preconceito
Atravesse a ponte que eu vou lhe mostrar
Atravesse a ponte que eu vou lhe mostrar
Atravesse a ponte que eu vou lhe mostrar
Salve a galera da avenida Pompéia
Por onde eu passo, bem dizer toda semana
Pra pedir a benção da minha mãe, Dona Maria
E agora quero estender meu alô pra rapaziada do Pajuçara, Cidade Praia, Parque dos Coqueiros, Galera de Santa Rita, Alvorada, Vale Dourado, Parque das Dunas, Brasil Novo,
Vila Verde, alô alô Gramorezinho! São Gonçalo do Amarante, Planalto, toda rapaziada do Sarney,Golandim, Sopapo,
Alto da torre, África...
De que lado mora o seu preconceito? De que lado mora? O seu preconceito? De que lado mora?
De que lado mora o seu preconceito?

(Composição de Ricardo Baya)

Esta música fala sobre algumas localidades da Zona Norte de Natal e questiona uma situação que precisa ser discutida: o preconceito em relação à Zona Norte e aos seus habitantes. O provocativo refrão "De que lado mora o seu preconceito?" é um convite para debater uma situação que, além das divisões geográficas, acaba criando um muro invisível que divide regiões da cidade, classes sociais e pessoas. Já o trecho que diz " Eu quero ir da Zona Norte a Zona Sul. Quero atravessar a ponte e me sentir num só lugar." É uma manifestação de um desejo de percorrer uma cidade sem amarras, sem divisões reais ou imaginárias, onde todos são iguais independente de qual lado rio as pessoas moram.

A existência de preconceitos em relação à Zona Norte de Natal tem várias causas, algumas delas mostradas aqui neste trabalho. A própria ocupação desta região e a construção dos conjuntos habitacionais longe da área central da cidade, com evidentes dificuldades em relação aos serviços básicos, principalmente transporte, saúde e educação, fez da Zona Norte de Natal não só uma região de migrantes, mas também de pioneiros, de resistentes, que buscaram sua integração com o resto da cidade e conquistaram os serviços básicos através de muita luta. O crescimento populacional e econômico desta região, mostrado aqui neste trabalho, principalmente nas duas últimas décadas, evidencia a força da Zona Norte e de seus habitantes.

Sobre a questão da formação desta região, Cicera Fernandes (2019) fala que:

> Visto que a Zona Norte cresceu inserida num contexto de urbanização voltada para os grupos menos privilegiados economicamente da sociedade, pode-se perceber que falar em "outro lado da ponte" é mais do que uma referência territorial. Para além da localização material desse espaço, há também uma construção que coloca os seus moradores numa posição inferiorizada. Fez-se necessário, então, "ressignificar" essa região, cujo crescimento configurou um dos fenômenos mais importantes da urbanização de Natal como um todo, marcando as últimas décadas da história dessa cidade, aquém de todos os estereótipos que carrega. (FERNANDES, 2019, p. 8).

A opção espacial por segregar uma parte da população em áreas periféricas fica evidente no comentario e esta configuração espacial também tem a ver comn políticas públicas que inicalmente se mostraram insufientes quando não inexistentes em relação à Zona Norte de Natal, o que obrigou os moradores a criarem alterntivas para driblar estas dificuldades. Os depoimentos destes moradores servem para evidenciar o tratamento desigual que esta região da cidade recebeu desde a sua formação.

A questão da mobilidade, associada ao trânsito caótico, à oferta insuficiente de transporte coletivo, as longas distâncias percorridas principalmente por quem mora ou trabalha (ou precisa se deslocar para esta região) em locais mais afastados dos acessos às pontes de Igapó e à Ponte Newton Navarro podem estimular estas atitudes de preconceito.

A violência, associada a esta região por causa da presença do antigo Presídio Dr. João Chaves, conhecido como "Caldeirão do Diabo" e aos loteamentos, áreas adjacentes aos conjuntos habitacionis, ocupadas tradicionalmente por pssoas que não foram contempladas com a casa própria, que alugaram ou ocuparam ou adquiriram terrenos e lá construíram suas moradias, inicialmente sem infraestrutura ou acesso aos serviços básicos. Sobre a volência viculada a estas áreas conhecidas como loteamemenos, Filho e Pinho (2014), disseram:

> Dessa forma, viver em um espaço não adquirido por métodos tradicionais, como compra, vinculava os moradores (claramente, a partir de uma generalização) a algum tipo de atividade criminosa. Isso não quer dizer que não existam criminosos vivendo em loteamentos e favelas, mas a generalização da ideia de que o loteamento era a raiz da violência corresponde ao real problema. (FILHO, PINHO, 2014, p. 12).

Discutir estas generalizações e seu potencial negativo que acaba desqualificando uma região da cidade e seus habitantes, associando-os injustamente à violência e fomentndo atitudes de preconceito, pode ser um caminho para entender as origens ds preconceitos em relação à

Zona Norte de Natal.

As atividades a seguir são uma oportunidade para fazer esta discussão e para que os alunos conheçam um pouco da região onde vivem. Como professor de História, acredito que devemos estimular ao máximo o aprendizado dos alunos e a aula pode ser lúdica, atrativa e o aluno pode aprender além do espaço da sala de aula.

Realizar uma aula de campo pela Zona Norte de Natal baseada nesta música pode ser uma oportunidade para abordar as temáticas locais da História através da Educação Patrimonial, pois como disse Torres,

> A Educação Patrimonial pode ser experienciada em diferentes espaços. Com aproximações diversas com as áreas do conhecimento. Para isso é fundamental nos despirmos de certas amarras educacionais. Uma delas seria a noção de que aprender envolve exclusivamente o espaço da sala de aula. (TORRES, 2021, p. 12).

Espero que as atividades associadas à aula de campo a seguir contribuam para desmitifacar a sal de aula coo único locl onde a aula pode contecer e que sejam uma oportunidade para fazer esta discussão sobre preconceito em relação ao lugar e também para que os alunos conheçam um pouco da região onde vivem.

3.3.2.1. ROTEIRO DE AULA DE CAMPO V - A música Zona Norte, Zona Sul

OBJETIVOS:

- Identificar os lugares que aparecem na letra da música e pesquisar para ter mais informações sobre cada um deles;
- Compreender as mensagens que a letra da música procura passar, como igualdade, união e necessidade de discutir sobre os preconceitos;
- Associar os nomes das localidades citadas na letra desta música ao seu próprio conhecimento sobre a Zona Norte de Natal;
- Entender as divisões reais e imaginárias a que a música se refere quando fala das divisões geográficas (a ponte) a das divisões ideológicas (o preconceito) e suas origens;

ATIVIDADES:

Os alunos, divididos em três grupos, ficarão responsáveis pelas seguintes atividades:

GRUPO 1 - VIAJANDO PELA ZONA NORTE NAS ASAS DA CANÇÃO

Os alunos farão uma aula de campo pelos lugares da Zona Norte citados nesta música. Eles podem registrar estes lugares em fotografias e criar um *slidestory* (montagem fotográfica) com estas fotos, inserindo a música Zona Norte, Zona Sul como tema desta montagem.

Esta produção poderá ser compartilhada com os alunos da escola e deve ser complementada por uma discussão onde os alunos podem falar sobre os lugares que conhecem, sobre alguma experiência relacionada a estes lugares da qual eles participam ou que ocorreu com outras pessoas.

Esta música pode servir como roteiro para orientar a aula de campo pela Zona Norte de Natal e como estímulo para a discussão sobre estes lugares. É recomendável a exibição do videoclipe desta música, mostrando os lugares escolhidos pela cantora Khrystal para mostrar esta região, da qual ela foi moradora, assim como os alunos envolvidos nesta atividade.

A exibição do *slidestory* produzido pelos alunos e do videoclipe da cantora Khrysal é importante para mostrar os diversos ângulos de apreensão e leitura do espaço da Zona Norte. As diferenças e semelhanças entre estas duas produções podem fazer parte da esta discussão para mostrar aos alunos a pluralidade de olhares e valores.

GRUPO 2 - ZONA NORTE.COM

Este grupo vai ficar responsável por pesquisar informações sobre os lugares da Zona Norte que aparecem nesta música. As informações coletadas farão parte de um mural cm uma ficha técnica sobre cada localidade. Para complementar estas informações, os alunos poderão pesquisar em sites como o da SEMURB. As informações reunidas pelos alunos serão selecionadas e editadas, com a mediação do professor de História, pra fazer parte de um site intitulado “CONHEÇA A ZONA NORTE DE NATAL”.

As informações que vão fazer parte deste site podem exigir conhecimentos de outras disciplinas, como Geografia, Língua Portuguesa e Artes. O trabalho interdisciplinar é extremamente bem-vindo, não só pra contemplar a logística deste trabalho, mas para promover uma interação entre várias áreas de conhecimento em torno de um objetivo comum. Com isto, os alunos terão a oportunidade de constatar na prática que o trabalho colaborativo é importante para compartilhar projetos, ideias e experiências e auxiliar na criação e recriação dos saberes coletivos. Esta possibilidade de trabalho interdisciplinar é prevista no Guia Básico da Educação

Patrimonial (1999) que diz que,

> Os currículos escolares são comumente sobrecarregados, com disciplinas que competem entre si por limitação do tempo em sala de aula e pelas normas oficiais estabelecidas. Os objetos patrimoniais, os monumentos, sítios e centros históricos, ou o patrimônio natural são um recurso educacional importante, pois permitem a ultrapassagem dos limites de cada disciplina, e o aprendizado de habilidades e temas que serão importantes para a vida dos alunos. Desta forma, podem ser usados como "detonadores" ou "motivadores" para qualquer área do currículo ou para reunir áreas aparentemente distantes no processo de ensino/aprendizagem. (HORTA, 1999, p. 43).

As referências às diversas localidades da Zona Norte de Natal presentes nesta música podem servir como "detonadores" ou "motivadores" de uma atividade interdisciplinar de Educação Patrimonial que pretende unir alunos, professores e disciplinas em torno da valorização das temáticas locais, através do estudo dos patrimônios culturais imateriais, no caso a música *Zona Norte, Zona Sul*.

GRUPO 3 - DE QUE LADO MORA O SEU PRECONCEITO?

Os alunos deste grupo vão ficar responsáveis (com a supervisão do professor) por coordenar uma roda de conversa com reflexões sobre alguns trechos da música Zona Norte, Zona Sul. Os seguintes trechos são sugeridos para discussões desta roda de conversa:

- De que lado mora o seu preconceito? Atravesse a ponte que eu vou lhe mostrar;
- Não tape o sol com a peneira. Maquiando o cartão postal. Me olhe dentro dos olhos. Me tratando de igual para igual.
- Eu quero ir da Zona Norte a Zona Sul. Quero atravessar a ponte e me sentir num só lugar
- Quero saúde e respeito. Pro povo em todo lugar

A reflexão sobre estes trechos da letra da música *Zona Norte, Zona Sul* pode estimular discussões sobre preconceito, classes sociais, infraestrutura, igualdade, equidade e respeito às diversidades. Abaixo, algumas questões podem orientar as discussões desta rodade conversa:

1. Por que a Zona Norte é denominada de "o outro lado do rio"? Você acha esta

denominação preconceituosa?

2. Você já sofreu (ou conhece alguma história de quem sofreu) preconceito por ser morador da Zona Norte de Natal? Fale sobre isto.
3. Em sua opinião, quais as principais diferenças entre a Zona Norte e a Zona Sul de Natal?
4. "Não tape o sol com a peneira", "Maquiando o cartão postal" Em sua opinião, estes trechos da canção sugerem um tipo de preconceito ligado ao turismo em Natal? Por quê?
5. As frases destacadas abaixo, presentes da música *Zona Norte, Zona Sul* expressam ideias de igualdade e equidade.

> *Quero saúde e respeito. Pro povo em todo lugar*
> *Me olhe dentro dos olhos.*
> *Me tratando de igual para igual.*
> *Quero atravessar a ponte e me sentir num só lugar*

Em sua opinião, o que falta para isto acontecer, na prática?

É bom lembrar que estas questões são apenas sugestões para otimizar a roda de conversa. Caso os alunos ou os professores envolvidos nesta atividade desejam inserir outras perguntas, isto pode ser feito sem problemas. O importante é discutir os temas, situações e valores que a música *Zona Norte, Zona Sul* pretende estimular. As discussões das questões sociais que permeiam os bens culturais precisam ter a participação da comunidade, pois como disse Sonia Ramplim Florêncio (2015):

> A educação que se vislumbra é aquela que se caracteriza como mediação para a construção coletiva de conhecimento, a que identifica a comunidade como produtora de saberes, que reconhece, portanto, a existência de um saber local. Enfim, a que reconhece que os bens culturais estão inseridos m contextos de significados próprios associados à memória do local. (FLORÊNCIO, 2015, P. 26).

É este tipo de educação participativa, crítica e que considera os saberes e valores da comunidade que eu espero que esta atividade de Educação Patrimonial baseada na música *Zona Norte, Zona Sul* possa despertar nos alunos e professores.

3.3.3. O desfile cívico do Bairro Lagoa Azul

Este ano de 2023, o conjunto habitacional Nova Natal completa 40 anos. Há 39 anos que o desfile cívico do bairro Lagoa Azul ocorre nas ruas de Nova Natal. Além das escolas de Nova Natal, escolas do conjunto Cidade Praia e dos loteamentos Câmara Cascudo, Boa Esperança e Cidade Praia também participam deste desfile.

A culminância do desfile ocorre na Avenida da Chegança, onde se concentram as pessoas que acompanham este evento. Geralmente na intersecção desta avenida com a Rua do Pastoril (a tradicional Rua da Feira), um palanque é montado. Os locutores apresentam as escolas participantes do desfile, suas características, seus destaques e também é feita uma propaganda sobre as instituições comerciais locais e pessoas que apoiaram a realização do desfile. No palanque, além dos apresentadores do desfile, ficam pessoas da organização deste evento, líderes comunitários, além de políticos, como vereadores e prefeitos. Este fato foi registrado pelo site da Prefeitura do Natal (2019):

> Durante a tarde desta sexta-feira (13/09), o prefeito de Natal, Álvaro Dias, esteve prestigiando o 35° Desfile Cívico do Nova Natal, que ocorreu na Avenida da Chegança. O evento contou com a participação de várias escolas públicas e particulares, além de órgãos institucionais. O desfile contou com o apoio da Prefeitura do Natal, através da Secretaria Municipal de Segurança Pública e Defesa Social, com a presença da Guarda Municipal, dando mais segurança ao evento, e da Secretaria Municipal de Mobilidade Urbana - STTU, cuidando da questão de organização do trânsito no corredor do desfile e imediações. (PMN, 2019).

As bandas de música com seus figurinos e acrobacias são um show à parte e chamam bastante atenção das pessoas que assistem ao desfile. O artista Rei Pop Show,[20] com seus figurinos originais e criativos, durante muitos anos foi destaque do já extinto Colégio da Mônica, instituição privada de Ensino Fundamental I que marcou época em Nova Natal.

O desfile funciona como uma vitrine para as escolas privadas mostrarem os serviços que oferecem e para as escolas públicas reafirmarem sua tradição. Além disso, este evento mobiliza as escolas, associações como Centro de Convivência Ivone Alves, que atende a idosos

[20] Rivaldo Félix de Lima, o Rei Pop Show, é cantor e dançarino, famoso pelo seu visual e pelas performances em que dança, canta e dubla músicas de Michael Jackson, Rolling Stones e outros cantores famosos. Ele ganhou projeção nacional após sua participação no quadro Lata Velha, do antigo programa da Rede Globo Caldeirão do Huck.

do bairro e a Fundação Fé e Alegria, que faz um trabalho social junto aos alunos da Zona Norte. Este evento também movimenta a economia da região, com a presença de ambulantes vendendo água, lanches e lembranças do desfile, como fotografias das pessoas que desfilam e bandeiras do Brasil. Pela importância política, econômica e simbólica, acredito que este bem cultural imaterial pode ser objeto de atividades que esclareçam sua preparação, importância e oseu impacto para os participantes e espectadores. As imagens abaixo mostram esta diversidade presente no desfile:

Figura 20 - Desfile Cívico do bairro Lagoa Azul

Centro de Convivência Ivone Alves

Escola Estadual Paulo Pinheiro

Vista frontal do Palanque

Rei Pop Show

Fonte: *Foto montagem feita Angelo Estevam Barbosa Neto*

As imagens acima mostram a diversidade de instituições presentes neste evento Embora este evento seja inspirado no desfile de 7 de setembro, que ocorre tradicionalmente na Praça Cívica, no bairro do Tirol, em Natal, este evento tem um significado especial para a

comunidade, tanto que os alunos o escolheram o desfile cívico de Lagoa Azul como um dos bens culturais imateriais da Zona Norte de Natal.

Os desfiles cívicos estão ligados à Proclamação da Independência do Brasil e, embora venham acontecendo deste esta data, é com a Proclamção da República que estes eventos passaram a acontecer com mais regularidade e com uma organização próxima dos desfiles que vemos hoje. A nascente República, carente de simbologias, foi buscar nas paradas cívico-militares, uma das formas de forjar uma identidade nacional e criar sentimentos de pertencimento dos indivíduos em relação à nação.

O desfile de 7 de setembro, tradicionalmete mostra integrantes das três forças armadas: Exército, Marinha e Aeroáutica, além de veículos, aeronaves, bandeiras e outros equipamentos e símbolos que servem para mostrar a força destas instituições. Além das participações das forças policiais locais, dos estados e municípios, há a participação de autoridades, sobretudo os chefes do executivo e integrantes do legislativo. Os períodos do governo de Getúlio Vargas (1930-1945), sobretudo a ditadura do Estado Novo (1937-1945) e da Ditadura Militar (1964-1965), representam o auge destes desfiles, que criaram uma tradição que, apesar de populista, não é genuinamente popular.

O povo dá a sua resposta, com manifestações legítimas e paralelas, como o 2 de julho, que comemora a Independência do Brasil na Bahia. Sobre estas disputas entre o que é imposto ao povo e a reação popular, em reportagem da agência Brasil (2023), o professor de História da USP, Paulo Pimenta disse:

> Eles (os desfiles) são um dispositivo de identidade, de reprodução do pertencimento dos indivíduos a uma coletividade. É por isso que os desfiles continuam exixtindo mesmo que eles não sejam muito populares, com algumas exceções. Existem desfiles que são bastante populares, como o 2 de julho na Bahia, que também rememora a Independência do Brasil. Este é um desfile tradicionalmente popular, mas o 7 de Setembro não. (TOKARNIA, ALBUQUERQUE, 2023).

Além de exemplos como este da Bahia, em que o povo exerce o protaginismo, rememorando ações nas quais participou ativamente, preservando esta memória viva da luta pela independência do país, os desfiles cívicos escolares também podem ser uma oportunidade de protestar contra a situação política, mostrar problemas sociais e manter viva a memória de um lugar.

Seja participando da parada oficial de 7 de Setembro, ou em desfiles específicos como o que acontece no bairro de Lagoa Azul, estes desfiles podem ter um componente social, indo além de ser uma vitrine para a a apresentação das escolas, seus serviços e suas conquistas

(educacionais e esportivas). Esta apresentação, importante para as escolas particulares do ponto de vista financeiro, já que serve de publicidade para atrair (e manter) alunos também é necessária para as escolas públicas, que têm problemas com a quantidade insuficiente de alunos, sobretudo no turno noturno.

O desfile cívico do bairro Lagoa Azul foi escolhido pelos alunos como um dos bens imateriais da Zona Norte de Natal e, nas atividades que serão propostas neste produto pedagógico, é importante perceber as mudanças e permanências presentes neste desfile no decorrer do tempo e a importância disto para participantes e expectadores.

3.3.3.1 ROTEIRO DE AULA DE CAMPO VI - O desfile cívico do bairro Lagoa Azul

OBJETIVOS:

- Identificar as diferentes instituições presentes neste desfile, suas características e seus objetivos;
- Compreender a importância deste desfile para a comunidade como um evento que movimenta a região e que tem consequências políticas, econômicas e simbólicas;
- Entender a diversidade de representações, mensagens e valores presentes neste evento e seus impactos nos participantes e espectadores;
- Refletir sobre o significado deste desfile como um bem cultural imaterial da Zona Norte de Natal através de temporalidades diversas;

ATIVIDADES:

Os alunos, divididos em três grupos, ficarão responsáveis pelas seguintes atividades:

GRUPO 1- MAKING OF DO DESFILE

Os alunos se dividirão em dois subgrupos e um deles escolherá uma escola privada e o outro, uma escola pública do bairro Lagoa Azul e farão uma pesquisa sobre os preparativos destas escolas para o desfile. Os alunos deverão observar os seguintes pontos:

- Figurinos, painéis e destaques;
- Temas, mensagens, palavras de ordem;
- Número de participantes, banda de música (própria ou convidada);
- Gastos da escola e dos participantes;

Estas informações pesquisadas pelos dois subgrupos serão reunidas em um relatório que será apresentado para as turmas da escola e servirá de base para discussões sobre este desfile. A ideia é que os dois subgrupos apresentem os seus relatórios para que os alunos percebam as semelhanças e diferenças entre os dois tipos de escolas do ponto de vista econômico, ideológico e dos objetivos que esperam alcançar participando deste desfile.

Esta atividade pode proporcionar aos alunos envolvidos, com a devida mediação do professor de História, o entendimento de que estas manifestações culturais como este desfile, não são neutras, nem apenas festivas, mas têm objetivos que diferem dependendo do tipo de escola que participa e da época em que são realizadas.

Entender esta diversidade e os objetivos que motivam este tipo de evento é uma oportunidade para os alunos exercerem a sua cidadania, pesquisando, entendendo e discutindo o processo de criação dos bens culturais imateriais, no caso o desfile cívico do bairro Lagoa Azul. Esta forma de pensar os bens culturais considerando sua importância social está ancoradanas palavras do ex-ministro da Cultura, Gilberto Gil, que disse:

> [...] pensar em patrimônio agora é pensar com transcendência, além das paredes, além dos quintais, além das fronteiras. É incluir as gentes. Os costumes, os sabores, os saberes. Não mais somente as edificações históricas, os sítios de pedra e cal. Patrimônio também é suor, o sonho, o som, a dança, jeito, a ginga, a energia vital, e todas as formas de espiritualidade da nossa gente. O intangível, o imaterial. (IPHAN, 2008).

Esta descrição poética da existência, da relevância e da força dos bens culturais imateriais se relaciona com este evento que comporta muitas destas ações sensações, que é o desfile cívico do bairro Lagoa Azul. Espero que essa atividade possa estimular reflexões que possam contribuir para o entendimento deste evento.

GRUPO 2 - LUZ, CÂMERA, AÇÃO

Um minidocumentário sobre o desfile cívico do bairro Lagoa Azul será a atividade deste grupo. Este trabalho pode incluir cenas dos preparativos do desfile, por isto, é importante que os grupos trabalhem sintonizados, um podendo contribuir com a atividade do outro. Na verdade, as atividades propostas para todos os bens culturais abordados nesse produto pedagógico são complementares. Há uma separação por questões logísticas e para conferir celeridade e organização aos trabalhos, mas tudo está interligado.

Como a culminância desse processo será o desfile na Avenida da Chegança, o ideal é que vários alunos do grupo façam filmagens paralelas e, depois, haja uma edição de forma coletiva, com discussões sobre o que deve ser incluído neste minidocumentário o que deve ser descartado. Esta forma de trabalhar pode contribuir para os alunos entenderem o valor das discussões e das decisões coletivas. É importante defender suas ideias, mas também é igualmente salutar aceitar as ideias dos outros quando estas são podem dar uma contribuição mais efetiva para o miinidocumentário.

Exercitar a cidadania através das decisões democráticas pode uma ser uma boa oportunidade para os alunos entenderem o valor das decisões coletivas. Outra sugestão é que o minidocumentário tenha depoimentos dos organizadores, participantes e espectadores deste desfile. Abrir espaço para que estas pessoas se expressem é importante, pois segundo Sonia Ramplim Florêncio (2015):

> Desta forma, os bens culturais são considerados com um suporte vivo para a construção coletiva do conhecimento, que só pode ser levada a cabo, quando se considera e se incorpora as necessidades e expectativas das comunidades envolvidas por meio de múltiplas estratégias e situações de aprendizagem que devem ser construídas dialogicamente a partir das especificidades locais. (FLORÊNCIO, 2015, p.24)

Acredito que esta é uma oportunidade para que as pessoas da comunidade possam se expressar em relação a um bem cultural imaterial que elas estão ajudando a construir. Abrir espaço para estas pessoas se expressarem, dialogarem sobre este desfile pode ajudar a entender este evento e o mesmo tempo dar voz às memórias que foram e ainda são silenciadas.

GRUPO 3 - UM BANQUINHO, UMA CONVERSA

Uma roda de conversa para avaliar o desfile cívico de Lagoa Azul vai ser a atividade coordenada por este grupo. As atividades produzidas pelos outros grupos servirão de subsídios para esta roda de conversa. Como nas atividades com os bens culturais anteriores, a ideia de integração entre as atividades está presente, entre outras razões, para que os alunos possam se ajudar e pra que possam entender a importância do trabalho coletivo.

Esta atividade também pode servir para fazer uma comparação entre os primeiros desfiles e os desfiles mais recentes. Para discutir as mudanças e permanaências, presentes neste espaço de tempo e cntextos políticos e sociais que separam estes desfiles, é importante que pessoas da comunidade, que participaram dos prmeiros desfiles sejam convidadas para participarem desta roda de conversa. Organizadores dos desfiles, ex-alunos das escolas, expectadores, todos que podem contribuir com as suas memórias para a discussão podem ser convidados.

As diferenças entre as agremiações presentes nos desfiles, o impacto das mensagens e palavras de ordem, o investimento econômico, os objetivos de cada tipo de escola ou agremiação em relação a este desfile, as impressões de participantes e espectadores são temas para reflexão que estarão presentes nesta roda de conversa. As sugestões de perguntas que poderão orientar a discussões são as seguintes:

1. Quais as principais diferenças entre escolas públicas e escolas privadas em relação:
   a) Preparação do desfile;
   b) Investimento;
   c) Apresentação;
   d) objetivos;
2. Observe as imagens abaixo e discuta temas presentes no destile:

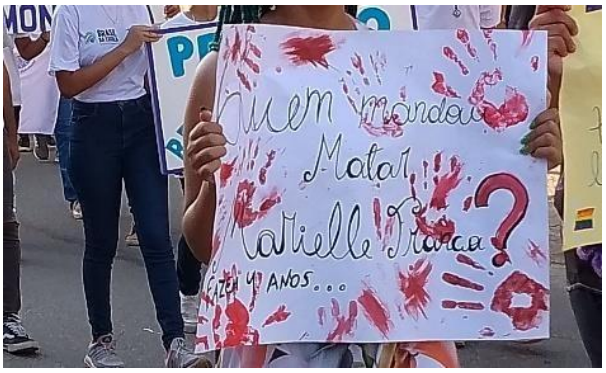
a) Combate ao bullyng

b) Valorização da cultura nordestina

c) Violência contra a mulher

d) Respeito ao direito da pessoa idosa

e) Enfrentamento ao suicídio



f) Violência contra as lideranças populares

Os temas das imagens acima estão presentes ano cotidiano dos estudantes e na própria sociedade. É importante aproveitar a oportunidade que este desfile proporciona abordando temas atuais e importantes para a escola e a sociedade em geral. O aprendizado dos conteúdos históricos ocorre em vários espaços sociais e não é uma exclusividade da sala de aula.

Discutir estes temas abordados no desfile, dar a sua opinião, ouvir o contraditório, elaborar e reelaborar saberes oriundos de discussões sobre estes conteúdos históricos atuais é extremamente salutar. A Educação Patrimonial pode ser usada para denunciar, discutir e propor soluções sobre problemas sociais e difundir valores como educação, solidariedade e respeito às diferenças. De acordo com Sonia Florêncio (2015):

> A Educação Patrimonial deve ser tratada como um conceito basilar para a valorização da diversidade cultural, a para a definição de identidade e de alteridades no mundo contemporâneo, e como um recurso para a afirmação das diferentes maneiras de ser estar no mundo. O reconhecimento deste fato, certamente, inserido em um campo de lutas e contradições, evidencia a visibilidade de culturas marginalizadas ou excluídas da modernidade ocidental, e que são fundamentais para o estabelecimento de diálogos interculturais e de uma cultura de tolerância com a diversidade. (FLORÊNCIO, 2015, p. 24).

É este tipo de utilização multifacetada destas atividades que eu espero que seja proporcionado aos professores e alunos que tenham acesso a esta atividade, que além da valorização dos bens culturais imateriais, que mantêm um estreito vínculo com a comunidade, pretende contribuir para uma sociedade mais justa, solidária e inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é fruto das minhas inquietações enquanto professor de História da Educação Básica, lecionando História há quase três décadas em turmas do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio e das exigências do Mestrado Profissional em História, PROFHSTÓRIA, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN.

Como morador da Zona Norte de Natal há mais de quatro décadas, atuando como professor de História nesta região há mais de duas décadas, uma constatação do trabalho pedagógico me preocupou: a invisibilidade patrimonial da Zona Norte de Natal.

Escolhi este tema para desenvolver a minha dissertação de mestrado e para desenvolver o produto pedagógico, cuja proposta do programa, é poder ser utilizado por outros colegas professores na condução de suas aulas. Acredito que esta possibilidade de compartilhar os trabalhoscom os colegas professores é uma das maiores contribuições deste programa para a pesquisa e o ensino de História.

Na criação deste trabalho, tive o auxílio precioso dos professores deste programa, dos colegas de curso, das disciplinas cursadas, em especial a Aprendizagem Patrimonial e Ensino de História, Os textos desta disciplina, a mediação do professor, as discussões e contribuições dos colegas me forneceram preciosas informações teóricas para organizar o tema que escolhi pesquisar.

A minha dissertação, "*Deste lado do rio também tem História: uma proposta de Educação Patrimonial na Zona Norte de Natal"*, é uma proposta que visa valorizar os bens culturais materiais e imateriais desta parte da cidade, sem bairrismos nem revanchismos, dando voz a histórias e memórias silenciadas por uma política patrimonial tradicionalmente elitista, antidemocrática e excludente.

Procurei desenvolver a presente dissertação na instituição onde trabalho, a Escola Municipal Professor Amadeu Araújo, localizada no conjunto habitacional Nova Natal, no bairro Lagoa Azul. Atuo nesta escola há 15 anos, onde leciono a disciplina de Historia em turmas do 6º ano ao 8º ano do Ensino Fundamental II e escolhi para fazer este trabalho de Educação Patrimonial a turma do 8º ano A, turma que acompanho desde o 6º ano do Ensino Fundamental II.

Na condução deste trabalho procurei ao máximo estimular a participação dos alunos com atividades variadas, lúdicas e desafiadoras. Inicialmente apliquei dois questionários de sondagem para saber o grau de conhecimento dos alunos sobre a Educação Patrimonial. Posteriormente, ministrei duas aulas expositivas seguidas de discussões sobre a Educação

Patrimonial e bens culturais, questionários e duas atividade práticas sobre os bens culturais materiais e imateriais.

Em um destes questionários, os alunos escolherem os bens culturais materiais e imateriais importantes da Zona Norte, na opinião deles, acompanhados das devidas justificativas. No outro, foi trabalhada a música Zona Norte, Zona Sul, gravada pela cantora Khrystal, o que contribuiu para os alunos discutirem sobre preconceito em relação à Zona Norte de Natal.

Neste inventário participativo além de contar com a participação ativa dos alunos, considerei seus saberes prévios e os saberes elaborados e reelaborados durante a as atividades de Educação Patrimonial que eles participaram. Procurei sempre assumir o papel de professor mediador na elaboração deste trabalho com os meus alunos.

Procurei privilegiar uma metodologia que envolvesse as questões sociais presentes na Educação Patrimonial, baseada no direito constitucional do usufruto dos bens culturais e na pedagogia de Paulo Freire. As publicações do IPHAN, referências na área, foram usadas ora para endossar conceitos e posicionamentos, ora para justificar o contrário.

Foram realizados dois trabalhos de campo nos quais os alunos, divididos em dois grupos, exploraram um bem cultural material e um imaterial. Como atividades, tiraram fotografias, fizeram vídeos e produziram um texto autoral sobre a importância do bem cultural escolhido por eles. Estas atividades foram muito positivas porque além de contar com a participação dos alunos, do contato deles com os bens culturais e as suas produções, eles puderam aplicar os conhecimentos construídos na sala de aula na elaboração dos trabalhos propostos.

Na criação do produto pedagógico, procurei respeitar as escolhas dos meus alunos e acrescentei algumas escolhas pessoais, baseadas na minha experiência de professor e na criação das atividades busquei relacionar os bens culturais importantes para a comunidade, com a participação dos alunos e o aprendizado dos conteúdos históricos.

Espero que a minha proposta de Educação Patrimonial possa contribuir para que alunos e professores, em especial de História, conheçam um pouco mais da Zona Norte de Natal e que possa contribuir pra tornar as aulas de História mais dinâmicas, prazerosas e significativas. Acredito que esta pesquisa possa estimular mais trabalhos sobre Educação Patrimonial relacionado à Zona Nortede Natal.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Littbarski de Castro. **A periferia urbana como lugar da educação patrimonial:** o ensino de História no Grande Bom Jardim. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Natal, RN, 2020.

BARBOSA, Manoel. Escola Municipal Professor Amadeu Araújo promove IV Mostra do Conhecimento. Prefeitura Municipal de Natal. 28 nov. 2019. Disponível em: <https://natal.rn.gov.br/news/post2/31896>. Acesso em: 2 mai. de 2023.

BEZERRA, Rosalie. TCE aponta escolas inadequadas. **Tribuna do Norte**, Natal, 28 abr. 2023. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/tce-aponta-escolas-nadequadas/562862#:~:text=TCE%20aponta%20Escolas%20Inadequaas%20%2D%2027,2023%20%2D%20Not%C3%ADcia%20%2D%20Tribuna%20do%20Norte&text=Inspe%C3%A7%C3%B5es%20feitas%20pelo%20Tribunal%20de,encontrados%20s%C3%A3o%20de%20diversas%20ordens>. Acesso em: 15 mai. 2023.

BENEVIDES, Fernando Vasconcelos. **O Farol do Mucuripe iluminando o Ensino de História no caminho para a prática da cidadania em Fortaleza:** projeto de Educação Patrimonial /Fernando Vasconcelos Benevides. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Programa de Pós-Graduação em Ensino de História. Natal, RN, 2018.

BEZERRA, Jessyane. Mesmo com frota integral, população enfrenta superlotação em ônibus. **Tribuna do Norte**, Natal, 31 mar. 2023. Disponível em: <http://www.tribuna do norte.com.br / noticia/mesmo-com-frota-integral-populaa-a-o-enfrenta-superlotaa-a-o-em-a-nibus/561077>. Acesso em: 15 mai. 2023.

BLOCH, Marc. **A apologia da história:** ou o ofício do historiador. Rio de janeiro, Jorge Zahar, 2001.

BISPO, L. M. C. A educação patrimonial e suas práticas de incentivo às culturaslocais. **Simbiótica.** Revista Eletrônica, Espírito Santo, v. 3, n. 1, p. 76 - 99, jan/jun. 2016.

BITTENCOURT, Circe Maria. **Ensino de história:** fundamentos e métodos. São Paulo, Cortez, 2008.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **Sociedade e cidadania**. São Paulo: FTD, 2018. Coleção História. (6º, 7°, 8º, 9º ano) Ensino Fundamental II.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues et. al. **O difícil espelho**: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação. Rio de Janeiro: Iphan/Depron, 1996.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov. br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL**. LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.** Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020. 59 p.

BRASIL. Ministério da Educação. (2007). **Guia de livros didáticos PNLD 2008**: História. Ministério da Educação. Brasília: MEC.

CAIMI, Flávia Eloisa. Meu lugar na história: de onde eu vejo o mundo? In. OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. História: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010: p.71 (Coleção Explorando o Ensino v. 21)

CAPISTRANO, Luciano F. D.; SILVA, Tyego F. et al. **Memória Minha Comunidade**: Lagoa Azul. Natal: SEMURB, 2013.

CAPISTRANO, Luciano Fabio Dantas. **Os envelopes de CLIO: a elaboração de fontes para o ensino de história local na escola básica**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Ensino de História, Natal, RN, 2022.

CAROLINO, Joyce Kelly Lima et al.. **A cultura cívica e a suas praticas educativas:** um novo olhar sobre o desfiles do 7 de setembro. Anais VII ENID & V ENFOPROF / UEPB Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/64310>. Acesso em: 18/04/2024.

CAVIGNAC, Julie. **Reconstruindo o passado:** memórias migrantes da Zona Norte de Natal, Revista Travessia, dez., 1998.

COM obras retomadas em 2019, UERN tem seu prédio inaugurado na Zona Norte. **Por Dentro do RN**. Natal, 26 mai. 2022. Disponível em: <https://pordentrodorn.com.br/2022/05/26/com-obras-retomadas-em-2019-campus-uern-natal-tem-seu-novo-redio-inaugurado-na-zona-norte/>. Acesso em 28 mai. 2023.

COSTA, Andréa Virginia Freire; AMARAL, Patrícia Daliany Araújo do**.** Educar para o patrimônio cultural: valorização e apropriação do centro histórico natalense. **Revista Diálogos da Extensão**. Natal, v. 1, n. 1, p. 17-20, 2015.

COSTA, Francisca Freire da. **Patronos da educação municipal**: resgate e preservação da memória. Natal, SME, 2008.

CHUVA, Márcia. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. **Revista do Patrimônio,** nº 34/2012. Rio de Janeiro: IPHAN (organização: Márcia Chuva).

DATANORTE, **Demonstrativo de Conjuntos Habitacionais Edificados na Capital e Municípios do Estado do RN**. 22 mai. 2012.

DEMARCHI, João Lorandi e SCIFONE, Simone. **P**atrimônio cultural e educação patrimonial: a operação historiográfica e a tática marginal. **Revista Iberium Patrimônio Histórico-Educativo**. Campinas/SP, v. 5, 2019.

DOSSIÊ IPHAN: **Festa de Sant'Ana. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. IPHAN, 2010. 122p.

ESCOLA Municipal Professor Amadeu Araújo. **Projeto político Pedagógico**. Natal, 2010. 25p.

FERNANDES, Cícera Tamara Graciano Leal da Silva. "As pessoas acham que aqui só tem bandido, professora!": aprender história no ensino fundamental em (e a partir de) uma periferia. *In*: 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - AMPUH- BRASIL, 2019, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...] Rio de Janeiro: AMPUH, 2019. p.1 - 16. Disponível em: <https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565121662_ARQUIVO_TextoCompleto_CiceraTamaraGLdaSFernandes.pdf.> Acesso em: 20 mar. 2024.

FERNANDES, C. T. G. L. S. **Pesquisa e ensino na história escolar: o contexto urbano da Escola Terezinha Paulino em Natal-RN /** Cícera Tamara Graciano Leal da Silva Fernandes. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História. Natal, RN, 2018

FERNANDES, Clécida; RODRIGUES, Jefferson . **Feira de Nova Natal: faz gosto a gente ver. Feiras livres RN, 6 nov. 2018.**
Disponível em: <https://feiraslivresrn.wixsite.com/2018/post/feira-nova-natal>. Acesso em: 2 mai. de 2023.

FERNANDES, João Ricardo Oriá. **Educação patrimonial e cidadania**: uma proposta alternativa para o ensino de história. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.13, n. 25/26, 1992/1993.

FERNANDES, João Ricardo Oriá. Memória e ensino de História. In. BITTENCOURT, Circe. (org.) **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

FERREIRA, Alessandra. **O patrimônio imaterial, as práticas de religiosidade popular na praça Padre João Maria e o ensino de história**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Ensino de História, Natal, RN, 2022.

FERREIRA, Marieta de Moraes & OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coord.). **Dicionário de ensino de história.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

FERREIRA, Ronaldo Cesar Gonçalves **Olhar para cima e para os lados**: uma proposta de ensino de história através de roteiros patrimoniais na cidade do Rio de Janeiro, 2020. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, Rio de Janeiro, 2020.

FLORÊNCIO, Sonia Maria Ramplim . Educação Patrimonial: algumas diretrizes conceituais. In: **Cadernos do patrimônio cultural**: educação patrimonial. Organização Adson Rodrigo S. Pinheiro. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim et al. **Educação Patrimonial**: inventários participativos: manual de aplicação.mInstituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN: Brasília-DF, 2016. Disponível em: <https://chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj /http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio_15x21web.pdf>. Acesso em 02 jun. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Os limites do patrimônio. IN: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; ECKERT, Cornélia e BELTRÃO, Jane (orgs.). **Antropologia e patrimônio cultural**: diálogos e desafios contemporâneos. Blumenau: Nova Letra, p.239-248, 2007.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial.** IPHAN, Brasília, DF, 2007. Disponível em: https://chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_ManualAtividadesPraticas_m.pdf. Acesso em 02 jun. 2023.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz**. Guia Básico de Educação Patrimonial**. Rio de Janeiro: IPHAN; Museu Imperial, 1999.

IBGE. **Censo demográfico 2010**. IBGE: 2010.

IPHAN. **Educação Patrimonial**: histórico, conceitos e processos. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014.

IPHAN. **Educação Patrimonial**: inventários participativos. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2016.

KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. **Os Rituais de Tombamento e a Escrita da História**: Bens Tombados no Paraná entre 1938-1990. Curitiba: Editora UFPR,2000.

LIMA, André Luiz de Paula Chaves. **De templo a fórum: Museu do Ceará, educação patrimonial & ensino de História** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Natal, RN, 2020.

LOPES, Danilo Eiji. História das práticas de estudo do meio em ensino de História. **Revista Angelus Novus**. São Paulo, Ano X, n. 15, p. 1-28. 2019.

MARANHÃO, Renata De Sousa; QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. Os circuitos da economia urbana na feira livre do mercado central de Ceará-Mirim/ RN. **Geoconexões 1**. IFRN, Ano II, vol 1. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15628/geoconexoes.2016.4722.>. Acesso em: 02 mai. 2023.

MARICATO, Ermínia.(Org.) **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. 2 ed. São Paulo: Alfa Ômega, 1982.

MORADORES do Nova Natal, na Zona Norte ganham escritura pública. **Governo do Rio Grande do Norte**. Natal, 19 fev. 2022. Disponível em: <http://www.rn.gov.br/Conteudo.asp?TRAN=ITEM&TARG=281445&ACT=&PAGE=&PARM=&LBL=NOT%CDCIA#:~:text=Moradores%20do%20Nova%20Natal%2C%20na%20Zona%20Norte%20ganham%20escritura%20p%C3%BAblica,ASSECOM%2FRN19&text=O%20Governo%20do%20Estado%20entregou,Zona%20Norte%20da%20capital%20poti guar>. Acesso em 03 jun. 2023.

MORAIS, José Jassuipe; FERREIRA, António. **ESCOLA TÉCNICA DE COMÉRCIO UNDERWOOD: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM JOÃO PESSOA -PARAÍBA (1928-1960).** Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/333337327_ESCOLA_TECNICA_DE_COMERCIO_UNDERWOOD_UMA_CONTRIBUICAO_PARA_A_EDUCACAO_PROFISSIONAL_EM_JOAO_PESSOA_-PARAIBA_1928-1960>. Acesso em: 02 de jun de 2023.

NATAL. Secretaria Municipal de Educação. **Referenciais curriculares para os anos finais do Ensino Fundamental**: história e geografia. Margarete Ferreira do Vale Sousa; Maria Tereza de Moraes (orgs.). - Natal, RN: Secretaria Municipal de Educação, 2007.

NORA, Pierre. **Ensaios de Ego-história**. Lisboa: Edições 70, 1987.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. Entre memória histórica e a problemática dos lugares. **Projeto História:** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, *[S. l.]*, v. 10, 2012. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101. Acesso em: 25 abr. 2023.

NEPONUCEMO, Sabrina Barros. **O ensino de História vai à feira:** inventários participativos e saberes reversos a partir de uma educação patrimonial decolonial. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Mestrado Profissional em Ensino de História, Natal, RN, 2021.

OLIVEIRA, Almir. Educação Patrimonial. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coord.). **Dicionário de ensino de história.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

PACHECO, Luis Eduardo Andrade. **"Mas esta não é a minha cidade": narrativas e sensibilidades no ensino de história de Fortaleza**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Natal, RN, 2020.

PAINEL exaltando cultura de paz está sendo pintado na Escola M. Professor Amadeu Araújo. NATAL. **Prefeitura Municipal do Natal.** 27 de out. de 2022. Disponível em <https://natal.rn.gov.br/news/post2/37765>. Acesso em 02 jun. de 2023.

PAIVA, Kaliene Alessandra Rodrigues de. **Ensino de história e educação patrimonial na escola**: o Instituto Ary Parreiras enquanto reflexão sobre os lugares de memória - Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História. Mestrado Profissional em Ensino de História. Natal, RN, 2019.

PARTAGE Norte Shopping inaugura expansão. **TRIBUNA DO NORTE**. 09 jun. 2021. Disponível em <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/partage-norte-shopping-inaugura-expansa-o/512524>. Acesso em 02 de jun de 2023.

PEREIRA, Paulo Cesar. Conheça sua comunidade: Conjunto Gramoré. Clarim Natal, Natal/RN, ago. 2019. Disponível em: <https://issuu.com/clarimnatal/docs/clarim_agosto_2019_-_pdf> Acesos em: 13 jun. 2023

PINHEIRO, Adson Rodrigo S (org). **Cadernos do patrimônio cultural**: educaçãopatrimonial: Secultfor: Iphan, 2015.

PNLD 2020 é FTD educação. **FTD**. 2023. Disponível em < https://pnld2020.ftd.com.br/colecao/historia-sociedade-e-cidadania/ >. Acesso em 02 de jun de 2023.

POLLAK, Michael. "Memória e identidade social". In: **Estudos Históricos**, v. 5, nº 10. Rio de Janeiro, 1992.

PONTE Newton Navarro: curiosidades sobre este cartão postal de Natal. **Guia RN**. Natal, 12 de abril de 2023. Disponível em < https://guiarn.com.br/curiosidades-ponte-newton-navarro/ >. Acesso em 25 de novembro de 2023.

PREFEITO Álvaro Dias prestigia 35º Desfile Cívico de Nova Natal. **Prefeitura Municipal do Natal**. Natal, 13 de setembro de 2019. Disponível em <https://www.natal.rn.gov. br/news/post2/31316>. Acesso em: 30 de nov. 2023.

PREFEITURA DO NATAL. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. – SEMURB. **Anuário Natal 2011/2012.** Natal: SEMURB, 2012.

PREFEITURA DO NATAL. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. SEMURB. **Conheça melhor o seu bairro:** Lagoa Azul**.** Natal: SEMURB, 2017.

PROGRAMAÇÃO das feiras livres de Natal. **Secretaria Municipal de Serviços Urbanos: Feiras Livres**. disponível em < https://www.natal.rn.gov.br/semsur/feiras-livres>. Acesso em 15 de out de 2023.

PROJETO hoje tem samba no beco recebe Rogério Madureira e Ricardo Baya neste fim de semana em Natal. **G1 RN** Natal, 19 de abril de 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/o-que-fazer-em-natal-e-regiao/noticia/2019 /04/19/projeto-hoje-tem-samba-no-beco-recebe-rogerio-madureira-e-ricardo-baya-neste-fim-de-semana-em-natal.ghtml>. Acesso em 26 de novembro de 2023.

QUEIROZ, Wanderson. Ponte Newton Navarro: saiba tudo sobre a sua história. **Prefeitura Municipal do Natal**. Natal, 22 de agosto de 2022. Disponível em <https://natalrn.com.br/ponte-newton-navarro-saiba-tudo-sobre-sua-historia/ >. Acesso em 28 mai. 2023.

QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de; AZEVEDO, Francisco Fransualdo de. Circuitos da economia urbana: arranjos espaciais e dinâmica das feiras livres em Natal-RN. **Sociedade e território,** Natal, v. 24, n. 1, p. 115-133, jan./jun. 2012.

RIBEIRO, Marluci. Khrystal: Rio Grande do Norte. Brasília, 07 de janeiro de 2022. Disponível em < https://www12.senado.leg.br/radio/1/som-brasilis-1/2022/01/07/khrystal-rio-grande-do-norte#:~:text=Nascida%20em%201981%20em%20Natal ,Coisa%20de%20Preto% 2C%20de %202007.>. Acesso em 28 de novembro de 2023.

RIO GRANDE DO NORTE. Secretaria de Educação e da Cultura. **Documento curricular do Estado do Rio Grande do Norte** – Ensino Fundamental. Natal: Offset, 2018.

RODRIGUES, Jefferson e FERNANDES, Clécida. Feira de Nova Natal: faz gosto a gente ver. **FEIRAS LIVRES RN**, 2018. Disponível em < https://feiraslivresrn.wixsite.com/2018/post/feira-nova-natal>. Acesso em: 25 de set 2023.

RÜSEN, Jöhn. **Consciência histórica como tema da didática da História.** In: MÉTIS – história & cultura v. 19, n. 38, p. 16-22, jul./dez. 2020.

SALDANHA, Leticia Lopes. **Por uma educação dos sentidos para dar significado ao ensino de História:** uma proposta a partir da Educação Patrimonial. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Natal, RN, 2020.

SALVADORI, Maria Ângela Borges. **História, ensino e patrimônio**. Araraquara: Junqueira & Marin Editores, 2008.

SANTOS, Juliana Souto; SOUZA, Rita Barbosa. **Territórios da Educação Patrimonial em Sergipe**. Aracaju: SEDUC. 2022.

SARAIVA, KHRYSTAL. **Zona Norte Zona Sul. Natal**: DoSol: 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_uIQS-YUI60>. Acesso em: 10 nov. 2020

SCIFONE, Simone. Para repensar a Educação Patrimonial. In: **Cadernos do patrimônio cultural**: educação patrimonial. Organização Adson Rodrigo S. Pinheiro. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

SEM manutenção ponte de Natal sofre erosão e opera acima da capacidade. **G1 RN** Natal, 28 de fevereiro de 2018. Disponível em < https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do- norte/noticia/sem-manutencao-ha-28-anos-ponte-de-natal-sofre-erosao-e-opera-acima-da-capacidade-dizem-pesquisadores.ghtml>. Acesso em 2º de novembro de 2023.

SIVIERO, F. P. Educação e patrimônio cultural: uma encruzilhada nas políticas públicas de preservação. **Revista CPC**, *[S. l.]*, n. 19, p. 80-108, 2015.

SILVA, Aldenise Regina Lira da. **Da Casa de Detenção à Colônia Penal "Dr. João Chaves"**: o processo de afastamento da prisão em relação ao espaço urbano da cidade do Natal (1940-1975) - Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História/UFRN. Natal, RN, 2015.

SILVA, Alexandro Ferreira Cardoso da. **Depois das fronteiras: a formação dos espaços de pobreza na periferia Norte de Natal/RN**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN. Natal, RN, 2003.

SILVA, Louise Carla Siqueira da. **A intermitência na EJA Nível II sob a ótica dos gestores: um estudo na Escola Municipal Professor Amadeu Araújo**. Dissertação (monografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Curso de Pedagogia. Natal, RN, 2018.

SILVA, Anderson José Assis da. **A análise de um bairro dentro e fora da sala de aula**: Bangu e seus espaços como recursos de aprendizagem em História . Dissertação (mestrado) - Faculdade de Formação de Professores. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 2020.

SILVA, Caio Cézar Gabriel e. **A confluência dos olhares: compreendendo o bairro de Nossa Senhora da Apresentação**. - Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos Urbanos e Regionais. Natal, RN, 2021.

SILVA, Kainara Fernandes da. **Uma visita ao estranho país chamado passado:** histórias do ensino de História na Escola Municipal Professor Cícero Varela (1975-2020). - Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, 2021.

SOUZA, Angela Maria Gordilho. **Limites do habitar**: segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século XX. 1999. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

SOUZA, Carolina Rezende de. As feiras livres como lugares de produção cotidiana de saberes do trabalho e educação popular nas cidades: alguns horizontes teóricos e analíticos no campo trabalhoeducação. TrabalhoNecessário, PUC/MG, Ano 13, n. 22. 2015. 19 p.

SOUZA, Victor Batista de. Aprender História para a vida: novos olhares para o bairro em proposta de aula-oficina. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

TEIXEIRA, Cláudia Adriana Rocha. A educação patrimonial no ensino de História. BIBLOS, [S.l.], v. 22, n. 1, p. 199–211, 2008. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article /view/868>. Acesso em: 25 abr. 2023.

TJRN. MORADORES de conjuntos serão indenizados por seguro habitacional. **JUSBRASIL**. 2012. Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/noticias /moradores-de-conjuntos-serao-indenizados-por-seguro-habitacional/100042248>. Acesso em 02 de jun de 2023.

TOLENTINO, Átila B. Educação patrimonial e construção de identidades: diálogos, dilemas e interfaces. Revista CPC, São Paulo, v. 14, n. 27esp, p. 133-148, jan/jul. 2019.

TRINDADE, Pedro. Com déficeit de vagas, 826 crianças não conseguem matrículas em creches públicas de Natal. G1 Rio Grande do Norte, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2022/03/14/com-deficit-de-vagas-836-criancas-nao-conseguem-matricula-em-creches-publicas-de-natal.ghtml>. Acesso em: 20 mai. 2023.

UMA NATAL que nunca saiu do papel: relembre projetos que não foram executados. TRIBUNA DO NORTE. 19 de setembro de 2021. Disponível em < https://tribunadonorte.com.br/natal/uma-natal-que-nunca-saiu-do-papel-relembre-projetos-que-nao-foram-executados/ >. Acesso em 20 mar. 2024.

ZANIRATO, Sílvia Helena. Patrimônio e identidade: retórica e desafios nos processos de ativação patrimonial. Revista CPC, São Paulo, v.13, n. 25, 2018.

ZONA NORTE tem Espaço Cultural Jesiel Figueredo revitalizado. TRIBUNA DO NORTE. 20 de maio de 2020. Disponível em < https://tribunadonorte.com.br/natal/zona-norte-tem-espaco- cultural-jesiel-figueiredo-revitalizado/>. Acesso em 25 de out de 2023.

APÊNDICE

Apêndice A - Formulário do Google - Professora Valdilene Ramalho

DOCENTES DE HISTÓRIA - EMPAA

1 - NOME DO(A) PROFESSOR(A): *

Valdilene Hipólito Ramalho

2 - FORMAÇÃO ACADÊMICA/PÓS-GRADUAÇÃO: *

Tenho licenciatura e bacharelado em História pela UFRN, pós graduação em educação em direitos humanos pela UFRN e mestrado em educação pela UFRN

3 - TEMPO DE ATUAÇÃO NO MAGISTÉRIO: *

19 anos

4 - QUAIS OS PRINCIPAIS DESAFIOS DA PROFISSÃO DE PROFESSOR? *

Além da desvalorização salarial, meu maior desafio hoje é lider com alunos ainda não alfabetizados nos anos finais do ensino fundamental. Isso, sem dúvidas, trava o processo de ensino e aprendizagem

5 - FALE SOBRE O SEU TRABALHO PEDAGÓGICO NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR AMADEU ARAÚJO. *

Estou atuando desde 2019 e tenho focado nos aspectos relacionados a uma formação cidadã, com respeito aos direitos humanos e formação política dos estudantes. E nesse sentido, a história tem se mostrado ao mesmo tempo uma "arma" e um desafio.

6 - QUAL A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NAS AULAS DE HISTÓRIA E PARA O APRENDIZADO DOS SEUS ALUNOS? *

Costumo trabalhar educação patrimonial com as turmas dos 6° anos, onde foco no binômio: "conhecer para preservar, preservar para conhecer". Tem sido relativamente prazeroso apresentar aspectos do patrimônio histórico e cultural do nosso estado e de Natal.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Fonte: Questionário - (Google Fomrs)

Apêndice B - Formulário do Google - Professor Paulo Silva

DOCENTES DE HISTÓRIA - EMPAA

1 - NOME DO(A) PROFESSOR(A): *

Paulo Sérgio da Silva

2 - FORMAÇÃO ACADÊMICA/PÓS-GRADUAÇÃO: *

Pós-Graduação

3 - TEMPO DE ATUAÇÃO NO MAGISTÉRIO: *

8 anos

4 - QUAIS OS PRINCIPAIS DESAFIOS DA PROFISSÃO DE PROFESSOR? *

O principal desafio diante de uma valorização profissional e social tão simplória, desenvolver um trabalho significativo.

5 - FALE SOBRE O SEU TRABALHO PEDAGÓGICO NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR AMADEU ARAÚJO. *

É um trabalho de enormes desafios. Pois temos uma realidade social e econômica bastante complexa que atinge a comunidade escolar. No entanto, considero que meu trabalho está ainda em fase inicial. Na educação, os resultados significativos levam tempo e depende de decisões ajustadas. Nesse estágio, inicial, estou desenvolvendo preceitos básicos e metodológicos nas aulas investindo no desenvolvimento da leitura, interpretação, pensamento crítico e lentamente digital dos educandos. Outro ponto de destaque é a criação do empreende Amadeu. Nossa feira de empreendedorismo estudantil. Na qual já começamos a colher frutos em pouco tempo de atuação.

6 - QUAL A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NAS AULAS DE HISTÓRIA E PARA O APRENDIZADO DOS SEUS ALUNOS? *

A educação patrimonial é fundamental para o o amadurecimento da concepção de pertencimento e identidade cultural e social dos alunos.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Fonte: Questionário - (Google Fomrs)

Apêndice C - Formulário do Google - Professor José Bonifácio

30/08/2023, 10:44 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL - EMPAA

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL - EMPAA

1 - NOME DO(A) PROFESSOR(A): *

José Bonifácio Pinheiro da Câmara Junior

2 - FORMAÇÃO ACADÊMICA/PÓS-GRADUAÇÃO: *

História: Licenciatura e Bacharelado

3 - TEMPO DE ATUAÇÃO NO MAGISTÉRIO: *

22 anos

4 - QUAL A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL PARA AS AULAS DE HISTÓRIA? *

Muito importante. Mas, as políticas públicas no RN são insuficientes.

5 - VOCÊ JÁ REALIZOU ALGUM TRABALHO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COM SEUS ALUNOS? * FALE SOBRE ISTO.

Sim! Quando lecionava nos 6os. anos e quando a Secretaria de Educação do RN implantou a Disciplina de Cultura do RN, do 6o. ao 9o. ano, dentro das aulas de História. No entanto, diminua o tempo para lecionar restante do conteúdo de História. O mais racional seria criar Uma disciplina a parte de Educação Patrimonial. Sugiro implantar como disciplina no Ensino Médio Integral.

6 - EM SUA OPINIÃO, HÁ UMA INVISIBILIDADE PATRIMONIAL DA ZONA NORT DE NATAL? POR QUÊ? *

Sim! Porém não é só na Zona Norte. Entretanto, essa área da cidade de Natal está mais abandonada nesse sentido.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Fonte: Questionário - (Google Fomrs)

Apêndice D - Questionário 1

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR AMADEU ARAÚJO

TURNO MATUTINO - 8º ANO A - 2023

QUESTIONÁRIO 1 - PROFHISTÓRIA - EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

ALUNO (A): _____

ENDEREÇO: _____Nº_____

BAIRRO: _____ - IDADE: _____

1. FALE SOBRE O BAIRRO ONDE VOCÊ MORA:
   A) PONTOS POSITIVOS: _____

_____

_____

   B) PONTOS NEGATIVOS: _____

_____

_____

2. QUE MEIO DE TRANSPORTE VOCÊ UTILIZA NO SEU TRAJETO DE CASA PARA A ESCOLA E DA ESCOLA PARA CASA?_____ E O QUE VOCÊ OBSERVA NESTE TRAJETO?

_____

_____

_____

3. FALE SOBRE A ESCOLA EM QUE VOCÊ ESTUDA. _____

_____

_____

_____

4. EM SUA OPINIÃO, QUAL A IMPORTÂNCIA DA ZONA NORTE DE NATAL? _____

_____

_____

_____

Fonte: Questionário 1 - (Word)

Apêndice E - Questionário 2

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR AMADEU ARAÚJO

TURNO MATUTINO - 8º ANO A - 2023

QUESTIONÁRIO 2 - PROFHISTÓRIA - EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

ALUNO (A): _____

1. EM SUA OPINIÃO, QUAL A IMPORTÂNCIA DAS AULAS DE HISTÓRIA?

_____

_____

_____

2. VOCÊ JÁ ESTUDOU SOBRE A HISTÓRIA DE NATAL OU DO RIO GRANDE DO NORTE?_____
FALE SOBRE ISTO_____

_____

_____

3. VOCÊ SABE O QUE É EDUCAÇÃO PATRIMONIAL? _____ FALE SOBRE ISTO._____

_____

_____

_____

4. CITE TRÊS LUGARES OU MANIFESTAÇÕES CULTURAIS IMPORTANTES DA CIDADE DO NATAL.

_____

_____

_____

5. CITE TRÊS LUGARES OU MANIFESTAÇÕES CULTURAIS IMPORTANTES DA ZONA NORTE DE NATAL.

_____

_____

_____

Fonte: Questionário 2 - (Word)

Apêndice F - Questionário 3 - página 1

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR AMADEU ARAÚJO

TURNO MATUTINO - 8º ANO A - 2023

QUESTIONÁRIO 3 - PROFHISTÓRIA - EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

ALUNO (A): _____

ZONA NORTE, ZONA SUL - Krystal Saraiva

Eu quero ir
Da zona Norte a zona Sul
Quero atravessar a ponte e me sentir num só lugar

Quero tomar banho de rio
Quero tomar banho de mar
Quero saúde e respeito
Pro povo em todo lugar

Eu quero ir
Da zona Norte a zona Sul
Quero atravessar a ponte e me sentir num só lugar

Quero tomar banho de rio
Quero tomar banho de mar
Quero saúde e respeito
Pro povo em todo lugar

Paiuçara, Iqapó
Potengi, o meu Gramoré
Do lado que eu quero morar
Se vive na base da fé

Santa Catarina abençoa
Panatis e Santarém
E a Itapetinga nos leva
As Fronteiras da Nova Natal

Não tape o sol com a peneira
Maquiando o cartão postal
Me olhe dentro dos olhos
Me trate de igual pra igual

De que lado mora o seu preconceito
Atravesse a ponte que eu vou lhe mostrar

E de que lado mora
O seu preconceito
Atravesse a ponte que eu vou...

De que lado mora o seu preconceito
Atravesse a ponte que eu vou lhe mostrar

Fonte: Questionário 3 - (Word)

E de que lado mora
O seu preconceito
Atravesse a ponte que eu vou lhe mostrar

Paiuçara, Iqapó
Potengi, o meu Gramoré
Do lado que eu quero morar
Se vive na base da fé

Santa Catarina abençoa
Panatis e Santarém
E a Itapetinga nos leva
As Fronteiras da Nova Natal

Não tape o sol com a peneira
Maquiando o cartão postal
Me olhe dentro dos olhos
Me trate de igual pra igual

De que lado mora o seu preconceito
Atravesse a ponte que eu vou lhe mostrar

E de que lado mora
O seu preconceito
Atravesse a ponte que eu vou...

De que lado mora o seu preconceito
Atravesse a ponte que eu vou lhe mostrar

E de que lado mora
O seu preconceito
Atravesse a ponte que eu vou lhe mostrar

Atravesse a ponte que eu vou lhe mostrar
Atravesse a ponte que eu vou lhe mostrar

Salve a galera da Avenida Pompéia
Por onde eu passo bem cedo toda semana
Pra pedir a benção da minha mãe, dona Maria

E agora quero estender meu alô pra rapazeada do Paiuçara,
Cidade Praia, Parque dos Coqueiros, galera de Santa Rita,
Alvorada, Vale Dourado, Parque das Dunas, Brasil Novo,
Vila Verde, alô alô Gramorezinho!
São Gonçalo do Amarante,
Planalto, toda rapazeada do Sarney, Golandim, Sopapo,
Alto da Torre, África...

De que lado mora o seu preconceito?
De que lado mora?
O seu preconceito?
De que lado mora?
De que lado mora o seu preconceito?

(composição de Ricardo Bays)

Fonte: Questionário 3 - (Word)

Apêndice H - Questionário 3 - página 3

LEIA O TEXTO ACIMA E RESPONDA:

1. VOCÊ JÁ CONHECIA ESTA MÚSICA? _____ O QUE VOCÊ ACHOU DESTA MÚSICA?

_____

_____

_____

2. QUE LOCAIS DA ZONA NORTE CITADOS NA MÚSICA VOCÊ CONHECE E QUAIS VOCÊ NÃO CONHECE?

_____

_____

_____

3. EM SUA OPINIÃO, A ZONA NORTE É O "OUTRO LADO DO RIO"? _____POR QUÊ?

_____

_____

_____

4. VOCÊ JÁ SOFREU ALGUM PRECONCEITO POR SER MORADOR DA ZONA NORTE DE NATAL?_____

FALE SOBRE ISTO _____

_____

_____

5. EM SUA OPINIÃO, ESTA MÚSICA AJUDA A COMBATER O PRECONCEITO CONTRA A ZONA NORTE DE NATAL? _____POR QUÊ? _____

_____

_____

FONTES CONSULTADAS:

SARAIVA, Khrystal. Zona Norte, Zona Sul. Disponível em: https://www.vagalume.com.br/khrystal/zona-norte-zona-sul.html. Acesso em: 23 set 2023.

SOUZA, Juliana . OLIVEIRA, Maria Margarida Dias de (coord.) . **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência - PIBID**. NATAL, UFRN, 2019.

Fonte: Questionário 3 - (Word)

Apêndice I - Questionário 4

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR AMADEU ARAÚJO

TURNO MATUTINO - 8º ANO A - 2023

QUESTIONÁRIO 4 - PROFHISTÓRIA - EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

ALUNO (A): _____

1. EM SUA OPINIÃO, QUAL A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL PARA AS AULAS DE HISTÓRIA?

_____

_____

_____

2. IMAGINE QUE VOCÊ IRÁ PARTICIPAR DE UMA AULA DE CAMPO NA ZONA NORTE DE NATAL E PRECISA SUGERIR LUGARES IMPORTANTES (BENS CULTURAIS) E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS (BENS IMATERIAIS) PARA FAZER PARTE DO ROTEIRO DESTA AULA.

A) CITE TRÊS BENS CULTURAIS MATERIAIS DA ZONA NORTE:

_____

_____

B) CITE TRÊS BENS CULTURAIS IMATERIAIS DA ZONA NORTE:

_____

_____

3. DOS BENS CULTURAIS QUE VOCÊ CITOU NA QUESTÃO ANTERIOR, EM SUA OPINIÃO:

A) QUAL O BEM CULTURAL MATERIAL MAIS IMPORTANTE?

_____ **POR QUÊ?**

_____

_____

_____

B) QUAL O BEM CULTURAL IMATERIAL MAIS IMPORTANTE?

_____ **POR QUÊ?**

_____

_____

_____

Fonte: Questionário 4 - (Word)

Apêndice J - Aula 1

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR AMADEU ARAÚJO

TURNO MATUTINO - 6º ANO A - 2023

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

O que é Educação Patrimonial?

A Educação Patrimonial é um instrumento que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e a valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural.

Reconhecer que todos os povos produzem cultura e que cada um tem uma forma diferente de se expressar é aceitar a **diversidade cultural**. Este conceito nos permite ter uma visão ampla do processo histórico, reconhecendo que não existem culturas mais importantes que as outras.

O Brasil é um país **pluricultural** e isto está relacionado com as etnias que formaram o nosso país e integram nosso povo (europeus africanos, indígenas) cujas contribuições culturais devem ser respeitadas e estudadas, entendendo que cada uma tem a sua importância e nenhuma é melhor que a outra.

Além do patrimônio formado pelos museus, fortes militares, estátuas, palácios e igrejas, geralmente tombados pelos órgãos do patrimônio histórico-cultural, há também o **patrimônio vivo**. Este patrimônio vivo está presente nas formas de expressão culturais ligadas à comunidade, seus saberes, manifestações culturais e modos de vida, como artesanatos, músicas, modos de vestir e de falar, festas religiosas e populares, etc.

Neste processo, a Educação Patrimonial vem com o intuito de desmitificar o senso comum, fazendo com que os estudantes, a comunidade em geral percebam a sua casa, sua escola, o seu bairro como patrimônios culturais pertencentes a sua história.

A Educação Patrimonial consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e seus produtos e manifestações, que despertem nos alunos o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida, pessoal e coletiva.

As etapas metodológicas de uma ação de Educação Patrimonial são a **observação**, o **registro**, a **exploração** e a **apropriação**. Estas etapas servem para que os indivíduos envolvidos nestas ações possam participar de maneira ativa, podendo produzir material, seja texto, desenho, fotografia ou vídeo sobre o patrimônio com o qual estão estabelecendo contato.

Fontes consultadas:

A Educação patrimonial no ensino de história, de Cláudia Adriana Rocha Teixeira.

Guia Básico de Educação Patrimonial, de Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grimberg e Adriana Queiroz Monteiro.

Fonte: Aula 1 - (Word)

Apêndice K - Aula 2

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR AMADEU ARAÚJO
TURNO MATUTINO - 8° ANO A - 2023
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Os bens culturais e a participação popular

O **Patrimônio Cultural** é constituído de unidades designadas bens culturais. Por sua vez, podemos definir **bem cultural** como toda a produção humana de ordem emocional, intelectual e material, independente de sua época ou aspecto formal, bem como a natureza, que propiciem o conhecimento e a consciência do homem sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia.

O acesso aos bens culturais é um direito que nós brasileiros possuímos como cidadãos e está garantido na Constituição Cidadã de 1988, que diz que o exercício dos direitos culturais será garantido pelo Estado, que dará apoio e incentivo para valorizar e difundir as manifestações culturas culturais.

Os bens culturais podem ser classificados como **bens culturais materiais** e **bens culturais imateriais**. No Brasil, temos uma tradição patrimonial que valorizou os bens culturais materiais, sobretudo os arquitetônicos, como casarões, palácios, igrejas, praças, em detrimento dos bens imateriais, como música, culinária, modos de falar, vestimentas, dentre outros.

Esta opção pela valorização dos bens culturais materiais está ligada a nossa história, pois estes bens servem para contar a história da classe dominante, valorizando a descendência europeia, em especial os colonizadores portugueses e ao mesmo tempo contribui para silenciar as histórias dos povos historicamente oprimidos na nossa sociedade, como negros e indígenas.

Atualmente, os bens culturas imateriais têm seu valor reconhecido e constam de **inventários participativos** e neste processo a participação da comunidade, que cria , modifica e preserva estes bens, é muito importante. As ações de Educação Patrimonial, em espaços escolares ou não, só são verdadeiramente democráticas se contarem com a participação popular.

São as comunidades que vivem nas cidades, nos bairros, sejam centros históricos ou nos locais mais afastados que precisam participar destas ações educativas para poder entender a importância destes bens culturais que fazem parte do seu cotidiano, sejam bens materiais ou imateriais, atuando para o conhecimento e a preservação destes bens.

Fontes consultadas:

Educação patrimonial e cidadania: uma proposta alternativa para o ensino de história, de José Ricardo Oriá Fernandes.

Outros espaços da cidade, outros protagonistas: descentralizando a educação patrimonial, de Ana Paulo Almeida e Katani Monteiro.

Fonte: Aula 2 - (Word)

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR AMADEU ARAÚJO
TURNO MATUTINO - 8º ANO A - 2023
PROFESSOR RESPONSÁVEL: ANGELO ESTEVAM BARBOSA NETO

TRABALHO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

1. Por que você escolheu este bem cultural como um dos mais importantes da Zona Norte de Natal?

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

2. TIRAR FOTOGRAFIAS DO COMPLEXO CULTURAL
   - AS FOTOGRAFIAS, NO MÁXIMO ATÉ 20 UNIDADES, DEVEM SER ENVIADAS PARA O E-MAIL: coordpfreire@gmail.com

3. FAZER UM VÍDEO SOBRE O COMPLEXO CULTURAL
   - O VÍDEO COM INFORMAÇÕES SOBRE O COMPLEXO CULTURAL, PODE TER ENTRE 5M E 10M DE DURAÇÃO E DEVE SER ENVIADO PARA O EMAIL: coordpfreire@gmail.com

4. ENTREVISTAR DUAS PESSOAS SOBRE O COMPLEXO CULTURAL:
   - AS ENTREVISTAS DEVEM SER FEITAS PREFERENCIALMENTE COM UM ADULTO E UM JOVEM E OS ENTREVISTADOS DEVEM ASSINAR AS AUTORIZAÇÕES
   - AS FICHAS DAS ENTREVISTAS E AS AUTORIZAÇÕES DEVEM SER DEVEM SER ENTREGUES MANUSCRITAS

Fonte: Trabalho de Educação Patrimonial - (Word)

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR AMADEU ARAÚJO
TURNO MATUTINO - 8° ANO A - 2023
PROFESSOR RESPONSÁVEL: ANGELO ESTEVAM BARBOSA NETO

TRABALHO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

NOME: _____

ENDEREÇO: RUA_____

Nº _____ - BAIRRO: _____ - NATAL/RN

IDADE_____ - PROFISSÃO_____

1. Qual o nome deste complexo cultural?

_____

_____

2. Que atividades ocorrem (ou ocorreram) neste complexo cultural?

_____

_____

_____

_____

3. Em sua opinião, que atividades poderiam ser realizadas neste complexo cultural?

_____

_____

_____

_____

4. Em sua opinião, qual a importância deste complexo cultural para a comunidade?

_____

_____

_____

_____

Fonte: Trabalho de Educação Patrimonial - (Word)

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR AMADEU ARAÚJO
TURNO MATUTINO - 8° ANO A - 2023
PROFESSOR RESPONSÁVEL: ANGELO ESTEVAM BARBOSA NETO

TRABALHO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

1. Por que você escolheu este bem cultural como um dos mais importantes da Zona Norte de Natal?

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

2. TIRAR FOTOGRAFIAS DA FEIRA DO NOVA NATAL
   - AS FOTOGRAFIAS, NO MÁXIMO ATÉ 30 UNIDADES, DEVEM SER ENVIADAS PARA O E-MAIL: coordpfreire@gmail.com

3. FAZER UM VÍDEO SOBRE A FEIRA DO NOVA NATAL
   - O VÍDEO COM INFORMAÇÕES SOBRE A FEIRA, PODE TER ENTRE 5M E 10M DE DURAÇÃO E O LINK DEVE SER ENVIADO PARA O EMAIL: coordpfreire@gmail.com

4. ENTREVISTAR DUAS PESSOAS SOBRE A FEIRA DO NOVA NATAL:
   - AS ENTREVISTAS DEVEM SER FEITAS PREFERENCIALMENTE COM UM ADULTO E UM JOVEM E OS ENTREVISTADOS DEVEM PREENCHER AS AUTORIZAÇÕES;
   - AS FICHAS DAS ENTREVISTAS E AS AUTORIZAÇÕES DEVEM SER DEVEM SER ENTREGUES MANUSCRITAS;

Fonte: Trabalho de Educação Patrimonial - (Word)

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR AMADEU ARAÚJO
TURNO MATUTINO - 8° ANO A - 2023
PROFESSOR RESPONSÁVEL: ANGELO ESTEVAM BARBOSA NETO

TRABALHO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

NOME: _____

ENDEREÇO: RUA_____

N° _____ - BAIRRO: _____ - NATAL/RN

IDADE_____ - PROFISSÃO_____

1. Por que você frequenta esta feira?

_____

_____

2. O que mais você gosta na feira livre de Nova Natal?

_____

_____

_____

_____

3. Em sua opinião, o que poderia ser feito para melhorar esta feira?

_____

_____

_____

_____

4. Em sua opinião, qual a importância da feira livre de Nova Natal?

_____

_____

_____

_____

Fonte: Trabalho de Educação Patrimonial - (Word)